



Leandro de Souza Câmara

**A aplicação do *Iter* formativo da Nova *Ratio* no
desenvolvimento da antropologia da vocação
presbiteral**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Teologia do Departamento de Teologia da
PUC-Rio.

Orientador: Prof. André Luiz Rodrigues da Silva

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2022



Leandro de Souza Câmara

A aplicação do *Iter* formativo da Nova *Ratio* no desenvolvimento da antropologia da vocação presbiteral

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. André Luiz Rodrigues da Silva
Orientador
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Abimar Oliveira de Moraes
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Joel Portela Amado
Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 2022.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Leandro de Souza Câmara

Licenciou-se em filosofia pelo Instituto de Ciências Humanas (Valparaíso de Goiás-GO) e em teologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio).

Ficha Catalográfica

CÂMARA, Leandro de Souza
A aplicação do Iter Formativo da Nova *Ratio* no desenvolvimento da Antropologia da Vocação Presbiteral / Orientador: André Luiz Rodrigues. – 2021.

124 f. ; 0 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2022.

Inclui bibliografia
1. Teologia Pastoral – Teses. 2. Formação Presbiteral. 3. Itinerário Formativo. 4. Processo Formativo 5. Seminário. 6. Renovação. 7. *Ratio Fundamentalís* 8. Papa Francisco I. SILVA, André Luiz Rodrigues da. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. IV. Título.

“CDD: 200”

Para os meus pais Francisco de Assis e Maria de
Fátima e minha irmã Lívia

Agradecimentos

“Sede bendito, Senhor Deus de nossos pais, digno de louvor e de eterna glória! Que seja bendito o vosso santo nome glorioso, digno do mais alto louvor e de eterna exaltação!” (Dn 3,52)

Ao meu orientador Pe. André Luiz Rodrigues da Silva, meu companheiro de missão e de jornada nesta pesquisa, que, como um mistagogo me introduziu neste itinerário ao inspirar com a ideia de que meu estudo pessoal na elaboração de um itinerário formativo para o seminário se tornasse uma pesquisa de pós graduação e muito me incentivou a levá-la a bom termo. Sem isso, essa dissertação não existiria

Ao Seminário Arquidiocesano de São José, meu campo de missão, onde vejo germinar o plano de Deus na vida de tantos jovens que desejam seguir a Cristo. Este trabalho quer ser uma expressão do meu amor às vocações sacerdotais e a esta casa de que tudo recebi e devo tudo o que recebi da Igreja.

Aos meus amados pais, Francisco de Assis e Maria de Fátima, por seu amor por mim, por investirem tudo o que puderam em minha educação e por muitas vezes me cobrar perseverança e diligência no andamento e conclusão deste ciclo.

A minha irmã Lívia, por ser exemplo de superação e de muitos outros valores para mim, por seu amor.

A Dom Orani Tempesta e Dom Roque pelo incentivo, apoio e pela hospitalidade com que me receberam para escrever boa parte desta pesquisa.

Ao querido Pe. Waldecir Gonzaga, pela amizade e incentivo sempre constantes e a todos os professores do Mestrado e funcionários do departamento de Teologia, pela receptividade sempre acolhedora.

Agradeço, em especial, a Professora Francilaide, aos Professores Pe. Luiz Fernando Santana, Pe. Abimar e Dom Antônio Luís Catelan e Dom Joel Portela, pelo apoio humano e espiritual.

Aos meus companheiros de missão pastoral, Pe. Alessandro Manoel, Pe. Alex Fonseca, Pe. Cristiano Siqueira, Pe. Fábio Luiz, Pe. Júlio Lopes, Pe. Leonardo Machado Pe. Pedro Israel, Pe. Rômulo Argento, Pe. Robson Atalah e Rogério Branco, pela colaboração e inventivo.

As Irmãs Lediane, Roziane, Gláucia, Lidia, Rivane e Gabriela, a Sra. Helenice, pelo incentivo e todo apoio humano neste projeto.

Ao amigo Thadeu Lopes pela amizade construída ao longo de todo processo de revisão e formatação, bem como aos colegas pastores e pastoras evangélicos(as), padres e leigos com os quais tive a alegria de conviver ao longo do curso.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Câmara, Leandro de Souza; Silva; André Luiz Rodrigues. **A aplicação do *Iter* formativo da Nova *Ratio* no desenvolvimento da antropologia da vocação presbiterial.** Rio de Janeiro, 2022. 125p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O processo de formação presbiterial é constituído por um itinerário que corresponde à vida do ministro sacerdotal desde o seu despertar vocacional até a conclusão de seus dias sobre a terra. Nesse percurso, encontram-se as etapas de formação inicial e permanente que se complementam, por se caracterizar como um processo que, além de unitário, é integral, enquanto inter-relaciona as dimensões humano afetiva, espiritual, pastoral e intelectual, do seminarista ao sacerdócio ministerial, num *iter* dinâmico, de modo a lhes favorecer o amadurecimento necessário para cumprir sua missão. O Seminário Arquidiocesano de São José do Rio de Janeiro possui um itinerário formativo elaborado a partir da “*Ratio Institutionis Sacerdotalis*: O dom da vocação presbiterial”, sobre o qual esta pesquisa se detém como o seu objeto material, elucidando a contribuição das etapas e das dimensões da formação para o desenvolvimento da antropologia da vocação presbiterial. Nesse sentido, a presente dissertação perpassa alguns autores patrísticos acerca da teologia e da práxis sacerdotal, os atuais desafios antropológicos para a formação presbiterial e o progressivo desenvolvimento humano e espiritual dos formandos ao longo do *iter* formativo. Distribuída em cinco partes, a pesquisa tem início, identificando a teologia do ministério presbiterial e seus traços antropológicos no testemunho patrístico da Didaqué, Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, Papias de Hierápolis, Hermas, Barnabé e Justino de Roma, prosseguindo por meio dos aspectos unitários e integrais do processo de formação, em que são desenvolvidos os temas das dimensões da formação e das etapas formativas da pastoral vocacional, do seminário menor, do propedêutico, do discipulado, da configuração e da síntese. Os aspectos teológicos e antropológicos do processo formativo encerram a pesquisa, ressaltando os desafios para o desenvolvimento do formando e as propostas para a sua maturação humana e vocacional.

Palavras-chaves:

Formação presbiterial; *Iter* formativo; Seminário; Formação Inicial e Permanente; *Ratio Fundamental*.

ABSTRACT

Câmara, Leandro de Souza; Silva; André Luiz Rodrigues (Advisor). **Application of the formation iter of the Nova *Ratio* in the development of presbyterial vocation's anthropology.** Rio de Janeiro, 2022. 125p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The process of priestly formation is constituted by an itinerary that corresponds to a priest's life from his vocation awakening to the end of his days on Earth. In this path, there are the stages of initial and permanent formation that complement each other. This can be characterized as a process that besides being unitary is also wholesome insofar as it interrelates the affective, spiritual, pastoral, and intellectual human dimensions in a seminarian life up to the priesthood within a dynamic *iter* whose aim is to encourage him towards the necessary maturity to accomplish his mission. The Archdiocesan Seminary of Saint Joseph in Rio de Janeiro has a formative pathway based upon the *Ratio Institutionis Sacerdotalis: The gift of the priestly vocation*, in which this research focuses as its material object, elucidating the contribution of the stages and dimensions of formation towards the development of an anthropology of the priestly vocation. In this context, this present work runs through some patristic authors' theologies and their related priestly praxis, the current anthropological challenges for priestly formation, as well as seminarians' onward human and spiritual development throughout their formation *iter*. Divided in five parts, this research's starting point describes priesthood theologies, and anthropological traits in the patristic testimony of Didache, Clement of Rome, Ignatius of Antioch, Polycarp of Smyrna, Papias of Hierapolis, The Shepherd of Hermas, Barnabas, and Justin of Rome, undertaking the unitary and integral aspects of the formation process in which dimension elements of formation, vocation ministries' formative stages, minor seminary, propaedeutic, discipleship, configuration and synthesis are developed. Theological and anthropological aspects of the formative process conclude this research as it highlights challenges regarding the development of the person being formed and proposals whose aims are human and vocation maturation.

Keywords:

Priestly training; formation *iter*; seminary; initial and ongoing formation; Fundamentalism *Ratio*.

Sumário

1. Introdução	13
2. Fundamentos patrísticos da formação sacerdotal	20
2.1. O perfil do sacerdote	20
2.1.1. As instituições ministeriais nos Padres Apostólicos e Primeiros Apologetas	20
2.1.2.1.	21
2.1.2.2. Clemente de Roma	24
2.1.2.3. Inácio de Antioquia	25
2.1.2.4. Policarpo de Esmirna	27
2.1.2.5. Pápias de Hierápolis	27
2.1.2.6. Hermas	28
2.1.2.7. Barnabé	29
2.1.2.7. Justino	30
2.2. Pressupostos antropológicos da formação sacerdotal nos Santos padres	30
2.2.1. Os valores espirituais do sacerdote	30
2.2.2. Valores humanos	33
3. As Dimensões da Formação Sacerdotal e o Itinerário Formativo	36
3.1. As dimensões da formação	38
3.1.1. Dimensão humano-afetiva	38
3.1.2. A dimensão Espiritual	46
3.1.3. Dimensão Pastoral	49
3.1.4. Dimensão intelectual	53
4. O itinerário formativo e suas etapas	56
4.1. Seminário Menor	56
4.4.1. Os desafios antropológicos da formação de seminaristas menores	61
4.2. Seminário Propedêutico	66
4.3. Discipulado	72
4.4. Configuração	79
4.5. Síntese	85
5. Pressupostos para o desenvolvimento da Antropologia da Vocação Presbiteral	88
5.1. Traços da antropologia da vocação cristã e suas implicações na formação sacerdotal em Luigi M. Rulla	88
5.2. Fundamentos para uma antropologia teológica	

do processo formativo	90
5.2.1. A autoaceitação no processo de identidade cristã	95
5.2.2. Os valores antropológicos da alteridade	98
5.2.3. A endopatia na autodoação	99
5.3. Elementos Antropológicos da Vocação Presbiteral	108
5.4. Os desafios antropológicos para formação presbiteral hoje	112
6. Conclusão	116
7. Referências bibliográficas	119

Lista de abreviaturas e siglas

Cân: Canône. Código de Direito Canônico.

CEC: *Catechismus Ecclesiae Catholicae*

CELAM: Conselho Episcopal Latino-Americano e do Caribe

CIC: *Codice Iuris Canonici*

CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

DAP: Documento de Aparecida

EG: *Evangelii Gaudium* (Encíclica do Papa Francisco)

EN: *Evangelii Nuntiandi* (de São Paulo IV, sobre a Evangelização)

Ex: Livro do Êxodo.

Gn: Livro do Gênesis

GS: *Gaudium et Spes* (Documento do Concílio Vaticano II)

Hb: Epístola aos Hebreus

Jo: Evangelho segundo São João

Lc: Evangelho segundo São Lucas

LS: *Laudato Si'* (Encíclica do Papa Francisco)

LG: *Lumen Gentium* (Documento do Concílio Vaticano II)

Mc: Evangelho segundo São Marcos

Mt: Evangelho segundo São Mateus.

OT: *Optatam Totius*. (Documento do Vaticano II)

Orgs: Organizadores

PdV: *Pastores Dabo Vobis* (Encíclica do Papa São João Paulo II)

PP. Papa

SC: *Sacrosanctum Concilium* (Documento do Concílio Vaticano II)

Índice de tabelas

Tabela 1: Tabela para um itinerário formativo

Tabela 2: Modelos teológicos e antropológicos da formação

Tabela 3: Modelos de formação (da perfeição à integração)

A pessoa madura não é alguém que basta a si mesmo, fechado em sua autosuficiência. Ela reconhece que precisa dos outros, confia em quem está perto a ponto de estar disposta a colocar a sua vida nas mãos de um Outro e a se deixar limitar até pela fraqueza dos demais.
Amedeo Cencini

1. INTRODUÇÃO

A realidade da formação presbiteral¹ é um dos temas mais caros a Igreja, dada a grave responsabilidade que significa o múnus de formar os futuros pastores. Trata-se de uma preocupação permanente que tem como cenário a natureza cristológica² da vocação presbiteral, pois Cristo instituiu o sacerdócio ministerial como um sacramento, através do qual os homens se configuram a Ele próprio; seu caráter apostólico, pois tendo vocacionado os doze formou-se a primeira comunidade formativa³, com todos os desafios de sua época⁴; e o fim a que se destinam: a missão de evangelizar os homens.

O arco para análise dos passos dados pela Igreja, desde a instituição do sacerdócio ministerial até os dias de hoje, é bastante extenso. Ainda que o desenvolvimento de um estudo sobre a história da formação presbiteral na Igreja seja relevante, não é este o nosso objetivo. Entretanto, recorrer a alguns dados históricos é sempre um recurso metodológico necessário para lúcida compreensão e desenvolvimento do tema.

Ao debruçarmos sobre o legado deixado pelo Concílio Vaticano II para formação presbiteral inicial e permanente⁵, constatamos que a Igreja abre grandes perspectivas para o melhor desenvolvimento do trabalho no fomento, acompanhamento, discernimento e formação das novas vocações presbiterais. Muitos frutos provenientes do Concílio contribuem para o desempenho dos formadores, a começar pelos bispos, que o são por excelência, e presbíteros. Um dos principais frutos é o da interdisciplinaridade, onde as ciências humanas contribuem positivamente no desenvolvimento das dimensões da pessoa enquanto vocacionada ao presbiterato e também da mística, da gradualidade e da integralidade do processo formativo.

O Concílio proporciona a constituição das conferências episcopais que corroboram para melhor reflexão da identidade eclesial e dos desafios da Igreja,

¹ O artigo intitulado “Os “padres novos” no Brasil. Aspectos históricos e a formação identitária” de autoria de ALZIRINHA SOUZA, contém um relatório atual de pesquisa que envolve as questões humanas e pedagógicas e oferece pistas para reflexão acerca do tema da formação presbiteral. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, 13, 3, p. 1207-1224, set./dez. 2021.

² JOÃO PAULO II, PP., PdV 16.

³ JOÃO PAULO II, PP., PdV 42.

⁴ JOÃO PAULO II, PP., PdV 05

⁵ Sobre a formação presbiteral inicial, o concílio elaborou o Decreto *Optatam Totius* (OT). E sobre o processo de formação permanente do presbítero, o Decreto *Presbyterorum Ordinis* (PO).

mesmo que diversificados, não só em nível nacional, mas continental. Neste sentido, mencionamos a Conferência Episcopal Latino Americana (CELAM), que em um processo aproximado de escuta, periodicamente se debruça sobre os desafios para missão da Igreja no continente, sob os mais diversificados aspectos da missão evangelizadora da Igreja e da sua pastoral. Com isso, a formação presbiteral reúne diversas reflexões e proposições acerca desta realidade pastoral que corroboram para melhor elaboração dos planos formativos em âmbito nacional e local.

A exortação apostólica de São João Paulo II sobre a formação presbiteral inicial representa para este campo um grande marco teológico e pastoral. Isso se deve ao legado deixado por São Paulo VI. Uma das mais belas realidades está na eclesiologia dos passos dados pela Igreja, em sua caminhada de diaconia, pois nos proporciona a perspectiva da continuidade e descontinuidade, salvaguardando a unidade e a diversidade em todos os aspectos da vida da Igreja. Neste sentido, a exortação representa um grande marco para continuidade da caminhada conciliar, oferecendo-nos a sistematização das dimensões da formação⁶, trazendo grande evolução didático-pedagógica para o desenvolvimento do processo formativo.

Desde então, todos os envolvidos na tarefa missionária de formar trazem consigo, além dos desafios que se apresentam para os vocacionados à vida presbiteral, uma grande necessidade de construir um itinerário formativo integral, progressivo e integrador, tendo por foco a pessoa em formação e todas as responsabilidades inerentes ao ofício a que se destinam abraçar.

⁶ “A formação humana dos padres revela a sua particular importância relativamente aos destinatários da sua missão: precisamente para que o seu ministério seja humanamente mais credível e aceitável, é necessário que ele modele a sua personalidade humana de modo a torná-la ponte e não obstáculo para os outros, no encontro com Jesus Cristo Redentor do homem; é preciso que, a exemplo de Jesus, que “sabia o que existe no interior de cada homem” (Jo 2, 25; cf. 8, 3-11), o sacerdote seja capaz de conhecer em profundidade a alma humana, intuir dificuldades e problemas, facilitar o encontro e o diálogo, obter confiança e colaboração, exprimir juízos serenos e objetivos.” JOÃO PAULO II, PP., PdV 43.

“A formação espiritual (...) seja ministrada de tal modo que os alunos aprendam a viver em íntima comunhão e familiaridade com o Pai por meio do seu Filho Jesus Cristo no Espírito Santo. Destinados a configurar-se a Cristo Sacerdote por meio da ordenação, habituem-se também a viver intimamente unidos a Ele, como amigos, em toda a sua vida. Vivam o mistério pascal de Cristo, de modo a saberem um dia iniciar nele o povo que lhes será confiado. Sejam ensinados a procurar Cristo por meio da fiel meditação da Palavra de Deus; pela participação ativa nos mistérios sacrossantos da Igreja, sobretudo na Eucaristia, e na Liturgia das Horas; por meio do Bispo que os envia e dos homens a quem são enviados, especialmente os pobres, simples, doentes, pecadores e descrentes. Com confiança filial, amem e venerem a Santíssima Virgem Maria que foi entregue por Jesus moribundo na cruz, como Mãe, ao seu discípulo” VATICANO II OT 08.

“A formação intelectual dos candidatos ao sacerdócio encontra a sua específica justificação na própria natureza do ministério ordenado e manifesta a sua urgência atual de frente ao desafio da “nova evangelização”, à qual o Senhor chama a Igreja no limiar do terceiro milénio.” PDV 51.

“Toda a formação dos candidatos ao sacerdócio é destinada a dispô-los de modo particular para comungar da caridade de Cristo, Bom Pastor.” JOÃO PAULO II, PP., PdV 57.

A colaboração das ciências humanas, favorece o advento da presença e da grande contribuição dos fiéis leigos para o processo formativo. A presença de especialistas nas ciências humanas, especialmente na área da psicologia, da psicopedagogia, fonoaudiologia, entre outras, ajuda a compreender a preocupação da Igreja com os desafios antropológicos, seus reflexos e perspectivas para formação. Esse advento corrobora para necessidade de uma comunhão eclesial entre as mais variadas expressões de carisma e serviço, para o bom cumprimento daquela que sempre foi uma das missões primordiais da Igreja: ser mãe e mestra.

Vê-se, com isso, o aprofundamento das dimensões da formação, a capacitação dos encarregados da missão de formar e a ereção de grandes centros e escolas de formação para formadores de seminários, além de cursos periódicos promovidos pela Santa Sé. Interpretando a práxis desta realidade, a Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil (CNBB), elabora duas grandes obras sobre a formação presbiteral⁷. Os bispos como primeiros responsáveis pela formação presbiteral inicial, traçam nos referidos documentos as linhas gerais e específicas que deverão nortear todo trabalho pedagógico dos formadores, desde a elaboração de um itinerário formativo, passando pela sua execução até chegar à pessoa do formando, visando proporcionar-lhe formação integral e personalizada.

O processo formativo da vocação presbiteral é constituído por duas grandes etapas: inicial e permanente. A presente pesquisa terá como objeto material o itinerário de formação inicial do Seminário Arquidiocesano de São José, inspirado na “*Ratio Institutionis Sacerdotalis*: O dom da vocação presbiteral” e a contribuição de suas etapas e dimensões da formação, para o desenvolvimento da antropologia da vocação presbiteral. Como objetivo, este trabalho propõe expor alguns testemunhos patrísticos acerca da vocação, os desafios antropológicos para formação presbiteral na atualidade, o progressivo crescimento humano dos formandos no *iter* formativo e o desenvolvimento de uma antropologia da vocação.

Para tanto, é trazida a abordagem da formação presbiteral em sua fase inicial, com todas as suas etapas formativas e o desenvolvimento integral da pessoa. Do ponto de vista formal, o trabalho visa desenvolver um plano de formação para todos que integram o processo formativo, a partir do que se dispõe na Nova *Ratio*, seus

⁷ CNBB. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2010. (Doc. 93); Diretrizes para formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2019 (Doc. 110).

reflexos antropológicos, não deixando de considerar os documentos precedentes sobre a formação presbiteral inicial.

A compreensão da *Ratio* é de que a formação presbiteral consiste numa unidade de percurso que engloba todas as fases da vida. É um caminho cotidiano de reapropriação de Jesus Cristo. Este caminho possui três grandes períodos: prévio ou da pastoral vocacional; formação inicial⁸ (Menor, Propedêutico, Discipulado, Configuração e Síntese); formação permanente (o Padre: jovem, na idade adulta e o idoso). O documento tem por escopo propor uma formação única, integral, comunitária e missionária, que engloba a etapa inicial e permanente da vida presbiteral, integrando entre si as quatro dimensões da formação propostas pela PdV: humano afetiva, espiritual, intelectual e pastoral.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo demonstrar o quanto esse itinerário contribui para a formação pessoal do presbítero, em suas esferas humana, emocional, relacional, de caráter e sexualidade, assim como para sua formação espiritual e pastoral. Sendo quatro os pilares contidos no iter formativo da Nova *Ratio*: em cada etapa que conduz a esses pilares, o aluno é trabalhado de forma integral, despertando, paralelamente, ao fundamental processo de autoconhecimento, para, a partir daí, aceitar o dom de si⁹.

Ao realizar pesquisas em estudos da teologia, percebe-se que houve, em determinado ponto da história, a necessidade de abrir novos caminhos, a partir de novos olhares, no que se refere aos processos formativos dos padres, deixando para trás os seminários e conventos como única fonte de aprendizado e desenvolvimento das éticas dos formandos. Isso ocorre pelas mudanças sofridas no mundo, cada vez mais complexo e envolto em crises desencadeadas pela superficialidade das relações, dos olhares, dos encontros, da comunicação e da forma de se auto conhecer e de olhar para o outro.

Contudo, novos cenários incitam novos percursos e, portanto, os desafios morais que permeiam a formação sacerdotal necessitam da amplitude de perspectivas tais como a psicologia, a pedagogia e a neurociência, dentre outras, para que possam ser estendidas as ações humanas em seus níveis fisiológico, psicossocial e racional-espiritual.

⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO CRITÃO, RIFIS 57.

⁹ A formação presbiteral à luz do pensamento ético-antropológico de Lima Vaz, George Luís Cardoso Silva e Jéferson de Jesus Teixeira. ANNALES FAJE, BELO HORIZONTE-MG, 5 N. 2 (2020). A Realização: um Desafio Ético e Político, p. 32-33.

Tal pensamento é defendido por Luigi M. Rulla. Através da leitura das obras do autor, percebe-se que ele entende como sendo a falta de maturidade afetiva um dos principais motivos ao abandono da vocação por parte dos sacerdotes¹⁰.

No que diz respeito à premissa que trata do perfil do sacerdote pelos aspectos da antropologia da vocação presbiteral, percebe-se que existe, no ofício do padre, necessários aspectos humanos específicos em relação a outras vocações. Daí afirmarmos que o maior desenvolvimento de tais atributos, ou perfil antropológico do padre vai muito além de questões de caráter hábil, pois se fazem necessários os dons e um eficaz programa formativo que vá de encontro a esses dons, lapidando-os¹¹.

Considerar a Nova *Ratio Fundamental* como, além da expressão do zelo do atual pontífice para com o ministério presbiteral, a mais elevada forma de disponibilidade do processo formativo através dos meios adequados para o amadurecimento integral do candidato ao sacerdócio ministerial para, a partir desse entendimento, se mostrar o programa formativo, com suas esferas e dimensões. Isso permite, neste trabalho, elencar apontamentos a respeito da aplicabilidade da Nova *Ratio* no que se refere ao seu iter formativo e à sua funcionalidade. Para tanto, foram também utilizados como base os estudos de autores como Gaston de Mézerville (2000), que fornece uma concreta visão acerca dos enfoques propostos pela psicologia e pelo magistério sobre a conceituação da maturidade nos planos humano e eclesial; José Rafael Prada Ramirez, (2013), que oferece a metodologia, passo-a-passo, para a aplicação da psicologia na formação sacerdotal; e as próprias citações do Vaticano encontradas no documento Nova *Ratio Fundamental*, de 2016.

A principal finalidade da base teórica desta pesquisa é alinhar os conceitos e percepções necessários para o entendimento teórico e também prático das principais abordagens que possam contribuir com o estudo proposto. Emergindo da contextualização apresentada, foi formulado o problema de pesquisa seguinte: Quais os valores do aspecto humano devem possuir os padres, que não se encontram em outras vocações e como desenvolver esse perfil antropológico, fundamentado na Nova *Ratio*?

¹⁰ RULLA, L. M., Antropologia da Vocação Cristã, p. 443-455.

¹¹ MENDONÇA, C. B. A.; OLIVEIRA, J. L. M., A Antropologia da formação inicial do presbítero, p. 10.

O processo de formação presbiteral é amplo, progressivo e unitivo. Trata-se de um itinerário percorrido em duas grandes etapas: a inicial e permanente. Por formação inicial entende-se a etapa que se desenvolve no período anterior ao da ordenação presbiteral, que se subdivide nas etapas de iniciação ou pastoral vocacional, propedêutico, discipulado, configuração e síntese.

Como a formação compreende o inteiro percurso de vida do presbítero, o objetivo central será ajudar o seminarista a adquirir convicção e responsabilidade sobre a escolha a ser feita em sua vida de forma definitiva¹². Para tanto, o itinerário deve estabelecer bases firmes gradualmente. No propedêutico, o *íter* terá por objetivo a identificação no seminarista de suas próprias forças e fraquezas e abertura ao transcendente com a introdução na vida de oração; no discipulado, realizar um trabalho intenso e sistemático sobre a própria personalidade, além da construção de uma vida espiritual (o aprendizado acerca dos diversos modos de oração); na configuração, trabalhar a perseverança da integração de suas forças e fraquezas num caminho de conversão sempre mais viva e estável ao Evangelho¹³; na síntese consolidar a liberdade em poder agir como uma ponte e não obstáculo do encontro dos homens com Cristo. Todas essas etapas de formação inicial levam em conta o desenvolvimento integral da pessoa do vocacionado em todas as suas dimensões¹⁴. É por isso que conferimos a este trabalho um enfoque antropológico e teológico da formação presbiteral.

A presente pesquisa tem por finalidade, desenvolver o tema da formação presbiteral, em cinco capítulos. O itinerário da pesquisa partirá de fontes patrísticas, especificamente as mais antigas, como por exemplo os Padres Apostólicos e alguns Padres Apologistas, em seguida aprofundaremos as dimensões do processo de formação presbiteral inicial, suas etapas, até chegar ao dado antropológico teológico da vocação.

No primeiro capítulo do desenvolvimento iremos recorrer às fontes patrísticas, tais como: Didaqué Clemente de Roma, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, Papias de Hierápolis, Hermas, Barnabé e Justino. E a partir do seu testemunho teológico acerca do ministério presbiteral, possamos identificar seus traços antropológicos teológicos. Neste capítulo, adotamos como recurso o retorno às fontes, tal como inspira-nos o Concílio Vaticano II, razão pela qual este projeto

¹² CONGREGAÇÃO PARA O CULTO CRISTÃO, RIFIS 33.

¹³ CIC 464.

¹⁴ LIBÂNIO, J. B., A Arte de formar-se, p. 139.

de pesquisa integra-se à Linha de Pesquisa Aplicação da metodologia patrística ao pensamento contemporâneo”, contida na Área de Concentração Teologia Sistemático Pastoral.

No segundo e terceiro capítulo, aprofundaremos os dois aspectos fundamentais em que se desenvolve o processo de formação presbiteral: o das dimensões da formação, humano afetiva, espiritual, pastoral missionária e intelectual; e o das etapas formativas, prévia ou pastoral vocacional, seminário menor, propedêutico, discipulado, configuração e síntese. Apresentaremos indicações dos objetivos específicos de cada etapa, perpassando as dimensões elencadas, de modo que o processo seja visto sob o prisma do desenvolvimento gradual e integral da pessoa do seminarista. Para tanto, será trazida a abordagem da formação presbiteral em sua fase inicial, com todas as suas etapas formativas e o desenvolvimento integral da pessoa.

No quarto capítulo, desenvolveremos o dado antropológico da vocação presbiteral e a mística do processo formativo, partindo na natureza humana, seus prolegômenos filosóficos e teológicos, os desafios da era atual para o desenvolvimento da pessoa em formação, e as perspectivas para integração e maturação da pessoa do vocacionado, através da contribuição das ciências humanas e da mística do processo formativo.

2. FUNDAMENTOS PATRÍSTICOS DA FORMAÇÃO SACERDOTAL

2.1. O perfil do sacerdote

As elucubrações de São João Crisóstomo sobre o sacerdócio¹⁵ possuem fino teor psicológico e moral. Em sua homilia sobre a aparição do Ressuscitado a Pedro, Crisóstomo apresenta o sacerdócio como um dom de Deus para sua Igreja, afirmando que o principal enlevo desta perícopa (Jo 21, 15-22), não é o grau de amor de Pedro a Cristo, mas o seu amor pela Igreja. Como o coração de Pedro era inteiramente conhecido por Jesus, era preciso que manifestasse a abundância do seu amor a ele e a sua Igreja. Na perspectiva da autodoação de Cristo, o sacrifício de sua vida, o derramamento do seu sangue para reconciliar o gênero humano com Deus e formar seu povo santo, convinha que Pedro confessasse o seu amor por Cristo através do cuidado para com as ovelhas do rebanho que lhe foi confiado. Sendo assim, a existência do sacerdote tem a primazia de ser um testemunho de amor de Cristo pela sua Igreja, cuja prova perpassa a doação da própria vida. Para Crisóstomo, a entrega da própria vida em favor do pastoreio das ovelhas do Senhor é a maior prova de amor que se pode manifestar a Cristo, traduzindo-se de modo prático no cuidado dos membros da Igreja. Deste modo, o sacerdócio assume um duplo significado: a manifestação do amor de Cristo pela sua Igreja e um testemunho eloquente do amor a Cristo¹⁶.

2.1.1. As instituições ministeriais nos Padres Apostólicos e Primeiros Apologetas

O testemunho patrístico acerca da ministerialidade, isto é, da distinção de como eram dispostos os ministérios e os carismas, constitui um axioma de suma

¹⁵ O termo ‘sacerdócio’ encontrado nas fontes patrísticas desta pesquisa, referentes ao ministério dos bispos e presbíteros, é reproduzido ao longo deste nosso trabalho sem deixar de levar em consideração a valorização dos caracteres batismal (que se referem ao sacerdócio comum exercido por todos os fiéis batizados) e ministerial (referente ao serviço ministerial exercido pelos bispos e presbíteros), como bem definiu a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG 10). A menção ao sacerdócio como um serviço ministerial, em especial neste capítulo, não prescinde dessa distinção estabelecida pelo concílio. Apenas reproduz literalmente o termo aplicado pelos autores patrísticos aos ministros ordenados de sua época.

¹⁶ JOÃO CRISÓSTOMO, Sobre o Sacerdócio, p. 41-42.

importância para o estudo do sacramento da ordem, nos seus três graus, mas não somente. A maneira como podem ser identificadas as instituições dos ministérios e como os carismas são confirmados denotam a consciência de uma igreja fiel a sua natureza e missão. Um corpo consciente que deve ser dom de Cristo, e por sua vez, dom de si mesmo para a salvação do mundo. Os escritos patrísticos, tão belos de se contemplar, transmitem a simplicidade daquele sentido real que habitava a consciência missionária dos cristãos, frente às necessidades da evangelização em sua época. Neles, percebe-se a preocupação de garantir à subsistência humana e espiritual de quem já tinha aderido a Jesus Cristo pela fé, bem como daqueles que viriam a aderir-lo.

Em tempos tão complexos, de distanciamento da essência para o apego às realidades tão voláteis, de maior busca pela aparência do que propriamente fiéis à própria raiz, é necessário que o estudo sobre a formação presbiteral inicial e permanente busque identificar a diversidade dos ministérios e carismas, não como elementos aparentemente monárquicos triunfalistas, mas como expressão genuína da caridade pastoral de Cristo.

À vista disso, este capítulo busca extrair dos Padres Apostólicos e Apologetas o modo como se apresentam alguns termos ao sacerdócio ministerial, que corroborem para a fundamentação da formação presbiteral integral nos dias atuais. Esta retomada às fontes mais primitivas, inspirada pelo Concílio Vaticano II, permite, por meio dos termos apóstolo, profeta, *episcopos*, *presbyter*, *sacerdos* e *mystagogos*, *didaskalos*, encontrados nos escritos da Didaqué, de Inácio de Antioquia, Clemente de Roma, Policarpo, Papias, Hermas, Barnabé e Justino, encontrar o itinerário capaz de sintetizar o múnus sacerdotal, em sua tríplice tarefa de santificar, ensinar e governar.

2.1.2.1. Didaqué

Datado entre os anos 80 e 100¹⁷ o catecismo da comunidade cristã primitiva é constituído por três partes. Também conhecida como, a doutrina dos apóstolos, Altaner afirma: “Tal doutrina destinava-se à instrução moral dos pagãos, desejosos de aderirem à Sinagoga como pessoas “tementes a Deus”¹⁸.

¹⁷ FRANGIOTTI, R., Padres apostólicos, p.155.

¹⁸ BERTHOLD, A.; STUIBER, A., Patrologia, p. 90.

A celebração eucarística está mencionada como realidade vital para a espiritualidade dos ministros: “Esse é o sacrifício do qual o Senhor disse: “Em todo lugar e em todo tempo, seja oferecido um sacrifício puro, porque eu sou um grande rei, diz o Senhor, e o meu Nome é admirável entre as nações”¹⁹. Esses ministros são diferenciados entre bispos, presbíteros, profetas e diáconos, muito embora as funções específicas não se encontrem bem definidas, pois como afirma Frangiotti: “É mesmo provável que, sob nomes diferentes, realizavam as mesmas funções. A pregação e a celebração da eucaristia são os dois atos principais”²⁰. Isto se justifica pelo fato de haver dois modelos de igreja neste período, o modelo judaico, no qual os sacerdotes, mestres da sabedoria e profetas desempenhavam seus múnus em caráter ministerial; e o modelo de igreja fora da palestina, cujo ministério estava inteiramente voltado para as necessidades da missão *ad extra* da igreja que se encontrava em franca expansão. Neste sentido, de uma igreja fora da palestina, pode-se associar àquele contexto presente nos Atos dos Apóstolos, em que os Apóstolos identificando a necessidade de dedicarem-se inteiramente ao serviço da pregação do Evangelho, instituíram os diáconos como responsáveis pelo serviço da caridade e das mesas.

O sacerdote como um ofício é mencionado nesta, conforme é conhecida ‘a doutrina dos apóstolos’, por três vezes. Pode-se encontrar entre as preocupações coletivas daquele período, expressa através do próprio escrito, a preocupação com a idoneidade moral dos ministros: “Escolham para vocês bispos e diáconos dignos do Senhor. Eles devem ser homens mansos, desprendidos do dinheiro, verazes e provados, porque eles também exercem para vocês o ministério dos profetas e dos mestres”²¹. A terceira parte da ‘Instrução dos Doze Apóstolos’, que corresponde aos capítulos 11 ao 15, elenca algumas orientações de caráter disciplinar acerca do ordenamento da vida comunitária e do compromisso social da igreja²².

¹⁹ DIDAQUÉ 14, 3.

²⁰ “E acrescenta na introdução ao escrito: A pregação parece ser reservada aos apóstolos e profetas. Parece que os profetas e doutores eram substituídos pelos episcopoi. Os profetas, como sumos sacerdotes para os fiéis, tinham direito ao dízimo e a render graças após a celebração, à vontade. Tem-se a impressão que uma hierarquia começava a se formar na base dos episcopoi e diáconoi, aos quais se juntavam em certas ocasiões, principalmente para a pregação e o ensino, o apóstolo, ou o profeta ou o doutor. Só os episcopoi e os diáconoi são objeto de uma eleição e de uma espécie de consagração. Não há nenhum sinal de um episcopado monárquico e nunca se menciona a palavra presbíteroi”. FRANGIOTTI, R., Padres apostólicos, p. 156.

²¹ DIDAQUÉ 15, 1-2.

²² DIDAQUÉ 11-15.

No capítulo 11 o sacerdote aparece identificado com a figura do *mystagogo* e como tal deve ser recebido como ao Senhor²³, cujo critério para ser reconhecido como legítimo apóstolo e profeta, é “ser fiel a tudo que já foi dito antes nas escrituras e tenha por princípio o Evangelho, que estabeleça entre todos a justiça e o conhecimento do Senhor, que viva como o Senhor, que pratique o que ensina, em caso de perversão da doutrina exposta por um falso profeta, este deve ser recusado”²⁴. Além do critério doutrinário, existe o critério moral que distingue o múnus de ensinar do *sacerdos mistagogo*: que não seja para a comunidade um peso, mas um hóspede: “Ele não deverá ficar mais que um dia ou, se for necessário, mais outro. Se ficar por três dias, é um falso profeta”²⁵; que não explore financeira nem afetivamente os fiéis para sua subsistência, tampouco em benefício próprio, mas que a exemplo do senhor seja um dom de si, do contrário é reconhecidamente um falso profeta: “Ao partir, o apóstolo não deve levar nada, a não ser o pão necessário até o lugar em que for parar. Se pedir dinheiro, é um falso profeta”²⁶. A solicitação aos fiéis de donativos aos necessitados é única circunstância estabelecida como impassível de julgamentos: “Se alguém disser sob inspiração. “Dê-me dinheiro” ou qualquer outra coisa, não o escutem. Contudo, se ele pedir para dar a outros necessitados, então ninguém o julgue”²⁷. O compromisso moral dos fiéis com a prerrogativa disciplinar do ministro, está no nível dos pecados imperdoáveis: “Não coloquem à prova nem julguem um profeta que em tudo fala sob inspiração, pois todo pecado será perdoado, mas esse não será perdoado”²⁸. Já a transgressão do ministro às suas funções e a moral que imputa sua autoridade sagrada, é julgada diretamente por Deus: “Todo profeta comprovado e verdadeiro, que age pelo mistério terreno da Igreja, mas não ensina a fazer como ele faz, não será julgado por vocês. Ele será julgado por Deus. Assim também fizeram os antigos profetas”²⁹.

No capítulo 15, em que reflete propriamente sobre a vida comunitária com instruções acerca das relações interpessoais e correções entre irmãos: “Corrijam-se mutuamente, não com ódio, mas com paz, como vocês têm no Evangelho. E ninguém fale com nenhuma pessoa que tenha ofendido o próximo; que essa pessoa

²³ DIDAQUÉ 11, 4.

²⁴ DIDAQUÉ 11, 1-10.

²⁵ DIDAQUÉ 11, 5.

²⁶ DIDAQUÉ 11, 5-6.

²⁷ DIDAQUÉ 11, 12.

²⁸ DIDAQUÉ 11, 7.

²⁹ DIDAQUÉ 11, 11.

não escute nenhuma palavra de vocês, até que se tenha arrependido”³⁰, a celebração dominical e ordenações de bispos e diáconos, no que refere-se a condição do bispo e do diácono esta é posta em condição de igualdade à dignidade dos profetas e dos mestres, cujas qualidades que devem ser atestadas são: a mansidão, a liberdade em relação aos bens materiais e fidedignos: “Escolham para vocês bispos e diáconos dignos do Senhor. Eles devem ser homens mansos, desprendidos do dinheiro, verazes e provados, porque eles também exercem para vocês o ministério dos profetas e dos mestres”³¹.

A preocupação com o respeito a ser devotado pelos fiéis aos bispos e diáconos, posta em relevo no versículo 2: “Não os desprezem, porque entre vocês eles têm a mesma dignidade que os profetas e mestres”³². Isso justifica-se pelo fato de haver ministros investidos do múnus de supervisionar (*episcopo*) e de serviço à caridade presentes nas comunidades cristãs fora da palestina, que eram escolhidos de modo democrático e que para tal escolha eram previstos requisitos. Frangiotti, em seu comentário à divergência identificada nos fiéis da Palestina em relação aos ministros da igreja fora da Palestina, afirma: “Toda comunidade vive na tensão entre a tradição e a missão. Tradição significa ser fiel ao compromisso com o projeto de Jesus, e a missão significa encarnar esse projeto, respondendo aos desafios de cada tempo e lugar. Essa tensão se resolve quando mantemos um olho no Evangelho e o outro na vida”³³.

2.1.2.2.

Clemente de Roma³⁴

Clemente de Roma está presente na lista de Santo Irineu como terceiro sucessor do apóstolo São Pedro no período entre os anos de 96 e 98. Encontra-se nos escritos de sua primeira carta aos Coríntios³⁵ a ideia de um presbitério instituído pelos apóstolos segundo a vontade de Jesus Cristo, com os três graus hierárquicos bem definidos a serviço e em missão para construção da unidade. Tal realidade, visa proteger a unidade de divisões e discórdias contra a Igreja de Cristo, em razão de uma grande contenda ocorrida no ceio da comunidade da parte de alguns

³⁰ DIDAQUÊ 15, 3.

³¹ DIDAQUÊ 15, 1.

³² DIDAQUÊ 15, 2.

³³ FRANGIOTTI, R., Padres apostólicos, p. 169.

³⁴ FRANGIOTTI, R., Padres apostólicos, p. 9.

³⁵ FRANGIOTTI, R., Padres apostólicos, p. 11.

membros contra presbíteros. O tema da hierarquia também aparece, ensinado à comunidade cristã de Corinto, como uma realidade sagrada querida por Deus em que se expressa a realidade de corpo, de povo de Deus³⁶.

2.1.2.3.

Inácio de Antioquia³⁷

Vivendo na condição de prisioneiro em Antioquia, a caminho de Roma entre os anos 107 e 110, Inácio elucida o tema da santidade dos ministros, em seus escritos endereçados aos cristãos das comunidades que orientava com suas cartas pastorais. O tema da unidade com Deus, com Cristo e dos cristãos com o episcopo é o ponto de gravitação de todo conteúdo de suas mensagens. Os ministros são identificados em suas cartas como episcopos, presbíteros e diáconos. Para Inácio, esta santidade consiste no reflexo da imagem de Cristo na vida do ministro, no modo com que vive o ministério. Como construtores da unidade, os ministros são como Cristo, aos quais os fiéis devem amar e respeitar. Especialmente em relação ao episcopo, Inácio identifica-o como a figura do Pai, cujos anciãos, pela aliança ao colégio apostólico, representam o senado de Deus.

O caráter institucional do ministério pastoral evidencia-se, nas cartas de Inácio, sobretudo, por meio do papel do episcopo na comunidade cristã. A função episcopal é referida através do termo episcopo, que aparece 68 vezes ao longo de suas cartas. Nelas se destaca o múnus de governar. As cartas de Inácio constituem o testemunho mais primitivo do ministério ordenado em três graus distintos no múnus, mas unívocos na essência. Em Inácio, o bispo é regente da Igreja, bem como supervisor, conforme o próprio termo grego episcopo pode significar. A eucaristia e o sacerdócio são realidades únicas³⁸.

Em sua carta à comunidade de Efésios, a obediência a Cristo por intermédio do bispo é apresentada como ato de glorificação do fiel a Cristo que nos glorificou com sua vida, exortando-lhe a caminhar em unidade de pensamento de Deus, tal como Cristo está no pensamento do Pai e o bispo está no pensamento de Jesus Cristo³⁹.

³⁶ CLEMENTE DE ROMA, Primeira Epístola aos Coríntios, 41-44.

³⁷ 'Embora oriundo de Antioquia, seu nome deriva do latim: *igne* (fogo), e *natus* (nascido). *Ignacius* é bem o homem nascido do fogo, ardente, apaixonado pelo Cristo, pela Igreja, pela unidade e pelo desejo de imitação de seu mestre.' FRANGIOTTI, R., Padres apostólicos, p. 38.

³⁸ VVAA., Dicionario del Sacerdocio, p. 571.

³⁹ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Carta de Inácio aos Efésios 3,1-2.

O tema da familiaridade com o bispo se expressa em Inácio através do vínculo místico que se estabelece espiritualmente por meio do sacramento e supera em muito qualquer liame humano. Tal unidade se cumpre na submissão a Cristo, que é o bispo⁴⁰, e, que na carta aos Tralianos, se estende aos anciãos e aos diáconos⁴¹. Aqui constata-se o caráter da pertença afetiva, por vezes ausente nos dias de hoje através de um engajamento tão somente efetivo, realidade de crise institucional presente na contemporaneidade e alertada já no início da era cristã. A unidade é apresentada como realidade vital para vida de fé⁴², que se expressa através da fidelidade ao bispo⁴³, como as cordas estão unidas a lira⁴⁴, como caminho do seguimento do discípulo ao Mestre⁴⁵.

Recordando a condição de vacância da igreja na Síria, Inácio convoca a comunidade dos Romanos à unidade e fidelidade a ele, seu bispo, nas orações pelos irmãos que naquela comunidade terão o próprio Jesus Cristo e seu amor como bispo⁴⁶.

Aos Magnésios, são dedicados 7 capítulos referentes ao tema do respeito ao bispo: em âmbito moral, exortando à reverência em relação ao seu ofício e até mesmo em relação a sua idade⁴⁷, em relação à vivência da fé e dos costumes de forma autônoma em relação aos seus ensinamentos e conselhos⁴⁸.

O elogio ao bispo através do destaque de sua condição de servidor, mostra que Inácio, ao dirigir-se aos Filadelfienses, evidencia que o ministério episcopal não é uma honra, uma atribuição obtida por qualquer prestígio ou reconhecimento humano, mas uma grave responsabilidade que se impõe sobre quem é escolhido para servir aos fiéis como Cristo serviu ao Pai e à humanidade. Neste trecho, a humildade do bispo, ao colocar-se como servo em relação a Deus e aos seus semelhantes, vem do seu silêncio, de sua escuta ao Senhor que o torna tão afinado aos mandamentos como a cítara às cordas⁴⁹.

⁴⁰ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Inácio aos Efésios 13,1-2.

⁴¹ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Inácio aos Tralianos 2-5.

⁴² INÁCIO DE ANTIOQUIA, Inácio aos Efésios 5,1-3.

⁴³ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Inácio aos Romanos 9,1-3.

⁴⁴ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Inácio aos Efésios 4,1.

⁴⁵ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Inácio aos Erminiotas 8-9.

⁴⁶ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Inácio aos Romanos 9, 1-3.

⁴⁷ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Inácio aos Magnésios 3,1-2.

⁴⁸ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Inácio aos Magnésios 4.

⁴⁹ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Inácio aos Filadelfienses 1, 1.

2.1.2.4. Policarpo de Esmirna

Investido bispo de Esmirna pelo apóstolo São João, Policarpo recebe instruções de Inácio de Antioquia acerca dos seus deveres episcopais do empenho que deverá dedicar às igrejas na difusão das cartas pastorais às comunidades. Várias cartas de sua autoria foram escritas a bispos, dentre as quais a que restou e que se pode encontrar até hoje é a endereçada aos filipenses⁵⁰.

O zelo pastoral para com as ovelhas da comunidade dos filipenses, manifestado através do cuidado do bispo com a formação e perseverança dos fiéis na sã doutrina, manifesta-se na cuidadosa exortação e combate às falsas doutrinas⁵¹, provavelmente as heresias docetistas, que negavam a encarnação e a morte de Cristo. Nessa epístola, ele defende a organização da igreja local governada por presbíteros e diáconos exortando-lhes à obediência:

De igual forma, que os diáconos sejam irrepreensíveis diante da justiça dele. São servidores de Deus e de Cristo, e não dos homens. Que não caluniem, nem sejam dúplices nem amantes do dinheiro. Sejam castos em todas as coisas, misericordiosos, zelosos, andando segundo a verdade do Senhor, que se tornou servidor de todos. Se o aguardarmos neste mundo, ele nos dará em troca o tempo futuro, pois ele nos prometeu ressuscitar-nos dentre os mortos, e, se a nossa conduta for digna dele, também reinaremos com ele, se tivermos fé.” (Carta aos Filipenses 5,2)⁵².

2.1.2.5. Pápias de Hierápolis

Pápias, bispo de Hierápolis, viveu entre os anos 70 e 140, acompanhou Policarpo e foi ouvinte de São João, companheiro de São Policarpo. O que se pode conhecer sobre a sua relação com o termo episcopo, é que foi investido desse ministério e entende os apóstolos como presbíteros do Senhor⁵³.

⁵⁰ BERTHOLD, A.; STUIBER, A., *Patrología*, p. 60-61.

⁵¹ POLICARPO DE ESMIRNA, Primeira carta aos filipenses 8, 1.

⁵² POLICARPO DE ESMIRNA, Primeira carta aos filipenses 5, 2.

⁵³ FRANGIOTTI, R., *Padres apostólicos*, p. 151.

2.1.2.6. Hermas

Reconhecido pela sua grande preocupação de que o pecador batizado encontre o perdão de Deus para os seus pecados, teve sua obra considerada como divinamente inspirada, chegando até mesmo a compor o cânon do Novo Testamento. O ‘Pastor’, como é conhecido, não se dedica à apologia da doutrina da fé, mas à moral, doando sua vida e seus escritos ao anúncio da misericórdia a partir da prática da penitência e da conversão pelos batizados. Não é identificado que para Hermas o batismo tenha um poder redentor, recebido uma única vez, mas de uma busca pela reconciliação com Deus, a fim de que o fiel recobre a condição original impressa pelo batismo, a da amizade com Deus. Atribui-se a ele uma experiência mística, questionada por alguns pesquisadores quanto a sua historicidade, na qual o Pastor ao ver a ruína de sua casa, recebe um convite à penitência vindo de uma mulher que lhe investirá da missão de corrigir a sua casa, mas estender essa mensagem celeste de conversão aos presbíteros e a todos os cristãos:

Durante minha oração, o céu se abriu e vi aquela mulher que havia desejado. Do céu, ela me saudou: “Bom dia, Hermas”. Olhei para ela e falei: “Senhora, que fazes aí?” Ela me respondeu: “Fui transportada para denunciar ao Senhor os teus pecados.” Eu disse: “Então, agora és a minha acusadora?” Ela respondeu: “Não! Ouve as palavras que te vou dizer: Deus, que habita nos céus, que do nada criou os seres, que os multiplicou e os fez crescer em vista da sua santa Igreja, está irritado contigo, porque cometeste falta contra mim.” Então eu lhe respondi nestes termos: “Cometi falta contra ti? Em que lugar e quando, alguma vez te dirigi palavra desonrosa? Por acaso, não te considereei sempre como deusa? Por acaso, não te tratei sempre como irmã? Mulher, por que me acusas falsamente de maldade e impureza?” Sorrindo, ela me disse: “O desejo da maldade entrou no teu coração. Não te parece que, para um homem justo, é prejudicial ter no coração o desejo da maldade? É falta, e grande, porque o homem justo tem pensamentos justos. É mediante esses pensamentos justos que ele aumenta sua glória nos céus e faz que o Senhor lhe seja indulgente para com todos os seus atos. Aqueles, porém, que são maus no coração, só atraem para si morte e prisão, sobretudo aqueles que passam esta vida se vangloriando de suas riquezas e não se interessam pelos bens futuros. As almas deles se arrependem, daqueles que, não tendo esperança, se desesperaram de si mesmos e da própria vida. Quanto a ti, reza a Deus. Ele curará teus pecados e os pecados de toda a tua família e de todos os santos⁵⁴.

O termo presbítero aparece nessa visão como um grupo dentre os cristãos investido de uma função ministerial e também dotado dos mesmos compromissos de fé que os demais cristãos⁵⁵. Em Pastor de Hermas, é identificado o múnus de

⁵⁴ HERMAS 1, 4-8.

⁵⁵ FRANGIOTTI, R., Padres apostólicos, p. 78.

santificar do ministério presbiteral. A figura desta mulher, presente na visão do Pastor, pode ser identificado com a própria Igreja, que lhe revela o mistério de Cristo, diante do qual, a consciência se confronta para a contrição. No contexto dessa visão, é possível contemplar o múnus de ensinar e santificar da Igreja, que ilustra a relevância da presença da mulher na comunidade eclesial e sua missão.

O papel da mulher na comunidade cristã como um todo, é reflexo da identidade da Igreja: *Mater e Magister*. E neste sentido, embora a mulher não seja ministra ordenada, por sua missão e carisma, pode ser encontrado nela o múnus de reger e santificar (sua maternidade) e ensinar (seu magistério). No contexto do projeto formativo, essa carta pode ensinar a compreender a Igreja como mãe e mestra, bem como a valorização da presença feminina no processo de formação, tendendo a desenvolver aquela humanização necessária entre os candidatos ao presbiterado.

2.1.2.7. Barnabé

Destaca-se em sua carta a explicitação dos apóstolos como homens escolhidos por Deus e cujos pecados são inúmeros, para evidenciar que o Senhor veio chamar os pecadores e não os justos. E associando a humanização de Deus na encarnação ao mistério da redenção humana, indaga como poderia ser possível ao homem ver a Deus⁵⁶:

Com efeito, se não se tivesse encarnado, como os homens poderiam ter sido salvos ao vê-lo, uma vez que eles não podem levantar os olhos para olhar de frente os raios do sol, que todavia um dia deixará de existir e que é tão-somente obra de suas mãos (Carta a Barnabé 5, 8-10)⁵⁷.

Em Barnabé, pode-se intuir que antropologia da vocação cristã está radicada no mistério da encarnação de Deus. Esse manifesta no homem ferido de pecado a obra de redenção, refletida concretamente em sua carne na própria identificação de suas fraquezas iluminadas e redimidas pela realidade do chamado, da experiência vocacional primeira do ser humano a ser de Cristo, e depois a de servi-lo.

⁵⁶ FRANGIOTTI, R., Padres apostólicos, p. 137.

⁵⁷ Carta a Barnabé 5, 8-10.

2.1.2.7. Justino

Justino nasceu no ano 100 na Samaria e frequentou distintas escolas de filosofia grega. É reconhecido pela tradição como o maior dos Padres Apologetas. Destaca-se em suas obras o exercício do magistério pastoral do ministro, em seu múnus de ensinar aos fiéis o amor à verdade e a doutrina que dela emana.

O termo mestre, em grego *δάσκαλος*, aparece em seus escritos por 35 vezes. Na primeira, Justino apresenta Cristo como o mestre a quem deve ser confessada a pertença do cristão⁵⁸, neste ensinamento identifica-se o caráter institucional do ensino e aprendizado. A Celebração da Eucaristia, aparece descrita por Justino dos capítulos 65 a 67 da Apologia I, como parte integrante do múnus de santificar⁵⁹.

2.2. Pressupostos antropológicos da formação sacerdotal nos Santos padres

A partir dos mais variados elementos relacionados ao ministério presbiteral nos padres, pode ser constatada a preocupação da igreja desde os tempos mais remotos com a qualidade do exercício do ministério que está intimamente ligada às virtudes humanas e espirituais que são requeridas nos ministros sagrados.

2.2.1. Os valores espirituais do sacerdote

As virtudes cristãs da fé e da esperança são a primeira condição para o ministro no exercício de sua missão de pastor e guia da comunidade (Hb 13,7). Nos escritos dos santos padres, estas se fazem presente como requisitos para a adesão consciente e pública da doutrina, para o exercício do magistério pastoral, do pastoreio e da missão de santificar do sacerdote. Já a virtude cristã da caridade é postulada no sacerdote desde seu ato de entrega para o serviço do Reino, até o exercício de seu ministério na afabilidade com que acolhe as pessoas em sua integralidade de gestos e costumes⁶⁰.

⁵⁸ JUSTINO, Apologia I 4, 7.

⁵⁹ JUSTINO, Apologia I, 65-67; PRADO, A. C., Considerações Sobre a Liturgia Segundo São Justino, p. 18.

⁶⁰ VVAA., Dicionario del Sacerdocio, p. 576.

As virtudes cristãs na vida do sacerdote são essenciais para compreensão do conceito de espiritualidade sacerdotal hoje, mas não somente. O tema da identidade e da vivência sacerdotal são mais remotos do que se possa conjecturar. Isto porque os padres da igreja, ao falar de espiritualidade, uniram a identidade e a vivência por meio da profunda relação com o mistério de Cristo; na explicitação dos ministérios na perspectiva do serviço, isto é, da diaconia da Igreja à caridade pastoral de Jesus Cristo; da familiaridade que se expressa na constituição de uma comunidade presbiteral, isto é, o presbitério, junto ao bispo, cuja função é de pai e pastor; na intimidade com Deus através da vida de oração radicada na experiência da contemplação, meditação e pregação da Palavra de Deus; nonexo fulcral entre vida e mistério eucarístico que deve expressar a vida do presbítero; na grave missão de participar do múnus pastoral de governar no bispo; a liberdade oratória e a certeza moral, que decorrem da configuração total e radical a Jesus Cristo e consequente presença do Espírito Santo em sua ação ministerial, em virtude do ministério investido⁶¹.

A união entre identidade e vivência traduz-se por intermédio da metodologia de associação do sinal ao mistério, isto é, pela relação entre a imagem e o sacramento numa perspectiva icônico-sacramental. Neste sentido, em diversos escritos patrísticos encontra-se a relação da atividade ministerial com a ação redentora, bem como identificados como imagem e sinal do próprio Cristo: “Encontro aqui todos os pastores bons no único pastor. Os pastores bons não faltam, mas estão no Único”⁶².

O testemunho da caridade é essencial para o exercício do ministério da pregação. Segundo São Gregório Magno este é o testemunho credível que os ministérios requerem por parte dos que lhe são investidos, pela humildade e pela caridade, tornando-se traços perenes da Igreja e de sua diaconia a Cristo⁶³.

A concepção do presbitério de uma Igreja como família, reforça consciência de que deve haver um espírito de comunhão que se expressa através da concórdia e do espírito de mútua colaboração entre os presbíteros. Em Inácio de Antioquia, a relação do epíscopo com os presbíteros é bastante latente, de modo que a unidade entre ambos se expressa através da imagem da lira e suas cordas: “Convém

⁶¹ GAMARRA. S., Manual de espiritualidad sacerdotal, p. 28-30.

⁶² AGOSTINHO, Sermão 46, 13, 30: PL 38,327. In GAMARRA. S. Manual de espiritualidad sacerdotal, Monte Carmelo. Burgos 2008. p. 28.

⁶³ GREGÓRIO MAGNO, In Ev hom. 67,1: PL 76,1139. In GAMARRA. S. Manual de espiritualidad sacerdotal, Monte Carmelo. Burgos 2008. p. 28.

caminhar de acordo com o pensamento de vosso bispo, como já o fazeis. Vosso presbitério, de boa reputação e digno de Deus, está unido ao bispo, assim como as cordas à cítara.” E para reafirmar a comunhão de sentimentos como elemento gerador de comunhão eclesial, acrescenta: “Por isso, no acordo de vossos sentimentos e na harmonia de vosso amor, vós podeis cantar a Jesus Cristo”⁶⁴.

Orígenes afirmou em uma de suas homilias : “Foi necessário que primeiramente o Salvador se tornasse mestre da interrogação instruída, para que posteriormente respondesse às interrogações, segundo a razão e a Palavra de Deus”.⁶⁵ Neste contexto, Orígenes afirma a primazia da Palavra de Deus na vida do ministro, que tem o múnus de ensinar, sendo o primeiro a aprender com a Palavra, a qual irá instruir os fiéis, deixando-se ensinar por Deus e por seu Espírito através da contemplação, meditação e pregação, com o objetivo de transmitir integralmente a mensagem da Revelação⁶⁶.

“Toma consciência do que vais fazer e põe em prática o que vais celebrar, conformando tua vida ao mistério da cruz do Senhor”⁶⁷, tais palavras, contidas no Rito de Ordenação Presbiterial encontram seu fundamento nos ensinamentos dos Padres da Igreja no que diz respeito à íntima relação que deve haver entre a vida do presbítero e o culto eucarístico: “Quanto a nós, nossa maneira de pensar está de acordo com a Eucaristia e a Eucaristia confirma nossa doutrina. Pois lhe oferecemos o que já é seu, proclamando, como é justo, a comunhão e a unidade da carne e do Espírito”⁶⁸. Era preciso conhecer profundamente o mistério celebrado, aproximando-se do mistério e exercendo o múnus de santificar com o coração puro, com o corpo e a alma sem macha: “Portanto, os sacrifícios não santificam o homem, pois Deus não precisa de sacrifício, mas a consciência de quem oferece santifica o sacrifício, se é pura faz com que Deus o aceite como provindo de um amigo. “Pecador, porém — diz —, é quem mata para mim um bezerro como mataria um cão”⁶⁹. Pois o sacrifício eucarístico torna pleno aquele que o celebra: “Sacrifício puro e aceito por Deus é a oblação da Igreja, tal como o Senhor lhe ensinou a

⁶⁴ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Inácio aos Efésios 4,1. GAMARRA. S. Manual de espiritualidad sacerdotal, Monte Carmelo. Burgos 2008. p. 29.

⁶⁵ ORÍGENES, Homilias sobre o Evangelho de São Lucas, Homilia 19,6.

⁶⁶ GAMARRA. S., Manual de espiritualidad sacerdotal, p. 29.

⁶⁷ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Pontifical Romano.

⁶⁸ IRINEU DE LIÃO, Contra as Heresias, 18, 5.

⁶⁹ IRINEU DE LIÃO, Contra as Heresias, 18, 4.

oferecer em todo o mundo. Não por necessitar de nosso sacrifício, e sim porque o ofertante se enche de glória quando o seu dom é aceito.”⁷⁰

Destarte, para reafirmar ainda mais o valor do mistério eucarístico na vida do presbítero que o celebra no exercício de seu múnus de santificar, a teologia contemporânea tem buscado inspiração no testemunho dos teólogos mais primitivos. Bruno Forte, um exemplo dessa tendência, afirma:

É também pela Eucaristia que o Pão dos peregrinos nutre no presbítero a caridade que o faz imagem do Bom Pastor e o torna testemunha credível e contagiosa da esperança que n’Ele, o Ressuscitado dos mortos nos manifestou e deu⁷¹.

A participação do presbítero no governo do bispo é outra realidade presente na espiritualidade sacerdotal que se fundamenta nas virtudes espirituais do ministro ordenado. São Gregório afirmou que os escolhidos para serem ministros devem estar devidamente preparados para governar as almas:

Ninguém pode presumir de ensinar uma arte senão depois de tê-la apreendido por meio de um estudo atento e meditado. Visto que o governo das almas é a arte das artes, quão grande é a temeridade dos que assumem o magistério pastoral sem ser para isso preparados!⁷².

2.2.2. Valores humanos

As qualidades humanas são o substrato para a aquisição das virtudes sobrenaturais. A formação humana do candidato ao ministério ordenado é a base para a própria vida ministerial porque promove o crescimento global da pessoa nas virtudes humanas. De modo geral, é possível afirmar que o objetivo real do desenvolvimento humano do ministro visa fazê-lo alcançar as virtudes de Cristo. Pontua-se que o comportamento humano do presbítero deve servir de mediação para a aproximação das pessoas com Cristo, e não um obstáculo para comunhão dos homens com Deus.

Desse modo, coloca-se que a dimensão humano-afetiva, posteriormente aprofundada neste estudo, corresponde à parte da formação do fiel que o instiga a seguir fielmente o exemplo de Cristo na definição de suas ações, do seu comportamento e no controle de suas ações por meio da inteligência. Esse indivíduo

⁷⁰ IRINEU DE LIÃO, *Contra as Heresias*, 18, 1.

⁷¹ FORTE, B., *A vida espiritual do padre*, p. 128.

⁷² GREGÓRIO MAGNO. *Regra Pastoral* 1, 1.

deve concluir sua formação pastoral como um servo de Cristo empático, caridoso, pacífico, humilde, que reconhece a sua insuficiência mediante a grandeza do ministério, forte e estável, com senso religioso e de justiça. Os padres João Crisóstomo e Gregório Magno expressaram em seus escritos que, na qualidade de homem, é preciso que o sacerdote, para que seja considerado digno do múnus que desempenha, já seja dotado de virtudes humanas pontuais que possam classificá-lo como uma pessoa exemplar e caracterizado pelo compromisso, pela bondade, pela alteridade refletida na comunhão com Deus, através da entrega generosa e pela responsabilidade no cumprimento de todas as ações em que se envolve, agindo em prol do cuidado pastoral de sua comunidade e não apenas de si mesmo ou dos seus⁷³.

Os requisitos para um aprofundado escrutínio a ser realizado na escolha dos sacerdotes podem ser encontrados, por exemplo em São Joao Crisóstomo, que enumera os requisitos necessários para a escolha do pastor de almas. M. R. Tutas afirmou em seu artigo: “No seu tratado *Sobre o Sacerdócio*, Crisóstomo insiste sobre as qualidades espirituais do candidato ao sacerdócio. Entre elas, a alma do sacerdote “deve ser mais pura do que os raios do sol e deve irradiar beleza espiritual ao redor”⁷⁴. São Joao Crisóstomo fala da dupla responsabilidade diante da escolha para a ordenação:

Quem, pois, quiser impor as mãos a alguém, antes deverá proceder a um exame rigoroso do mesmo; um autoexame, porém, muito mais rigoroso deverá fazer aquele a quem se quer impor as mãos. Pois, mesmo que todos os eleitores sejam corresponsáveis, isto não libertará o eleito do castigo; ao contrário, ele sofrerá punição ainda mais grave, a não ser que os eleitores tenham agido de manifesta má fé. Se os eleitores forem apanhados por terem escolhido conscientemente o mais indigno, ambos (eleitores e eleito) cairão em punição igual⁷⁵.

Para enfatizar o valor da alteridade a ser identificado nos candidatos ao ministério sacerdotal, São Gregório Magno atenta para o cuidado com a presunção humana em querer o ministério para si, para o serviço aos próprios interesses, governando para si e não para os outros: “pensando nos próprios interesses, e não nos dos outros, acabam perdendo justamente aqueles dons que desejavam conservar somente para si”⁷⁶.

⁷³ VVAA., *Dicionario del Sacerdocio*, p. 577.

⁷⁴ TUTAS, M. R., *São João Crisóstomo e São Gregório Magno*, p. 500-528.

⁷⁵ JOÃO CRISÓSTOMO, *O Sacerdócio*, p. 90.

⁷⁶ GREGÓRIO MAGNO, *Regra Pastoral* 1, 5.

Sendo o sacerdócio o exercício de um dom de Deus, tido em caráter sagrado, deve o sacerdote trilhar um caminho constante de libertação de suas paixões e debilidades⁷⁷, a fim de cumprir seu propósito de homem criado à imagem e semelhança de Deus, ou seja, exercer sua dimensão humana, através da consciência de quem é, de sua missão e de sua vida, esforço contínuo e a vivência da santidade. Ainda, para São Gregório, o sacerdócio requer a abertura, por parte do sacerdote, à dedicação ao serviço de Cristo e à participação de ministério de sua Igreja, edificada como povo de Deus, corpo de Cristo e templo do Espírito Santo.

⁷⁷ MUCI, S., El sacerdócio según Suan Juan Crisóstomo, p. 1-2.

3.

As Dimensões da Formação Sacerdotal e o Itinerário Formativo

Por dimensões da formação, são compreendidos os aspectos da pessoa inserida no processo formativo. Tais aspectos estão sumariamente associados ao que constitui fundamentalmente o ser humano e suas propriedades, cuja menção encontra-se, por exemplo, na antropologia teológica presente nos escritos paulinos como suas partes constitutivas: espírito, alma e corpo (1Ts 5,23b).

A constituição do ser humano e suas potencialidades são o ponto de partida e o objetivo do processo. Tal realidade não está relacionada apenas à formação dos futuros presbíteros, mas, de igual forma, à formação cristã em sua totalidade. No âmbito da formação presbiteral, o Concílio Vaticano II reafirma a importância das dimensões humanas, por isso, priorizou o desenvolvimento corporal, psíquico e espiritual⁷⁸.

Muito conteúdo foi desenvolvido em relação aos processos de elaboração de projetos formativos, de estruturação dos seminários e readaptação dos mesmos às necessidades do tempo e as urgências identificadas no perfil dos vocacionados que se apresentam para iniciar o discernimento vocacional, após o Vaticano II.

O Sínodo dos Bispos de 1992 discerniu que era conveniente apresentar um novo projeto formativo, mediante a identificação dos desafios antropológicos⁷⁹ que marcavam a transição do milênio. Esse deveria estar composto por elementos que contribuíssem no surgimento de uma maneira mais eficaz para formar pastores segundo o coração de Deus. Sacerdotes capazes de atender às necessidades do homem e do mundo, que na verdade, vivem a insaciável busca de sentido. Tais desafios são: o reducionismo científico; o subjetivismo exacerbado, quer da pessoa, em seu modo de apreender a realidade, quer da fé; o ateísmo prático e existencial; a desagregação da pessoa humana e de sua principal instituição, a família; o falseamento e ocultamento do verdadeiro sentido da sexualidade humana; o agravamento das injustiças sociais e o acúmulo de riquezas, fruto de um capitalismo irracional, em detrimento da pessoa humana; a ignorância religiosa proveniente de um fraco caminho catecumenal, provocado por um ensino incipiente; os equivocados pluralismos (teológico, cultural e pastoral)⁸⁰; a descrença e a

⁷⁸ Concílio Vaticano II, OT 6.

⁷⁹ JOÃO PAULO II, PP., PdV 7.

⁸⁰ AMADO. J. P., Mudança de época e conversão pastoral, p. 306.

relativização do magistério hierárquico; as supersticiosas e alienantes formas redutoras da autêntica mensagem evangélica, refletidas hoje, sobretudo, nas polarizações geradas por processos e estruturas ideológicas; os individualismos⁸¹ e as formas narcisistas de pertença às visões parciais e condicionadas do ser, de mundo e de igreja; e, por fim, o abandono dos fiéis, por falta de um adequado pastoreio.

Nessa perspectiva, os padres sinodais identificaram as marcas de esperança próprias do tempo atual⁸²: a generalizada sede de justiça paz; o zelo para com a criação – hoje, tão enfatizada pelo Sumo Pontífice, o Papa Francisco, no cuidado com a Casa Comum, em sua encíclica *Laudato Si* –; a busca aberta pela verdade; a tutela da dignidade humana. Entre essas esperanças, foi identificado o anseio por um novo projeto formativo, que comporte o desenvolvimento integral do vocacionado ao sacerdócio ministerial nas suas dimensões e etapas unitivas de formação⁸³: humano-afetiva, espiritual pastoral e intelectual.

Os elementos que constituem o itinerário formativo são as etapas de formação com os objetivos gerais e específicos de cada uma delas e suas esferas de desenvolvimento.

Os padres sinodais identificaram o perfil dos vocacionados dos tempos atuais, visando alcançar como ponto de chegada, o delineamento das características do presbítero do novo milênio, fundamentados na evangelização como o principal pressuposto e conscientes dos seus desafios e esperanças, específicos da transição do milênio. O fio condutor do processo formativo se estrutura sob os seguintes elementos: a pessoa (seminarista e/ou presbítero) e suas dimensões (corpo, alma e espírito), o itinerário formativo (etapas de formação classificadas em inicial ou permanente) e os espaços de formação (seminário e a realidade local como comunidade eclesial).

⁸¹ O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares. A ação pastoral deve mostrar ainda melhor que a relação com o nosso Pai exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos interpessoais. Enquanto no mundo, especialmente nalguns países, se reacendem várias formas de guerras e conflitos, nós, cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos «a carregar as cargas uns dos outros» (Gal 6, 2). Além disso, vemos hoje surgir muitas formas de agregação para a defesa de direitos e a consecução de nobres objetivos. Deste modo se manifesta uma sede de participação de numerosos cidadãos, que querem ser construtores do desenvolvimento social e cultural. EG 67.

⁸² JOÃO PAULO II, PP., PdV 6.

⁸³ JOÃO PAULO II, PP., PdV 42.

3.1. As dimensões da formação

Essa seção visa a uma apresentação das linhas gerais das dimensões que devem compor um projeto de formação sacerdotal. Por meio de quatro subseções, são delineadas as dimensões humano-afetivas, espiritual, pastoral e intelectual.

Enquanto na dimensão humano-afetiva, considera-se o autoconhecimento, a alteridade e a autodoação, na dimensão espiritual se valoriza o fato de encontrar, seguir e permanecer em Cristo. Já na dimensão pastoral toma-se por referência o método ver, julgar e agir⁸⁴, associado à sabedoria, atitude e habilidade do Bom Pastor. As esferas de aprendizado na dimensão intelectual dos seminaristas se resumem no conhecimento, no desenvolvimento de um parecer crítico frente à mesma, e na elaboração de um discurso vivo de fé acerca da realidade.

3.1.1. Dimensão humano-afetiva

Por dimensão humano-afetiva, entende-se a base de todo o processo formativo, com tudo o que abrange os elementos constitutivos da pessoa em seus aspectos corporais e psíquicos⁸⁵. Nesta dimensão, o processo formativo contempla o reconhecimento, a formação e a integração da afetividade e da sexualidade do vocacionado ao sacerdócio ministerial. Entendendo a afetividade em sentido mais amplo, nela serão encontrados alguns elementos da vida do formando que tocam, não somente a sua relação interpessoal, mas o contato com a cultura, com o meio ambiente e com a toda a sociedade.

⁸⁴ A origem e a solidificação do método Ver-Julgar-Agir confundem-se com a vida e a ação do sacerdote Joseph Cardijn (1882-1967). Nascido na pequena comuna de Joseph Cardijn Schaerbeek, próxima à Bruxelas, esse sacerdote será o articulador do método que influenciou e formou uma imensa gama de jovens operários nos primeiros anos do século XX. De igual modo, perpassou os documentos do Vaticano II, ofertou suporte para a construção de um método teológico e, ainda hoje, é fulcro das reflexões eclesiais, particularmente os recentes pronunciamentos pontifícios. O VER configurar-se-ia, grosso modo, o princípio analítico da metodologia. O segundo passo, inserido na pedagogia cardijniana é norteado pelo aspecto formativo, no confronto entre a realidade-problema e uma segura doutrina (evangelho) capaz de iluminar e ajuizar sobre realidade. O JULGAR é, portanto, o princípio axiológico, avaliativo aplicado à realidade. Por fim, o último momento seria o AGIR. Este passo alocar-se-ia na perspectiva de que a constatação dos fatos/problemas, e o juízo sobre eles deveria implicar naturalmente numa ação. Uma ação que seria, ao mesmo tempo, prática/caritativa, mas também formativa para o enfrentamento posterior de novos problemas, gerando um movimento cíclico e contínuo de transformação. FERREIRA, R. F., Papa Francisco, e o método?, p. 217-218.

⁸⁵ JOÃO PAULO II, PP., PdV 43; CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 94.

O objetivo geral da dimensão humano-afetiva é desenvolver no formando aquela humanidade de Cristo, homem perfeito, por meio de qualidades humanas fundamentais para a construção de uma personalidade estável e madura, capaz de assumir todas as responsabilidades que implicam o ministério pastoral de presbítero de forma consciente e livre. No âmbito da afetividade, a maturidade afetiva do formando é o ponto fulcral para a educação e vivência de um amor autêntico e responsável, tendo-o como objeto central da realidade humana na sua totalidade, ou seja, englobando-o física, psíquica e espiritualmente⁸⁶. A compreensão realista do amor como realidade central da pessoa é o que permite ao ser humano realizar a sua vocação na perspectiva da sexualidade, de forma a gerar pertença e expressá-la por meio da fidelidade.

A sexualidade humana radicada no amor é geradora da consciência de auto doação ao outro, que é Deus e o semelhante. Nesse âmbito, a educação sexual deve ser parte integrante do projeto formativo como itinerário formativo para a vivência do compromisso celibatário, que supõe maturidade afetiva para conceber as relações humanas como lugar de amizade profunda e experiência de genuína fraternidade, na qual se expressa o amor a Jesus Cristo.

Nesta pesquisa, apresenta-se a proposta de um itinerário, adaptado em relação ao original, de formação da sexualidade do seminarista em todas as etapas da formação inicial, inspirada no itinerário de formação proposto pelo próprio autor W. M. A. Santos, em seu artigo intitulado *Educação para o amor na Escola Católica, a partir da Teologia do Corpo de João Paulo II*. Esse artigo é inspirado na obra *Teologia do Corpo*, de autoria do Papa São João Paulo II⁸⁷:

⁸⁶ JOÃO PAULO II, PP., PdV 44.

⁸⁷ SANTOS, W. A. M., *Educação para o amor na escola católica a partir da teologia do corpo de João Paulo II*, p. 32-46.

Tabela 1: Tabela para um itinerário formativo

Ano formativo	Ciclos de reflexão bíblica	Fundamentação bíblica	Temas para formação
Propedêutico	Ciclos I (Gn 1-2) A criação de Deus	1. “Deus criou o homem a sua Imagem e Semelhança” (diferença entre homens e animais). 2. “Deus viu que não era bom que o homem estivesse só”.	1. Distinção entre homens e animais. 2. Estado de solidão original.
Discipulado I		1. “Osso dos meus ossos, carne da minha carne. Será chamada mulher porque veio do homem”. 2. “por isso o homem sai da sua casa e se une a sua mulher” 3. “já não são dois mais uma só carne”	1. Completude e Comunhão de pessoas. 2. O significado esponsal do corpo. 3. Ato conjugal: união e procriação.
Discipulado II	Ciclo II (Gn 3, 7-18; Ex 20,14) O Pecado	1. “vendo que estavam nus, cobriram-se com folhas de figueiras”. 2. “teus desejos de impelirão ao teu marido e ele te dominará”.	1. O sentido do pudor. 2. Diferença entre homens e mulheres na sexualidade. 3. Internet e Pornografia

Discipulado III		1. “[a terra] te produzirá espinhos e abrolhos” 2. “Não cometerás adultério”	1. A debilidade da sexualidade masculina. 2. A pureza 3. Teses da atual antropologia sexual
Configuração I	Ciclo III (Mt 19, 9- 12; 22,24-33)	1. “Há eunucos que a si mesmo fizeram eunucos por causa do Reino de Deus”. 2. “No céu, nem eles se casam nem elas se dão em casamento”	1. O celibato como amor ao Reino de Deus. 2. O significado virginal do corpo. 3. O celibato no contexto cultural contemporâneo 4. O celibato à luz da mensagem cristã
Configuração II	Ciclo IV (Ef 5, 21-33)	1. “O marido é a cabeça da mulher como Cristo é a cabeça da Igreja”. 2. “Maridos amais vossas mulheres como Cristo amou a Igreja”.	1. Aprender a ser celibatário 2. A unidade matrimonial. 3. Apontamentos antropológicos sobre o celibato

Configuração III			1. A espiritualidade do celibato sacerdotal 2. Itinerário espiritual de formação para superação da imaturidade nos sacerdotes
Síntese			1. Escandalos e abusos sexuais 2. O abuso sexual contra menores 3. Candidatos ao sacerdócio ministerial e a vida religiosa: seleção, detecção e formação. 4. Transtornos psicoafetivos na vivência da sexualidade ⁸⁸

Em vista disso, na dimensão humano-afetiva, o projeto deve favorecer mecanismos que corroborem para o real autoconhecimento do vocacionado. Esta cognição é dinâmica. Diz respeito a um caminho a ser percorrido entre o *eu real* e o *eu ideal*⁸⁹. Por *eu real* entende-se a identificação e o reconhecimento das próprias debilidades. Por *eu ideal* entende-se o devir, a identificação e reconhecimento das potencialidades, do que há de positivo no próprio sujeito.

Posto que o processo formativo é estruturador, finalidade da etapa formativa do discipulado, e identificador, finalidade da etapa formativa da configuração, é

⁸⁸ TRANSFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. D. C.; ZACHARIAS, R. (Orgs.). Formação: desafios morais, p. 235-259.

⁸⁹ CENCINI, A., A árvore da vida, p. 74.

extremamente crucial que os aspectos humanos da personalidade da pessoa em formação sejam virtuosamente integrados, que torne credível o Cristo Sumo e Eterno Sacerdote, a quem o presbítero se configura, pelo sacramento da ordem.

Ademais, como o processo é identificador, o fator da afetividade da pessoa em formação é de capital relevância, uma vez que o pastor de um rebanho deve manter relações interpessoais maduras.

No âmbito da ação pastoral, com grande frequência é desenvolvida a preocupação com a *ortodoxia* e a *ortopraxia*⁹⁰. É possível detectar nos agentes eclesiais um pertinente zelo com a ortodoxia, no anúncio da fé e da sã doutrina cristã. Na mesma esteira, encontra-se a prática mais adequada e correta no agir pastoral. No entanto, toda ação pastoral eficaz deve ter como ponto de partida a *ortopatía*⁹¹. Como a formação dos futuros presbíteros ocupa notável espaço nas preocupações da Igreja e de sua ação evangelizadora, é mister a importância do dado da formação integral, que não fica na superfície aparente da prática do anúncio e do conteúdo da mensagem, mas atinge a profundidade dos sentimentos do seu agente e emitente, respectivamente. Uma ação pastoral inteira, parte de um coração conformado ao de Cristo Bom Pastor. De outro modo, a ação pastoral se torna mero ativismo da execução de projetos. É do coração de Jesus que parte a caridade pastoral, cujos sentimentos são a força motriz para o encontro das pessoas com o Deus de amor e compaixão. E é para ele que devem tender seus frutos.

Um presbítero capaz de realizar ao mesmo tempo a *ortopatía*, base de seu ser e do seu agir, a *ortodoxia*, conteúdo do anúncio pautado na fé que crê e professa como verdade, e a *ortopraxia*, modo adequadamente correto de exercer a missão, torna-se uma pessoa afetiva, cognitiva e eticamente integrada. Esta tríade constitui o perfil antropológico do presbítero delineado pela Igreja no *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, cuja definição é estabelecida no referido documento ao descrever o presbítero como perito em humanidade⁹².

Qualquer forma de conceber a vida e a missão presbiteral que prescindia desta tríade, fatalmente será reduzida a dualismos e consequentes polarizações,

⁹⁰ IMODA, F., Psicologia e ministério, p. 354.

⁹¹ Franco Imoda define *ortopatía*, como: O correto desenvolvimento da área afetiva. Dada a unidade fundamental da vida humana, esta correção envolve a verdade do objeto e a sua objetividade, mas envolve também o grau de objetividade com que o objeto vem desejado, querido, amado. O *pathos* é então considerado como área afetiva que, no ser humano, constitui um irrenunciável ligame entre o *bios*, entendido como vital, o corpóreo e o *logos*, a componente cognitiva racional. IMODA, F., Psicologia e ministério, p. 614.

⁹² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros, 41.

facilmente identificadas em posturas fundamentalistas⁹³ e nocivas ao maior resultado da ação missionária da Igreja no mundo, que é promover o encontro das pessoas com Cristo e a alcançarem “a unidade da fé e o pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de homem perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4,13).

Na perspectiva da *ortopatía*, o vocacionado ao sacerdócio ministerial deve ser educado para a prática do amor autêntico, que se traduz em compromisso. A centralidade deste amor na existência humana faz com que a pessoa cresça e amadureça afetivamente⁹⁴. Trata-se de um amor que perfaz e torna fecunda a existência da pessoa, transformando-a naquele que se consagra verdadeiramente a Cristo, capaz de fazer da vida uma constante entrega gratuita de si mesma.

Nesse âmbito, é necessário cuidar para que a dimensão humano-afetiva não seja enquadrada em critérios tão somente psicológicos. De fato, esta ciência, contribui consideravelmente no processo formativo. No entanto, há que se considerar o parâmetro fundamental que é o da humanidade iluminada e feita sinal pela luz da sabedoria do Espírito Santo, que torna plena toda existência humana. A solução para que o processo formativo como um todo não caia no imanentismo está na capacidade humana de transcender. O conceito de transcendência de Franco Imoda, neste sentido, é esclarecedor⁹⁵.

Por isso, é importante adotar como metodologia de integração, a própria história pessoal e de suas dimensões, conjugadas ao cultivo da memória afetiva e bíblica. É oportuno considerar o grande enriquecimento que trouxe para vida dos fiéis a cultura da *Lectio Divina*. Que tem tornado possível para as pessoas aquilo que já era habitual na prática de fé dos cristãos da era primitiva, que é a identificação das narrativas bíblicas com as vicissitudes da sua própria história e vida cotidiana. Cultivar memória afetiva e bíblica no processo formativo, como um recurso mistagógico, significa que o formando deve identificar na própria história os sinais

⁹³ O processo educativo tem de promover a humanização na sociedade, e isso é possível, entre outras coisas, através de um viver e conviver como seres cooperativos, solidários e amorosos; em que o respeito mútuo e a consciência de si mesmo e a consciência social pela defesa e promoção do outro sejam busca e meta. Assumir um processo educativo significa viver um contínuo conspirar a favor da inteireza humana e social, para garantir um mundo mais humanizado. TRASFERETTI, J. A.; COELHO, M. M.; ZACHARIAS, R. (Orgs.), Teologia da prevenção, p. 123.

⁹⁴ JOÃO PAULO II, PP., PdV 44.

⁹⁵ Literalmente, subir através, ir além, passar dos limites. Empurrar (impulsionar) além dos horizontes da própria humanidade. Depende da abertura fundamental através do conhecimento e da liberdade, do ser humano sobre o outro. Se o encontrar-se do eu se resolve em outra forma do eu, a transcendência fica egocêntrica; se se resolve no outro ser humano, é social filantrópica; se se resolve em um Outro, que é o absoluto, Deus, é teocêntrica. IMODA, F., Psicologia e ministério, p. 617.

do mistério do amor de Deus que está registrado na vida das personagens e dos fatos bíblicos. É o que Amedeo Cencini vai intitular de “história pessoal, morada do mistério: A fé como memória é um complemento da perspectiva da vida como história (de salvação)”⁹⁶.

Por autoconhecimento, entende-se a identificação, o reconhecimento e a aceitação das próprias potencialidades e debilidades. Além desses, a aquisição da capacidade de uma equilibrada e realista autopercepção. Esta percepção realista de si mesmo é determinante para integração do formando como pessoa, para o desenvolvimento das demais dimensões da formação, bem como para as relações interpessoais (Deus e o seu semelhante)⁹⁷. No contexto de origem familiar muitos são os elementos positivos e negativos que compõem o contexto de família do formando. O processo formativo deve ajudá-lo a olhar com realismo esperançoso os dramas e a superá-los, não se envergonhar dos seus e de sua história. Esta falta de aceitação da própria origem gera o perigo da crise de pertença às instituições: família, amizades leais, comunidade de fé, presbitério e igreja particular e universal. De fato, não se aprende a construir vínculo sem percepções realistas moldadas pela esperança. Por alteridade, entende-se a aceitação do outro com sua história de vida, potencialidades e debilidades, como elemento fundamental para o desenvolvimento da comunhão fraterna. Por fim, a autodoação consiste no dom de si, na auto entrega que exigem o ministério presbiteral.

Na condição de configurado a Cristo esposo, a sexualidade precisa ser entendida e vivida em seu real significado, de modo a ser inteiro na entrega e virgem na vivência das relações pessoais e materiais. A sexualidade humana no seu real significado é: *“uma invenção divina para encarnar o amor, suscitando no mais profundo da criatura as condições para o dom Criador”*⁹⁸.

⁹⁶ CENCINI, A., A história pessoal morada do mistério, p. 41.

⁹⁷ No processo de individuação de cada formando, a formação humana visa ao autoconhecimento equilibrado, à superação e à capacidade de enfrentar as tensões e as provas da vida. A primeira e permanente tarefa da formação humana tem por objetivo ajudar o seminarista a sentir-se e saber-se amado. A experiência de amar a si mesmo, sentindo-se chamado e escolhido pelo Senhor, torna-se força vigorosa para o crescimento humano e fonte genuína do amor aos irmãos, sobretudo aos mais pobres, esquecidos e marginalizados. CNBB, Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, p. 189.

⁹⁸ BASTAIRE, J., Eros redento, p. 59.

3.1.2.

A dimensão Espiritual

A dimensão espiritual da formação consiste no progressivo crescimento espiritual do seminarista. Além disso, tem o papel de complementar a dimensão humano-afetiva e estabelecer o nexu unificador e fundante das demais dimensões formativas⁹⁹. Também de fundamental importância, esta dimensão é responsável por conduzir o seminarista à assimilação e o aprofundamento da identidade sacerdotal, cujos elementos essenciais são:

1) Caráter Sacramental: o presbítero, instrumento de Deus, em virtude da sagrada unção da ordem torna-se sinal visível de sua ação na Igreja. A raiz da espiritualidade presbiteral é a sua sacramentalidade.

2) Caráter Trinitário: assim como a sacramentalidade do ministério presbiteral está fundamentada em Cristo, em virtude de sua relação de configuração a ele, o mesmo deve se referir, em sentido trinitário, à sua relação com o Pai e o Espírito Santo. A relação do ministério presbiteral com a Trindade é essencial para sua espiritualidade, cuja realização depende da experiência trinitária que se dá a partir da oração¹⁰⁰.

3) Caráter eclesiológico: o ministério presbiteral só pode ser pensado em sua relação com, pela e na Igreja. Tal realidade é consumada a partir da relação com o dado eclesial em sua tríplice dimensão: Mistério, Comunhão e Missão¹⁰¹. No âmbito do caráter eclesiológico da identidade presbiteral está abarcada a sua ligação com a igreja universal e particular, por meio da sua relação com o bispo e com o presbitério¹⁰². Sua consciência de pertença à igreja particular, “constitui por natureza um elemento qualificante para viver uma espiritualidade cristã”¹⁰³.

4) Caráter ministerial: o sentido do presbiterato é o ministério. É por ele que o ministro ordenado se torna dispensador dos mistérios divinos, os sacramentos, e, preside a comunidade na condição de Cristo cabeça. Trata-se de uma

⁹⁹ JOÃO PAULO II, PP., PdV 45; CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 101-115.

¹⁰⁰ A primeira e fundamental forma de resposta à Palavra de Deus é a oração, sem qualquer sombra de dúvida, um valor e uma exigência primária na formação espiritual. Esta deve levar os candidatos ao sacerdócio a conhecerem e experimentarem o sentido autêntico da oração cristã, isto é, o de ser um encontro vivo e pessoal com o Pai pelo Filho unigênito e sob a ação do Espírito Santo, um diálogo que se faz participação do colóquio filial que Jesus tem com o Pai”. O seminário deve tornar-se uma escola de oração, na qual os formandos sejam devidamente instruídos, exercitados, acompanhados e avaliados na sua prática. JOÃO PAULO II, PP., PdV 45.

¹⁰¹ VATICANO II, PO 10; JOÃO PAULO II, PP., PdV 12, 16, 59, 73-75.

¹⁰² JOÃO PAULO II, PP., PdV 74.

¹⁰³ JOÃO PAULO II, PP., PdV 31.

ministerialidade que toca não somente os outros, mas a si próprio. Sem esta realidade integral, não pode ser pensada a sua própria espiritualidade, nisto o ministério encontra o seu caráter de totalidade¹⁰⁴.

5) Caráter relacional com o bispo e o presbitério na Igreja particular: a sacramentalidade do ministério presbiteral é a raiz da relação do presbítero com Cristo, com a Trindade, com Igreja e com o presbitério. Atravessado pela realidade sacramental, este aspecto relacional é um dado de extrema relevância sobre o qual discorreu o Concílio, sendo continuamente aprofundado nos estudos feitos atualmente. O ministério presbiteral subiste na sua relação com a Igreja particular, dela se origina e tende para ela. Somente a partir dela que se obtém a consciência clara da diversidade dos carismas, dons e serviços. A pertença do presbítero ao presbitério da igreja particular se mostra inerente à identidade presbiteral¹⁰⁵.

6) Caráter comunitário: Por sua natureza, o ministério presbiteral torna o presbítero homem da comunidade e ocupa a condição de servidor do mistério da igreja, da comunhão e da missão. A razão do mistério presbiteral é a comunidade. Por isso, o estilo de vida do presbítero é essencialmente comunitário¹⁰⁶.

7) Caráter secular: O fato de estar inserido na sociedade e estar atento às urgências atuais, mais do que uma característica de um tipo de presbítero, é um aspecto de sua identidade¹⁰⁷.

Na dimensão espiritual está o aprofundamento do formando no conhecimento do Pai, pelo Filho no Espírito, mediante o cultivo da amizade com Deus, na oração, pois o sacerdote além de ser um homem de oração, deve ser também o mestre da oração. Essas são as condições pelas quais cumpre o ofício de Cristo em favor do povo (Hb 5,7-9), por meio da meditação da Palavra¹⁰⁸, no conhecimento das escolas de espiritualidade, bem como na ativa, consciente e profunda participação do culto

¹⁰⁴ VATICANO II, PO 12-13; JOÃO PAULO II, PP., PdV 24.

¹⁰⁵ JOÃO PAULO II, PP., PdV 74.

¹⁰⁶ CNBB, Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, 204.

¹⁰⁷ AMADO, J. P., Presbíteros, p. 58.

¹⁰⁸ A formação espiritual acontece no exercício essencial de escuta da Palavra de Deus: o futuro presbítero, antes de ser servidor da Palavra de Deus, será discípulo e ouvinte. Por isso, com frequência, fará a “leitura meditada e orante da Palavra de Deus, que é a escuta humilde e cheia de amor daquele que fala. É, de fato, à luz e pela força da Palavra de Deus, que pode ser descoberta, compreendida, amada e abraçada a própria vocação. A familiaridade com a Palavra de Deus facilitará o itinerário de conversão não apenas no sentido de se separar do mal para aderir ao bem, mas também no sentido de alimentar no coração os pensamentos de Deus, de modo que a fê, qual res- posta à Palavra, se torne o novo critério de juízo e avaliação dos homens e das coisas, dos acontecimentos e dos problemas. CNBB, Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, 212.

litúrgico, em especial a eucaristia¹⁰⁹, o sacramento da penitência e a liturgia das horas. De igual modo, no encontro frequente e sincero com o diretor espiritual que tem a função de o ajudar a modelar uma resposta livre e consciente ao chamado vocacional¹¹⁰. Além disso, esta dimensão deve fundamentalmente facilitar a progressiva assimilação das virtudes evangélicas, cardeais para que sejam elas o critério e a visão a partir das quais será norteado o seu modo de agir. Também o ajudando a realizar a revisão de vida.

As esferas de desenvolvimento da dimensão espiritual estão fundamentadas no itinerário percorrido pelos primeiros discípulos de Jesus Cristo relatados nos evangelhos a partir dos verbos: encontrar, seguir e permanecer. Os eixos da dimensão espiritual distinguem-se por individual e comunitário. Na esfera do encontro, está toda experiência de fé do formando, vivida previa e posteriormente ao ingresso no processo formativo, que de acordo com o itinerário formativo vai evoluindo gradualmente através de seus objetivos específicos previamente estabelecidos no plano pedagógico. A correspondência à proposta de vida feita a partir do encontro e consequente pertença ao discipulado de Jesus consiste no seguimento que gera comunhão e intimidade com o mestre, autor do chamado vocacional.

Encontrar, seguir e permanecer são etapas de um processo de formação cristã, nas quais se fundamentam todo processo de formação presbiteral inicial. Os eixos

¹⁰⁹ A celebração da Eucaristia, ponto culminante da oração cristã, seja o centro e cume da vida do seminário, onde se torna presente cotidianamente o mistério da comunhão com Deus em Cristo e se adquire força para a vivência da missão na caminhada rumo à Páscoa definitiva. O futuro presbítero seja levado a reconhecer e vivenciar as diversas dimensões da Eucaristia: sacrifício, memorial, sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal. Descubra especialmente a dimensão eclesial da Eucaristia e sua significação para o povo cristão, como sinal de esperança na caminhada da libertação. Ame-a como realidade que contém todo o bem espiritual da Igreja e de onde emana toda a sua força; nela alimente e interiorize o espírito comunitário e o zelo pela unidade, o espírito apostólico e a caridade pastoral. “A participação quotidiana na celebração da Eucaristia, que encontra a sua natural continuidade na adoração eucarística, permeia a vida do seminarista, de modo a que, ao longo dela, possa amadurecer uma constante união com o Senhor”. O culto prestado à Eucaristia fora da Missa é de um valor inestimável na vida da Igreja e está ligado intimamente com a celebração do Sacrifício Eucarístico. É bom demorar-se com o Senhor e, inclinado sobre seu peito, como o discípulo predileto (Jo 13,25), deixar-se tocar pelo amor infinito do seu coração. O futuro presbítero encontre, portanto, na Eucaristia, o princípio e a fonte de unidade de sua própria vida. CNBB, Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, 216.

¹¹⁰ A direção espiritual é um instrumento privilegiado para o crescimento integral da pessoa”. É um dos meios mais importantes para a resposta vocacional e a melhoria da própria vida, na aquisição de virtudes e na luta contra defeitos. “A qualidade do acompanhamento espiritual é, de fato, importante para a própria eficácia de todo o processo formativo”. O seminarista pode escolher livremente seu diretor espiritual entre os presbíteros indicados pelo bispo ou pela equipe formativa. Deve encontrar-se sistematicamente e regularmente com seu diretor espiritual, servindo-se de seu auxílio para crescer na espiritualidade. CNBB, Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, 219.

correspondem aos âmbitos da alteridade, isto é, à relação do formando com Deus e com os seus semelhantes. Por isso, é imprescindível na vivência de uma espiritualidade genuína, pensar a relação com Deus nos eixos individual e comunitário, a fim de que a vida espiritual não seja posta em oposição e reduzida a um aspecto em detrimento do outro¹¹¹. Não é raro encontrarmos formas de vivência da espiritualidade reduzida às práticas de piedade intimistas, que em nada acrescentam a edificação a espiritualidade comum¹¹². Como homem de comunhão, o presbítero deve traduzir na sua vida pessoal e comunitária a sua união com Deus, para desse modo exercer de modo visível aquela realidade essencial do seu ministério: ser ponte.

3.1.3. Dimensão Pastoral

A dimensão Pastoral tem por finalidade cultivar e amadurecer, no formando, aquela notável comunhão com Cristo. Imprimindo no vocacionado seus sentimentos, atitudes e sabedoria, essenciais para que como futuro presbítero seja capaz de manifestar a caridade pastoral do Bom Pastor¹¹³. A comunhão nos sentimentos e atitudes de Cristo constitui a realidade vital, sobre a qual deve se radicar todo aprendizado pastoral, quer na abordagem de teoria dos métodos e práticas pastorais, quer na execução das tarefas programadas pelo itinerário formativo para dimensão pastoral. O fazer pastoral como conceito, consiste no contato entre a fé, a vivência eclesiológica e a história da ação eclesial¹¹⁴.

A formação desta dimensão deve ser integral, na medida em que harmoniza os vários carismas, ministérios e vocações. Essa harmonia deve ser estabelecida e harmonizada também no contexto do diálogo ecumênico e inter-religioso, na inculturação e na iluminação dos desafios sociais e culturais, bem como nos novos

¹¹¹ PEIXOTO, C. H., O valor antropológico da direção espiritual, p. 80.

¹¹² BINGEMER, M. C. L., Santidade: chamado à humanidade. p. 85.

¹¹³ JOÃO PAULO II, PP., PdV 57-59.

¹¹⁴ A formação pastoral-missionária, princípio unificador de todo o processo formativo, consiste na necessária qualificação específica para o ministério pastoral, sempre impregnado pela ação e condução do Espírito de Deus. Nesta qualificação, integram-se necessariamente estudos pastorais com programas orgânicos de realização de práticas e de experiências pastorais-missionárias. A devida e bem programada combinação entre os aspectos teóricos e vivenciais da formação pastoral-missionária contribui para evitar um aprendizado apenas operativo. A mesma articulação entre a teoria e a prática ajuda a responder à interpelação de Aparecida que chama toda a Igreja a uma “conversão pastoral”: “nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé”. CNBB, Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, 228.

problemas morais presentes dentro e fora da Igreja. O exercício dos ministérios no contexto da dimensão pastoral, constitui uma realidade originante e mediadora da espiritualidade cristã¹¹⁵.

A dimensão pastoral da formação encontra, no magistério do Papa Francisco, no seu exemplo de pastor discípulo missionário, aquela identidade e espiritualidade do padre que é constituída essencialmente pela ruptura de tendências humanas que afetam diretamente a radicalidade com que este servo deve entregar-se a Cristo e à sua Igreja, a fim de levar vida em plenitude e não adoecer o rebanho como se pode constatar lamentavelmente em algumas realidades. Um presbítero que se coloque à disposição da pastoral exclusivamente para anunciar o evangelho, será peregrino de um percurso humanizador e servidor.

O projeto de formação desta dimensão deve ser capaz de fomentar a disponibilidade missionária nos formandos, tornando-os capazes de colaborar no plano de pastoral de conjunto da igreja particular e na missão da Igreja Universal. Um exemplo concreto pode ser encontrado no itinerário formativo do Seminário arquidiocesano de São José, em que se encontra-se a experiência de formação pastoral em três modalidades: itinerante, paroquial e missionária. Na modalidade itinerante, os formandos do primeiro ano de discipulado percorrem ao longo de um ano as principais pastorais existentes, acompanhando os coordenadores e agentes arquidiocesanos nas atividades existentes. Na paroquial, são enviados, a partir do segundo ano de discipulado, para o estágio pastoral nas paróquias da arquidiocese, a fim de desenvolverem, em nível paroquial, os valores de aprendizado adquiridos na experiência anterior. Durante o período de férias são desenvolvidas atividades missionárias em nível paroquial (*ad intra*), em que as comunidades de seminaristas são enviadas à paróquias previamente escolhidas de cada vicariato territorial da arquidiocese, por duração de uma semana. E nos meses de dezembro e janeiro, realizam-se as missões *ad extra* na região amazônica. A modalidade de gestão, ocorre na etapa formativa da síntese vocacional, na qual os seminaristas concluem a formação inicial desta dimensão, percorrendo os organismos administrativos e de gestão da pastoral, em nível arquidiocesano. Um aceno importante a ser dado a este projeto de formação, é a experiência semanal dos seminaristas junto ao hospital, presídios, instituições de ensino e meios de comunicação.

Atividades Missionárias desenvolvidas no Seminário São José¹¹⁶:

¹¹⁵ VATICANO II, OT 19-21; VATICANO II, PO 13; JOÃO PAULO II, PP., PdV 24-26.

¹¹⁶ ÉBANO, C., Seminaristas participam do encontro de formação missionária.

1) Estágio Pastoral

Parte integrante da formação pastoral dos seminaristas é o estágio que realizam nas diversas paróquias da arquidiocese durante os finais de semana. Acompanhados pelo pároco, os formandos são convidados a conhecer as diversas realidades pastorais e se colocarem à disposição dos irmãos na animação pastoral, na escuta da Palavra e no serviço da caridade. O período que os seminaristas passam por uma paróquia, pode variar de um a dois anos, de acordo com as necessidades formativas do sujeito, bem como da paróquia. Através do estágio pastoral, os seminaristas são presença missionária em meio ao povo de Deus.

2) Missão Anual das Comunidades

A Missão Anual dos seminaristas é uma atividade missionária promovida pelo seminário com o objetivo de fomentar nos futuros pastores o espírito de discípulo-missionário, próprio do cristão. Geralmente, a missão é realizada no período de uma semana em uma das inúmeras paróquias da arquidiocese e acontece sempre num período próximo às férias ou ao retorno delas. Durante a missão, os seminaristas têm a oportunidade de visitar os paroquianos em suas casas, de animar encontros, ministrar palestras e participar dos momentos celebrativos da comunidade, colocando-se sempre como servos do Senhor¹¹⁷.

3) Casa das Irmãs Missionárias da Caridade

Nesta frente missionária, os seminaristas auxiliam as irmãs da caridade, juntamente a outros voluntários. Nela, servem refeições aos irmãos em situação de rua.

4) Instituto Nacional do Câncer

Esta particular missão tem por objetivo levar o alívio e o consolo de Deus aos irmãos que se encontram enfermos. Os seminaristas da configuração III (teologia III) saem em missão todas as quartas-feiras, na parte da tarde, e, dedicam-se durante todo o ano a esta atividade.

5) Catequese na Fundação Osório

Animados pelo mandato de Cristo, os seminaristas também assumem o compromisso de ministrar os encontros de catequese para alguns estudantes da Fundação Osório. Nesta atividade, os formandos preparam semanalmente um grupo de crianças e adolescentes para o encontro com Cristo na Eucaristia, desenvolvendo

¹¹⁷ CNBB, Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, p. 232-233.

suas habilidades pastorais e catequéticas, muito necessárias no futuro exercício do ministério presbiteral.

6) Pastoral Carcerária

A assistência religiosa ocorre junto aos agentes da Pastoral Carcerária em auxílio aos reclusos. Esta missão está em implementação desde ano de 2020. Os seminaristas da etapa formativa configuração II já completaram a formação específica necessária, por isso, podem auxiliar neste serviço.

7) Missões extraordinárias

Impulsionados pelo Espírito Santo, alguns seminaristas dispõem-se generosamente a corresponder ao chamado de Deus num período especial de missão. São realizadas atividades junto aos jovens reclusos no DEGASE, assim como a Pastoral de Rua em datas específicas, sobretudo no Natal. Alguns dos formandos ofereceram um período de seu tempo formativo para a missão na Basílica da Anunciação, em Nazaré (Terra Santa), no Haiti e na região do Xingu. Nesta profunda experiência missionária, os seminaristas são convidados a um desprendimento cada vez maior, a fim de tomarem posse do verdadeiro tesouro: Cristo reinante nas almas.

A vocação sacerdotal está intimamente ligada à missão, a exemplo da vocação de Jesus e sua missão confiada pelo Pai. Assim como a missão do Filho foi ser dom do Pai para a humanidade, o presbítero é chamado a ser, por natureza e missão, dom do Filho para Igreja. O ministério sacerdotal em chave sacramental representa a total configuração a Cristo, servo, esposo e pastor da Igreja¹¹⁸.

É nesta perspectiva que se fundamentam as três esferas de aprendizado da dimensão pastoral, através dos quais os formandos devem receber os rudimentos necessários ao longo do itinerário de formação, a fim de exercerem a missão sacerdotal para qual se destinam. Essa missão requer os seguintes valores: as atitudes, a consciência e as aptidões do Bom Pastor. Os eixos estão associados às áreas de atuação da missão pastoral dos formandos: da pastoral paroquial e da pastoral de conjunto.

Essas realidades encontram-se intimamente ligadas aos elementos fundamentais da evangelização assumida pelos apóstolos, a saber: na sua natureza, continuar a obra redentora de Cristo; em seu objetivo, transformar a humanidade conforme o plano redentor de Deus em Jesus; no conteúdo, a pessoa e a mensagem

¹¹⁸ VATICANO II, PO 10; VATICANO II, LG 28.

de Jesus que edifica como realidade transformadora do mundo; nos meios, através do anúncio e testemunho realizar a comunicação do mistério de Cristo; nos destinatários, as pessoas; nos agentes, cada batizado que forma a comunidade eclesial e cada vocação; e no estilo, os carismas e habilidades interiores de cada apóstolo¹¹⁹.

A primeira esfera de aprendizado da dimensão pastoral da formação tem por objetivo incutir e desenvolver no formando as atitudes pastorais do Bom Pastor. Essas atitudes são em concreto a capacidade de aproximar e de comover-se do vocacionado ao sacerdócio ministerial, frente às necessidades das pessoas e das realidades presentes na pastoral no âmbito da Igreja Particular ou em âmbito paroquial.

A consciência ou a sabedoria pastoral refletem a capacidade do futuro presbítero em discernir, em chave cristológica, sob a ação do Espírito Santo, as realidades nas quais encontra-se para dar uma resposta adequada de fé.

As aptidões pastorais estão associadas à prática daquela caridade pastoral de Cristo encontrada nos evangelhos e que foi repetida pelos apóstolos e outros grandes personagens sacerdotais, sejam estes de tempos mais remotos, sejam os que conhecemos na contemporaneidade. Em última análise, a caridade pastoral consiste na disposição total de entregar-se plenamente em primeiro lugar às pessoas em suas necessidades mais profundas, pois foi esta a maneira do Bom Pastor comover-se para com as pessoas, tendo por elas compaixão. Aqui o objetivo é identificar e amadurecer no futuro presbítero a sensibilidade pastoral que se traduz no dom de si mesmo no exercício da missão pastoral.

3.1.4. Dimensão intelectual

Na dimensão do aspecto humano do formando, além da integração psíquica, reside a evolução do aspecto cognitivo. Nesse âmbito é visada a apreensão de conteúdos, bem como o rendimento acadêmico, que configura a dimensão intelectual da formação. Além disso, os aspectos sociais estão inseridos nesta dimensão que englobam a realidade familiar e suas relações, com o meio ambiente, com as mídias digitais.

¹¹⁹ BIFET, J. E., La misión al estilo de los apóstoles, p. 129-130.

Conforme propõe J. E. Bifet, em sua obra intitulada *La misión al estilo de los apóstoles*: “o caminho científico é uma busca e um questionamento contínuo sobre a realidade dos seres - o cosmos e o ser humano -, assim como a transcendência – Deus. Desse modo vão encontrando-se conteúdos de verdade, de bem e da beleza”¹²⁰. A dimensão intelectual¹²¹ da formação tem por esferas o conhecimento, a crítica e a relação da fé com a realidade. O ministério pastoral do presbítero consiste no anúncio e testemunho da salvação em Jesus Cristo, a partir da configuração total a Ele pelo sacramento. Essa missão se cumpre no exercício ministerial, em que o ensino da doutrina cristã, a partir da Sagrada Escritura, do Magistério, do discernimento pastoral, dependem de uma base intelectual capaz de desenvolver no futuro presbítero a capacidade de poder discernir a partir da obtenção de conhecimento da realidade, da elaboração de um pensamento crítico acerca da mesma e da produção de um discurso e tomada de postura de fé, frente à realidade¹²². Os eixos da dimensão intelectual são o filosófico e teológico¹²³.

A dimensão intelectual do processo formativo destina-se à formação integral do vocacionado ao sacerdócio ministerial, buscando amadurecer de modo adequado a "inteligência do coração" do discípulo de Jesus Cristo, a fim de elaborar um discernimento crítico mediante a realidade na perspectiva da fé e na vivência da missão. Além disso, essa etapa de formação capacita o futuro presbítero a alimentar a fé da comunidade cristã¹²⁴. Como meios formativos, devem ser promovidas metodologias que ensinem a pensar e julgar com rigor, a relacionar e sintetizar as tradições bíblicas e eclesiais a partir de uma interpretação cristã da vida atual. Além disso, devem existir propostas que difundam o interesse pela filosofia e teologia, mas também pelo pensamento atual (literatura, arte, ciência ...), para oferecer uma teologia que entre em diálogo com o homem de hoje, que tem tanta dificuldade em descobrir a dimensão transcendente e sacramental da realidade, com especial atenção ao sofrimento e à morte.

Os propósitos da dimensão intelectual se estabelecem não apenas pela aquisição do conteúdo filosófico e teológico, mas pelo desenvolvimento cognitivo integral, por meio do qual o formando consegue discernir os sinais da própria

¹²⁰ BIFET, J. E., *La misión al estilo de los apóstoles*, p. 151.

¹²¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 11.

¹²² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 116.

¹²³ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 118.

¹²⁴ VATICANO II, OT 13-18; JOÃO PAULO II, PP., PdV 51; CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 116-118.

vocação, em todo processo, ao passo que é instruído nas diversas disciplinas que aprende. Espelhada no resultado do baixo rendimento educativo particular de muitos candidatos, a deficiência cognitiva pode desfavorecer o entendimento básico para a tomada de decisão sobre o próprio rumo de vida.

As dimensões da formação se estabelecem como elementos estruturais da pessoa no processo formativo e internamente possuem esferas próprias, que são classificadas metodologicamente uma a uma, não como compartimentos estanques independentes entre si, mas como recurso didático para conceituação para sua melhor identificação e aplicação no desenvolvimento do processo, que deve ser sempre integral e convergente. Um processo, cujas dimensões e esferas não estão integradas entre si, tende a ser parcial, reducionista e fragmentador.

4.

O itinerário formativo e suas etapas

O seminário assume, quanto ao itinerário de formação, acima de tudo um caminho mistagógico a ser percorrido, em que à semelhança do percurso catecumenal, o catecúmeno (formando) é acompanhado e introduzido no mistério pelo mistagogo (formador). O *iter*¹²⁵ da nova RIFIS dispõe de uma estrutura semelhante à do catecumenato. Longe de ser uma conveniência, a Igreja com esta nova disposição quer recobrar essencialmente o que deve ser a identidade do presbítero, discípulo configurado a Cristo Bom Pastor. Concomitantemente, enquanto projeto formativo, é um instrumento pedagógico essencial que pretende lograr em cada etapa de formação o desenvolvimento integral da pessoa do vocacionado. Sobretudo, porque este recurso oferece diretrizes gerais e específicas quanto aos objetivos a serem alcançados em cada um de seus estágios¹²⁶.

Por propósito formativo, entende-se o conjunto de objetivos gerais e específicos estabelecidos para cada etapa de formação contidos no itinerário de formação. Tais objetivos variam não somente de acordo com a etapa, mas também com cada dimensão da formação presbiteral.

O processo de formação sacerdotal inicial é constituído por quatro etapas: menor e propedêutico, discipulado, configuração e síntese vocacional. Em cada uma das etapas do itinerário, o seminarista deve ser formado em cada uma das dimensões formativas já definidas¹²⁷. Esta seção tem o objetivo de apresentar cada uma dessas etapas, buscando delinear os seus traços específicos, obedecendo à ordem em que estão dispostas no itinerário formativo percorrido pelo vocacionado.

4.1.

Seminário Menor

O seminário menor¹²⁸ é uma etapa ou tempo de formação especificamente destinada aos adolescentes que possuem, ainda que incipientemente, o desejo de

¹²⁵ Percurso por meio do qual algo deve passar; roteiro, caminho, desenvolvimento: iter processual; iter procedimental. Etimologia (origem da palavra iter). Do latim *iter*, "caminho, percurso".

¹²⁶ MORO, C. A., formação presbiteral, p. 180.

¹²⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 57.

¹²⁸ VATICANO II, OT 3; JOÃO PAULO II, PP., PdV 63-64; CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 20.

discernir a vocação sacerdotal¹²⁹. É um espaço exclusivo a faixa etária. A pertinência acerca da existência deste tempo e espaço formativo, que pertence, a séculos, à tradição da igreja, a começar oficialmente a partir de Trento, se justifica pela necessidade de existir um adequado suporte para o discernimento das vocações juvenis¹³⁰. Os padres conciliares afirmaram que neles devem ser cultivados os germes da vocação. Deve conter a mesma estrutura formativa e âmbito pedagógico que são aplicados aos seminários maiores¹³¹.

O propósito formativo desta etapa de formação consiste no desenvolvimento humano afetivo e espiritual dos adolescentes para que adquiram uma consistente liberdade interior para responder de forma livre e consciente ao chamado vocacional.

Na dimensão humano-afetiva, são trabalhados os desenvolvimentos dos aspectos humanos e cristãos essenciais para a aquisição de uma personalidade estável e fé convicta, para vivência de uma existência autenticamente cristã. À luz da experiência de fé, a maturação humana do adolescente vocacionado consiste na descoberta, na interpretação e identificação das pegadas de Cristo na própria vida e, após essa aquisição, o desafio de segui-las passo-a-passo¹³². Não se trata de algo etéreo, mas algo realista e consciente, que sirva como decisão para orientar a vida no dom de si, no amor a Deus e ao próximo.

Nessa etapa, visa-se um progressivo desenvolvimento humano, virtuoso o suficiente para desenvolver o amor pela verdade sobre si e sobre os outros. Em sentido comunitário criar laços sólidos de amizade para vivência da comunhão fraterna. Já na esfera moral, trabalhar a responsabilização consigo mesmo nos deveres pessoais e com os outros, para o uso autêntico da própria liberdade.

Com base no processo de autoconhecimento, aprender a aprofundar o senso de pertença à própria família através da sua inserção no próprio processo formativo. E neste sentido, o processo formativo jamais pode prescindir da interação familiar por meio das mais variadas formas de participação, inclusive e sobretudo, em atividades concretas contempladas pelo itinerário formativo. Em tempos de tantos sinais de fragmentação das instituições e da moral, a integração da família no

¹²⁹ A adolescência é conhecida como o período de reestruturação da personalidade. Além das mudanças de caráter fisiológico (corpo e voz etc.), nela acontecem também as mudanças de caráter psicológico (individualização, tomada de decisões...). Portanto, constitui-se numa fase privilegiada quanto à escolha profissional e vocacional. IMODA, F.; KIELY, B. (Orgs.), *Buscando Jesus*.

¹³⁰ JOÃO PAULO II, PP., PdV 63.

¹³¹ VATICANO II, OT 3.

¹³² IMODA, F. *Olhou para ele com amor*, p. 51.

processo formativo é considerada pela Igreja como um compromisso eminentemente moral na salvaguarda da vocação matrimonial, sacerdotal e do chamado que a família cristã deve ser no mundo. Esta integração vista de modo concreto se identifica no projeto formativo do Seminário Menor São João Paulo II, em cujo processo está incluída indispensavelmente a presença dos pais nos encontros frequentes com os formadores, seja em reuniões coletivas, seja em reuniões reservadas. De igual modo, com o psicoterapeuta e psicopedagogo, tal experiência corrobora para a formação integral da pessoa do formando, que tem por seu grande contributo a interdisciplinaridade. A organização das atividades dentro do planejamento formativo visa ao desenvolvimento da aquisição de responsabilidade relativa aos deveres pessoais na fase da adolescência, em que começa a se vislumbrar as alternativas para escolha pessoal, e neste caso da formação, incluindo a vocacional, a fidelidade aos compromissos confiados.

Em sua fase de descoberta e identificação da própria sexualidade, o adolescente deve contar que o itinerário formativo lhe ajude, no âmbito da castidade, a perceber a sexualidade humana como um dom e uma viva expressão de amor a Deus e ao próximo através da oferta de si mesmo¹³³. Na perspectiva do dom, ajuda ao adolescente a superar a alienação própria do conjunto de situações impostas pela cultura hedonista nos vocacionados desta faixa etária. Alienações essas que se refletem sobretudo em torno do narcisismo presente nesta fase, geralmente influenciada pela ausência de uma afetividade saudável, proveniente da deficiente presença dos pais na educação dos filhos. A masturbação vista como sinal de autoalienação ganha grande ênfase nesta fase de autodescoberta, quando marcada por carências afetivas relevantes no contexto familiar, que se transportam para o ambiente das relações interpessoais, ou em relação aos coetâneos, ou em relação aos mais velhos. Consequentemente no âmbito eclesial, a vivência da castidade juvenil constitui uma bela realidade no campo da igreja e fora dela, no mundo. Em sentido escatológico, ela aperfeiçoa, pela condição virginal, a pertença do jovem ao Reino de Deus.

As atividades físicas como parte integrante do projeto formativo ajudam o formando no desenvolvimento corporal e na interação com os demais, por meio da aquisição de laços de amizade, companheirismo, determinação e aplicação nos objetivos propostos ou a que propõe, tendo em vista a grande capacidade geradora

¹³³ CUADRADO, J. A. G., *Antropología filosófica*, p. 197-200.

de virtudes e de autointegração, que o esporte proporciona e ao mesmo tempo válida. Essas virtudes são fundamentais para o desenvolvimento humano do adolescente no progressivo caminho de formação humano e cristão.

O itinerário formativo do Seminário Menor para a dimensão humano-afetiva é iniciado, no primeiro ano, com o desenvolvimento afetivo e intelectual do formando, o cultivo de habilidades sociais, o conhecimento e prática das virtudes humanas no relacionamento interpessoal e a valorização do corpo e seu significado a partir da compreensão do magistério. No segundo ano, contempla-se o conhecimento da própria personalidade, o amadurecimento afetivo, a sensibilidade estética em relação ao belo e o cultivo de amizades. No terceiro ano, assumir as tarefas propostas pelo projeto de formação em cada uma das dimensões formativas como cumprimento de autêntico compromisso humano e espiritual, internalizar a compreensão acerca da afetividade como um legítimo valor humano e crescer na busca de sentido para as próprias escolhas¹³⁴.

Na dimensão espiritual esta etapa de formação visa formar no jovem a identidade cristã, base para toda vocação divina assumida como um dom da graça divina que os chama, em qualquer lugar e a todo tempo. Portanto, é nesta etapa que concomitantemente ao processo de discernimento vocacional ao ministério prebiteral, o seminarista menor prepara-se através do catecumenato crismal para o sacramento da crisma. O itinerário de formação espiritual visa dispor na oração um caminho de encontro com Cristo, autor do chamado. A exemplo do que se vê no Antigo Testamento com a vocação de Samuel (1Sm 3, 1-2), a oração torna-se o meio mais eficaz para escutar aquele que nos vocaciona. Neste sentido, a direção espiritual é o grande contributo do processo formativo para que o adolescente cresça na capacidade de interiorizar-se, por meio das orações litúrgicas e espontâneas, da devoção mariana, e outros exercícios de piedade, especialmente os retiros espirituais. Além disso, a vida sacramental assume um caráter primaz no contexto da formação humana e cristã do seminarista menor.

Como itinerário de formação para esta dimensão, o projeto formativo deve contemplar, no primeiro ano, os aspectos do cultivo da amizade com Cristo, como modelo de identificação para vivência da fé cristã e pertença à comunidade eclesial. No segundo, identificar Jesus Cristo como Filho de Deus, modelo de perfeição humana e adorá-lo como Senhor, amar a Igreja através da própria identificação

¹³⁴ VATICANO II, OT 11.

como cristão e aprender a configurar as atitudes com os valores evangélicos, em especial na relação interpessoal e cultivar o compromisso cristão no cuidado com o meio ambiente. No último ciclo formativo, busca-se crescer no conhecimento e no discipulado de Jesus Cristo Sacerdote, como o maior modelo de autodoação ao ser humano, crescer na compreensão da autodoação como compromisso inerente à identidade cristã e ser testemunha dele no mundo, através do compromisso da fé amadurecida e sacramentalmente confirmada.

Pastoralmente, a formação do seminarista menor dá-se nas esferas familiar, paroquial e escolar. No ambiente familiar, a presença constante junto aos familiares constitui um fator importantíssimo para o seu processo de maturação humano-afetiva e também no testemunho que é levado a manifestar através do convívio familiar, o quanto for capaz de desenvolver-se moral e espiritualmente mediante o crescimento na fé quer por seu progressivo aprendizado doutrinal, quer por sua evolução humana na arte de interagir com os outros¹³⁵. Ao passo que no paroquial, sua presença junto aos demais jovens catecúmenos, proporciona-lhe o crescimento gradual próprio do caminho catecumenal, que lhe assegura na aquisição de pertença à comunidade dos discípulos de Cristo. O fato de o adolescente vocacionado ao sacerdócio ministerial estar frequentando os encontros do catecumenato crismal é uma experiência de serviço pastoral pelo que isso representa aos outros jovens, e também, pelo que representa para si na identificação com o chamado ao serviço. No ambiente escolar, sua presença é um anúncio que interpela a todo instante aos demais jovens sobre o que estão a fazer com suas vidas e sobre o quanto devem estar dispostos à escuta do que Deus quer de suas vidas. Além disso, por meio das amizades constituem um belo contributo para o discernimento vocacional, o estar no meio, lhes favorece a pastoral da escuta, na condição de escolhidos pelos demais colegas como conselheiros acerca dos mais variados assuntos e iluminações de que carecem as reflexões dos jovens que lhes cercam.

Na dimensão intelectual, os formandos são preparados para o cultivo intelectual, como parte de sua formação pessoal e integral e junto com as demais, constitui-se uma de suas dimensões essenciais. Através dos estudos no Seminário Menor, os alunos devem adquirir uma formação humanística e científica semelhante, para a qual os candidatos ao ingresso no ensino superior são obrigados civilmente por lei¹³⁶.

¹³⁵ CNBB. Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, p. 88.

¹³⁶ VATICANO II, OT 17; CIC, Cân. 261, §2.

Alguns aspectos de valoração para identificação do crescimento do discernimento vocacional dos seminaristas menores¹³⁷ podem ser considerados gradualmente ao longo do processo formativo e distribuídos a cada ano do itinerário em:

1) Primeiro ano:

- Identificar a vocação como um convite de Cristo a seguir e permanecer com ele;
- Fazer da experiência de doação e serviço à comunidade a realização do chamado vocacional;
- Aprofundar os aspectos práticos típicos da vocação sacerdotal;

2) Segundo ano:

- Interiorizar o chamado vocacional como um convite a permanecer com Cristo e colaborar no anúncio do Evangelho;
- Aprofundar a vocação como autorrealização, através do serviço às pessoas;
- Conhecer a necessidades da Igreja e do mundo e identificar e de qual modo a vocação sacerdotal pode socorrê-las;

3) Terceiro ano:

- Encontrar na vocação sacerdotal a imitação das virtudes de Jesus Cristo;
- Amadurecer a opção vocacional pelo ministério sacerdotal na vida da comunidade;
- Consolidar a decisão de continuar o processo de formação em vista da vocação sacerdotal.

4.4.1.

Os desafios antropológicos da formação de seminaristas menores

Os desafios antropológicos identificados na formação dos seminaristas da etapa formativa do seminário menor estão divididos em três categorias: a humana, moral social e eclesiais.

Na categoria humana, identificam-se os problemas referentes ao aspecto psicossomático dos formandos, tais como a falta de consciência acerca da importância de cuidados básicos com a saúde, as lacunas no desenvolvimento cognitivo, o isolamento afetivo nas relações interpessoais, a carência afetiva e

¹³⁷ CNBB, Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, 108-109.

transferência de papéis em razão da ausência de referências humanas e a falta de humanização decorrente de uma subcultura líquida ou descartável.

Embora trate-se de adolescentes, que são os destinatários da etapa formativa do seminário menor – e não se deixa aqui de levar em consideração a faixa etária dos formandos –, os desafios identificados partem de um olhar atento e compatível com a realidade humana.

No contexto humano, a falta de cuidados com o próprio corpo reflete-se no desconhecimento apresentado por muitos candidatos ao ingresso no processo formativo, relacionados ao cuidado com a alimentação e com a própria saúde.

O ritmo imposto pela celeridade do tempo às relações humanas tem impedido que pais e filhos se reúnam, não somente para troca de afeto, partilhas de experiência e educação para os bons costumes – o que já é grave¹³⁸. Esses fatores têm impossibilitado que os adolescentes aprendam a se cuidar até mesmo corporalmente. A gama de atenção demandada por questões consideradas prioritárias constitui um verdadeiro exílio humano, espiritual e social do papel dos pais em relação aos próprios filhos e vice e versa¹³⁹.

Hodiernamente os pais se exilam de sua tarefa – à primeira vista muito simples e trivial, mas por certo importante, sobretudo nos resultados refletidos no tempo mais adiante – de ensinar seus filhos os rudimentos da educação e do auto cuidado; de investigar o rendimento intelectual nos estudos, e, neste âmbito, averiguar o cumprimento das tarefas escolares, apurar as deficiências cognitivas possíveis de existir, que são decorrentes desde a má nutrição à traumas e feridas emocionais geradas ao longo do desenvolvimento afetivo. Talvez esta carência possa estar, de algum modo, ligada à base dos muitos desafios identificados pelas seguintes categorias:

Na categoria moral e social, encontra-se como desafio a carência de consciência acerca da moralidade dos atos, que deve ser fomentada no desenvolvimento infantil, e, que a partir do acesso à idade da razão, deve-se dar a conhecer, e muitas vezes, se não forem delegadas a outras pessoas são terceirizadas e acabam por serem muito frequentemente influenciadas pelo relativismo moral acerca da compreensão das virtudes e sua importância para vida.

¹³⁸ SANTO, J. M. Família e escola, p. 14.

¹³⁹ ROBERTO, I., Família e afetividade, p. 11.

Devido à velocidade imposta pela massificação digital que ditam respostas imediatas às necessidades existenciais do ser humano, nem sempre capazes de saciá-las, a falta de tempo não é a única culpada dos desafios elencados.

Existe nas famílias, a tendência à opção por uma modalidade de educação autônoma, em nome de uma pretensa liberdade equivocada de certo, já na compreensão ou de um suposto respeito à individualidade dos filhos, que acaba justificando a renúncia formal e material do dever inalienável de educá-los e ser para eles uma referência.

Mas, como educar para serem verdadeiramente livres sem dar-lhes a conhecer o que é moralmente bom ou mal, uma vez que o conceito de liberdade¹⁴⁰ está justamente na escolha das melhores coisas para os seus filhos? Como educar para autonomia, sem uma educação que perpassasse o processo de subjetivação – quem sou diante de Deus e dos meus semelhantes, diante das coisas criadas? – e de objetivação – o que posso me tornar à luz da verdade e da bondade que é o próprio Deus no mundo – e venha a tornar os filhos agentes responsáveis ética e moralmente?

Essas perguntas são capitais para o afrontamento da subcultura consciente ou inconsciente que rege o modo com o qual os pais educam, deseducam ou terceirizam a formação de seus filhos.

Não é raro identificar no processo de formação dos seminaristas ausência de educação básica, a carência de referenciais humanos que consequentemente geram a transferência de papéis. Assim como não é rara – e pode ser espantoso em certo sentido – a transferência de responsabilidade na educação e nas escolhas em processos que demandem decisões, às instituições e aos seus membros: no ambiente escolar, a transferência de responsabilidade à instituição de ensino; nos seminários, aos formadores que no processo de formação cumprem o papel pedagógico de mediador de Deus no crescimento humano e vocacional dos formandos.

¹⁴⁰ CEC 1731-1733 define: “A liberdade é o poder, radicado na razão e na vontade, de agir ou não agir, de fazer isto ou aquilo, praticando assim, por si mesmo, ações deliberadas. Pelo livre arbítrio, cada qual dispõe de si. A liberdade é, no homem, uma força de crescimento e de maturação na verdade e na bondade. E atinge a sua perfeição quando está ordenada para Deus, nossa bem-aventurança. Enquanto se não fixa definitivamente no seu bem último, que é Deus, a liberdade implica a possibilidade de *escolher entre o bem e o mal*, e portanto, de crescer na perfeição ou de falhar e pecar. É ela que caracteriza os atos propriamente humanos. Torna-se fonte de louvor ou de censura, de mérito ou de demérito. Quanto mais o homem fizer o bem, mais livre se torna. Não há verdadeira liberdade senão no serviço do bem e da justiça. A opção pela desobediência e pelo mal é um abuso da liberdade e conduz à escravidão do pecado” (Rm 6,17).

A falta de liberdade ou a ausência de uma educação para o exercício da liberdade responsável e¹⁴¹, ao mesmo tempo, a falta de autonomia que contemple o processo de subjetivação e objetivação incidem diretamente no processo de formação presbiteral inicial. Esse desafio não se identifica somente entre os adolescentes, mas também entre os jovens e adultos, o que atesta quão grave é a falta de estrutura de uma boa educação humana para qualquer processo.

A ausência de diálogo acerca da sexualidade humana interfere no processo de autoconhecimento da própria identidade sexual e encontra-se no mesmo encalço das preocupações com a consciência moral. Os adolescentes trazem marcas profundas em sua afetividade e sexualidade de uma influência, porque não ditatorial, imposta pela erotização e pela pornografia, hoje cada vez mais desvelada à luz do dia e que tantos males causam à saúde psíquica, espiritual e biológica do ser humano¹⁴².

Dentro deste âmbito, outro desafio é o dos abusos sexuais ocorridos dentro da família e na Igreja. Em relação à Igreja, é presente na sociedade a desconfiança moral gerada pelos escândalos de abuso sexual de menores provocados por clérigos, lideranças e agentes de pastorais, que infelizmente, acabam por ser critério de caracterização sobre todos os demais. Publicamente conhecidos, esses fatos dolorosos tornam vítimas os que sofrem os abusos e seus familiares, bem como a própria Igreja que como instituição religiosa tem por dever ser no mundo uma autoridade moral referencial e referenciadora¹⁴³.

No objetivo de reparar os danos causados pelos crimes hediondos às vítimas, praticados em especial por clérigos, e punir judicialmente os responsáveis, a Igreja se posicionou por meio da Carta Apostólica em forma de Motu Próprio do Papa Francisco intitulada “Como uma mãe amorosa”, que ao reconhecer que existe uma

¹⁴¹ CEC 1738: “A liberdade exercita-se nas relações entre seres humanos. Toda a pessoa humana, criada à imagem de Deus, tem o direito natural de ser reconhecida como ser livre e responsável. Todos devem a todos este dever do respeito. *O direito ao exercício da liberdade* é uma exigência inseparável da dignidade da pessoa humana, nomeadamente em matéria moral e religiosa. Este direito deve ser civilmente reconhecido e protegido dentro dos limites do bem comum e da ordem pública”.

¹⁴² “Segundo a Associação Americana de Pediatras, o consumo de pornografia pelos jovens tem, como efeitos, a aceitação da infidelidade na relação de casais e a percepção do casamento como algo obsoleto. Em relação a isso, o professor Thomas Lickona afirma que a pornografia – que é um grande negócio para seus promotores – gera entre os usuários “uma grande tolerância a violações e a forte queda do desejo de formar uma família e ter filhos”. De acordo com estudos da Associação Americana de Pediatras, “a pornografia provoca nos jovens uma tendência sexual impessoal e egocêntrica, que os empurra para relações livres e sem amarras, diferentemente de uma relação de amor, com compromissos, deveres e responsabilidades”. ARAGONÉS, S., Os estragos causados pela pornografia na mente de quem a consome.

¹⁴³ SCICLUNA, C. J., La búsqueda de la verdad en casos de abuso sexual, p. 73-83.

ferida profunda aberta, presta ao mundo o seu papel profético de amar a verdade e servir para que em tudo ela prevaleça¹⁴⁴.

Muitos são os elementos identificados na gênese dos escândalos, provenientes do perfil doentio dos agressores. O aprofundamento nesse tema deve fazer parte da busca pela diminuição e prevenção dos abusos. Entretanto, na perspectiva da prevenção, o projeto de formação dos seminários e casas de formação não podem prescindir desta realidade em seus itinerários e programas formativos. E neste sentido, o afrontamento assertivo e clarividente da questão constitui o início de uma cultura preventiva bem sucedida. Nunca será sadio, e muito menos moralmente correto, o método do ocultamento, a ideia das realidades tidas por óbvio que são conhecidas e aceitas. Na realidade do seminário menor, a escolha criteriosa dos formadores deve levar em conta a saúde psíquica, idoneidade moral, maturidade humano-afetiva e espiritual e participação da família, ajudam não só na prevenção, bem como na promoção da pertinência acerca da continuidade da missão da Igreja de formar. Diversas vezes, a resistência à reabertura de seminários menores extintos, se funda sobre o medo gerado pela desconfiança moral ocasionadas pelos escândalos de abuso sexual de menores. Mas este desafio deve ser superado por meio da atitude profética da Igreja em cumprir sua missão com caridade e justiça.

Na categoria eclesial, em alguns casos, destaca-se a bagagem insipiente de formação trazida pelos formandos de uma iniciação cristã. Somando a isto, em especial, o desinteresse dos pais em fazer o caminho cristão com seus filhos, participando afetiva e efetivamente de suas experiências de fé, como meio de incentivo e perseverança. A tradição pela qual os pais iniciam seus filhos na fé atualmente está cada vez mais rara. O comum tem sido o contrário: alguns filhos fazem um esforço hercúleo para ter junto de si a presença de seus pais e familiares, em sua experiência de fé. Alguns vocacionados sofrem a desestimulante ausência dos pais em âmbitos vitais para o seu desenvolvimento humano e cristão.

Ainda no âmbito eclesial, encontra-se o desinteresse em aproveitar o rico espaço pastoral existente na reunião dos adolescentes, em grupos de pastoral da perseverança e de coroinhas ou acólitos, para promover o ingresso desses aos seminários.

Geralmente, este desinteresse se funda sob a justificativa de que o adolescente tem que “aproveitar mais a sua vida” para que mais maduro ingressem no processo

¹⁴⁴ FRACISCO, PP., *Come uma madre amorevole*.

formativo. E em alguns casos – por certo espantosos –, o “bom proveito da vida” consiste em uma espécie de “defesa” contra uma suposta repressão de sentimentos e experiências, próprias da fase da adolescência. Como se um projeto formativo fosse uma ameaça à vivência legítima da própria vida, do seu crescimento humano e espiritual. Em outros casos, a justificativa está na desconfiança mútua que pode haver no interior da comunidade eclesial, gerada pelos escândalos de abuso.

Em suma, se algumas marcas características deste tempo de aceleradas mudanças são a renúncia, inversão e transferência de papéis das instituições e das pessoas, a Igreja não será formatada nesses padrões, atuando de maneira que não seja cumprida integralmente a missão, se comportando de modo solúvel, líquido, híbrido e provisório, pois, de outro modo, a humanidade e o próprio Senhor um dia haveriam de lhe pedir contas por não ter sido sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14).

4.2. Seminário Propedêutico

Introdutória, como é definida em seu próprio nome, essa fase é fundamental para o início de construção das bases de todo processo formativo. Essas bases encontram-se agrupadas nas dimensões da formação sacerdotal. Não é sem razão que ela é anterior ao início do processo de estruturação, a que se propõe o discipulado. E é requisito fundamental, portanto obrigatório, para o ingresso no seminário maior, à exceção dos formandos provenientes do seminário menor, que já foram inseridos na vida comunitária e no processo formativo. Seu caráter relevante se comprova por meio das definições emitidas pelos documentos pontifícios sobre a formação dos futuros presbíteros¹⁴⁵, que estabelecem a criação de espaços formativos exclusivos, e, se possível com formadores específicos para conduzir o processo.

Nesta fase, a faixa etária comum de candidatos ao ingresso no seminário varia entre os 17 anos e os 35 anos, podendo ultrapassar este limite em algumas exceções. Em termos de currículo escolar, os vocacionados que entram para seminário nesta fase, necessariamente concluíram o Ensino Médio ou iniciaram uma graduação, concluíram ou, em alguns casos, até mesmo portam alguma titulação de pós-graduação. Além da formação acadêmica, é muito frequente o ingresso de

¹⁴⁵ JOÃO PAULO II, PP., PdV 62; CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 59.

vocacionados com experiência profissional. Portanto, o perfil dos que iniciam o processo de formação nessa etapa é de vocações jovens e adultas.

Se por um lado, a experiência adquirida na trajetória escolar e profissional dos formandos jovens e adultos contribui para o amadurecimento humano nas mais variadas dimensões, por outro, o fato de já possuírem diversificadas experiências humanas e cristãs acaba contribuindo para o surgimento de alguns sinais deficitários. São eles: visão fragmentada da própria existência, dificuldades afetivas e sexuais, reflexos mais consolidados de desintegração familiar, dificuldades na identificação dos sentimentos e emoções, lacunas culturais humanísticas e científicas de um ensino fundamental e médio deficiente, sem contar o analfabetismo funcional que é um drama social grave e cada vez mais estatisticamente numeroso¹⁴⁶, demandas cognitivas clinicamente diagnosticadas, fragilidade de convicções básicas humanas e de fé, mesmo com experiência pregressa de fé e grande carência de pertença a comunidade eclesial¹⁴⁷.

Partindo, pois, desses desafios antropológicos concretos é que o itinerário formativo da etapa propedêutica visa trabalhar cada um desses sob a perspectiva das dimensões básicas da formação sacerdotal. O itinerário formativo tem sempre como ponto de partida a condição atual do formando, e como ponto de chegada, o objetivo geral a ser alcançado em cada uma delas: humano-afetiva, espiritual, pastoral e intelectual¹⁴⁸.

Na primeira, o exercício do autoconhecimento deve partir de uma autobiografia, mais completa possível de modo que formando e formador tenham a percepção, cada qual segundo a própria perspectiva, sobre o modo de ver as próprias experiências vividas no âmbito das relações humanas e da vivência de fé. Numa proposta realista de autoconsciência, é necessário levá-lo a expressar, de que aspectos é constituída a própria existência humana, suas necessidades, para a partir do método pedagógico da observação, considerar o quanto o formando é capaz de identificar as dimensões de sua vida e o modo como associá-las às da formação sacerdotal. Com isso, ocorre levar o formando a identificar os próprios defeitos e virtudes, questionando-lhe como reage frente a cada uma delas e onde pode chegar. Ante o processo formativo, o vocacionado deve ser capaz de discernir, de maneira autônoma, aquilo que lhe for capaz de ter uma ideia inicial, do que sabe a respeito,

¹⁴⁶ AGÊNCIA BRASIL, Analfabetismo cai, mas Brasil ainda tem 11 milhões sem ler e escrever.

¹⁴⁷ CNBB, Diretrizes para formação dos Futuros Presbíteros da Igreja no Brasil, 127.

¹⁴⁸ CNBB, Diretrizes para formação dos Futuros Presbíteros da Igreja no Brasil, 130.

pelo que já pôde absorver e o quanto se encontra disposto frente a este, e, qual a importância, a partir do que entende, ainda que incipiente, para o próprio crescimento. Mesmo neste aprendizado, considera-se importante acessar quais elementos o formando traz consigo de formação da consciência e do caráter, assim como o sacerdócio ministerial e suas exigências.

O dado da alteridade consiste na aceitação do outro, a partir da sua autobiografia, revela os elementos positivos e negativos que esse reúne das relações interpessoais, mostrando quais são as personagens que se associam às coisas boas e ruins e que potenciais ou carências possui no âmbito das relações interpessoais. Busca-se o que representa para si o conviver com os demais seminaristas e com os formadores, com os fiéis leigos, homens e mulheres, apurando que noção faz acerca do Igreja e do sacerdócio ministerial nela.

No aprendizado da autodoação, a autobiografia pode ser um objeto de análise valioso, sobre o quanto o formando recebe da própria história vivida e das personagens que a compõem. Essa reflexão, serve de impulso para medir o grau de disposição em a si mesmo para o outro (Deus, o semelhante, a Igreja), e quais noções possui em relação aos compromissos da vida cristã.

As atividades domésticas e outras demandas da casa de formação contribuem eficazmente na formação humano-afetiva do propedeuta, na internalização de um dentre os demais aspectos inerentes à identidade do presbítero, ou seja, a de pai¹⁴⁹.

Na dimensão espiritual, o objetivo geral é iniciar o formando na vida de oração pessoal e comunitária, para que no encontro cotidiano com o Senhor, fundamente-se a própria vida, o discernimento e a resposta ao dom do chamado recebido¹⁵⁰.

A oração constitui aquela realidade fundamental para todo discernimento, pois é por ela que se estabelece a comunhão com o Senhor, tornada amizade¹⁵¹. É pela oração que a vida se introduz no mistério do Senhor que chama. Aqui, situam-se a Palavra dos sacramentos¹⁵², a Igreja investida da graça de estado para confirmar o discernimento vocacional e a fraternidade¹⁵³. Todas essas realidades são veículos por meio dos quais Deus se dirige aos que ele vocaciona.

¹⁴⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros, 24.

¹⁵⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros, 24.

¹⁵¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 59.

¹⁵² JOÃO PAULO II, PP., PdV 48.

¹⁵³ JOÃO PAULO II, PP., PdV 49.

A meditação da Palavra de Deus, em muitas casas de formação, chamadas de *Lectio Divina*, torna-se um instrumento, não somente didático importante para o processo de formação, mas sobretudo, uma mediação mistagógica para compreensão da própria vida e história pessoal como um lugar em que Deus continua a se revelar. Neste sentido, a autobiografia serve de base para a identificação dos sinais de Deus em todos os fatos ocorridos na própria história de vida. É partindo dessa prática que o formando pode ser levado a identificar sua própria história com a de algum personagem bíblico. Esta aproximação gera frutos importantes para vida espiritual do formando, iluminando o seu discernimento vocacional e o ajudando a ter um olhar místico sobre seu processo de maturação humana, de fé e sobre a realidade à sua volta¹⁵⁴.

O propedeuta passa a ter diante de si um novo horizonte que compõe a vida inteira do sacerdote, homem de oração e mestre da vida interior que almeja ser¹⁵⁵. A oração passa a assumir um caráter disciplinar, pois que constitui o ofício do ministro ordenado, escolhido dentre os homens, por graça, em favor dos homens nas coisas que se referem a Deus (Hb 5,1).

Os jovens vocacionados ao sacerdócio ministerial, que se encontram no processo de formação inicial, não podem pela sua condição santificar o mundo, pois ainda não possuem o ofício ministerial, mas, por seu batismo, o que podem fazer pela santificação das pessoas, certamente é oferecer suas orações e estudos pela salvação do mundo.

A oração litúrgica como meio de formar o coração orante, através dos salmos, aponta para aquela realidade subjacente ao ministério sacerdotal futuramente recebido, em que o sacerdote se torna, no mundo, a epifania do mistério. Por isso, além da iniciação à prática de oração da Liturgia das Horas, o formando aprende, nesse estágio, noções básicas de liturgia para melhor viver e celebrar os mistérios sagrados.

Nesta etapa introdutória, além de ser iniciado na oração litúrgica, o formando conhece as mais variadas formas de espiritualidade existentes que sustentam e animam a missão da Igreja. Uma consistente iniciação à vida de oração no processo formativo, será determinante para uma boa vivência da fé cristã, que nada tem de egocêntrica, mas que nos abre ao mundo para através do anúncio da fé a Igreja cumpra de forma madura sua missão. Se a Igreja por sua vida interior não se torna

¹⁵⁴ CENCINI, A., História pessoal morada do mistério.P.38

¹⁵⁵ JOÃO PAULO II, PP., PdV 45.

testemunho de fé nem mostra ao mundo o Transcendente, os seres humanos continuarão fechados em si mesmos¹⁵⁶.

O jovem vocacionado, de todas as etapas da formação inicial, deve ter, na abertura e no dom de si mesmo para Deus e para o mundo, a realidade vital para vivência autêntica do dom recebido à vocação presbiteral.

A direção espiritual¹⁵⁷ constitui outra realidade fundante para o processo formativo. É nela que o formando aprende, a partir da transcendência, a identificar as realidades da sua existência que carecem de integração e evolução para uma livre resposta ao chamado de Deus de forma virtuosa. Aqui, o foro interno habitado pelo formando, sua consciência e diretor espiritual serão ferramenta para se trabalhar todas as questões de sua vida, de modo a iluminar, salvar e renovar integralmente a pessoa. É de suma importância que desde os primeiros passos no caminho formativo, o seminarista seja capaz de criar uma relação de confiança com seu diretor, marcada pela sinceridade que se funda sobre uma progressiva confiança e assídua frequência.

Ao lado da direção espiritual está a confissão sacramental, que por sua graça santificante permite ao formando crescer progressivamente na intimidade com o Senhor¹⁵⁸.

Os jovens trazem consigo uma necessidade cada vez maior de inteiração, tão necessária para o discernimento vocacional. Os retiros mensais e anuais, são excelentes meios para aprofundar o formando na prática da escuta de Deus e leitura dos sinais.

A devoção mariana, neste período, é enriquecida com o aprofundamento teológico, uma vez que nesta etapa, faz parte da formação intelectual o estudo sistemático do Magistério da Igreja Católica, do magistério pontifício e outros documentos eclesiais.

A devoção aos santos e santas, é enriquecida pelo estudo hagiográfico, através do qual se debruça sobre a biografia dos santos, a fim de enriquecer a própria vida espiritual com a apropriação das virtudes de tantos homens e mulheres que em vida viveram a sua fidelidade a Cristo e que servem de referenciais para vida cristã. Nesta época, marcada por tanto individualismo, o conhecimento da vida dos santos

¹⁵⁶ MIRANDA, M. F., A Igreja somos nós, p. 196.

¹⁵⁷ PEIXOTO, C. H., O valor antropológico da direção espiritual, p. 91-97.

¹⁵⁸ JOÃO PAULO II, PP., PdV 48.

recoloca o indivíduo no caminho lúcido contra o subjetivismo, sem detrimento à vida comunitária e, portanto, ao contexto eclesial.

Formar para a comunhão eclesial sempre constitui uma necessidade sensível no processo de formação sacerdotal, seja inicial ou permanente. Por isso, a inserção gradual do formando nos acontecimentos da igreja particular, o conhecimento de sua história são fundamentais para geração de pertença e sensibilidade pastoral frente às necessidades que interpelam a um serviço gratuito.

Todos esses elementos constituem o tríptico aprendizado específico para esta etapa de formação: encontrar, seguir e permanecer em Jesus Cristo.

Na última etapa do Propedêutico, estão agrupados os programas de formação humanística e científica, pois em muitos casos o formando irá concorrer ao ingresso no nível superior através do exame vestibular, bem como a formação filosófico-teológica em caráter introdutório. Portanto, o itinerário formativo para a dimensão intelectual deverá abarcar uma carga horária compatível ao aprofundamento necessário nas disciplinas exigidas no concurso, no aprofundamento do Catecismo da Igreja Católica, na introdução às Sagradas Escrituras, na introdução à Filosofia e no treinamento da capacidade argumentativa, visto que um dos desafios antropológicos mais comuns entre os jovens se faz presente por causa das lacunas geradas por um ensino escolar deficitário, sem contar alguns problemas cognitivos identificados pela avaliação psicopedagógica, psicológica e fonoaudiológica a que devem ser submetidos os que ingressam no processo de formação.

Pastoralmente pensando a práxis do processo formativo, o formando deve aprender a compreender a igreja com os seus ministérios e carismas. Para uma boa imersão na realidade pastoral, o contato com realidades ampliadas da igreja particular favorece o desenvolvimento de uma boa consciência missionária. Neste período introdutório é muito oportuno que existam experiências pastorais que gerem empatia com as necessidades do povo, suas dores, dramas sociais e busca de esperança. O contato com essas realidades, não somente no período propedêutico, ajuda a formar no futuro presbítero aquela sensibilidade pastoral que deve haver nos presbíteros hoje, tão marcadamente testemunhada e perenemente exigida pelo Santo Padre o Papa Francisco, aos pastores da atualidade, e que reflete bem a imagem da caridade pastoral de Cristo, a do “pastor com cheiro de ovelhas”¹⁵⁹. O apostolado ou experiência pastoral dos seminaristas propedeutas auxiliando aos

¹⁵⁹ FRANCISCO, PP., Homilia do Santo Padre Francisco em 28 de março de 2013.

leigos na catequese, ajuda no processo de consolidação da identidade cristã a que se propõe esta etapa. A contribuição dos leigos na formação dos seminaristas corrobora para que sejam evitadas posturas autorreferenciais no apostolado. Essa postura evita clericalismo¹⁶⁰.

4.3. Discipulado

A condição discipular é uma das realidades essenciais da vocação presbiteral, pois o chamado vocacional implica no seguimento do vocacionado ao seu autor. Este fato se faz presente nos evangelhos, especificamente na vocação dos doze (Mt 10,1-7; Lc 6,12-19). O ingresso no discipulado aqui se atesta como fruto de uma resposta de adesão dada pelo vocacionado a Cristo. É por esta adesão, identificada como ato de fé, que cada um dos discípulos, desde os primeiros a serem chamados àqueles que hoje se sentem chamados, ingressa na vida cristã. Portanto, o discipulado é a condição fundamental para vida cristã e no processo formativo não é diferente.

Esta etapa de formação destina-se ajudar o formando no desenvolvimento do autoconhecimento, na estruturação da própria personalidade e integração de aspectos que possam estar em desequilíbrio neste âmbito. Trata-se de um período da formação inicial em que se aprofunda a formação integral do formando em todas as suas dimensões. E porque a dimensão espiritual é o eixo integrador dentre as demais, nela reside o cultivo e o desenvolvimento das virtudes teologais, evangélicas e humanas, tão necessárias para a vida em comunidade no crescimento da autodoação do cristão a Jesus Cristo e aos demais irmãos¹⁶¹.

Nessa subseção, a etapa do itinerário formativo do discipulado é apresentada por meio de três tópicos: Discipulado 1, 2 e 3. Cada etapa do discipulado corresponde a um ano do curso de filosofia, que tem a duração de três anos. O curso de filosofia e o discipulado coincidem com o itinerário de formação.

1. Discipulado 1

Como afirmado anteriormente, na dimensão humano-afetiva, o seminarista deve desenvolver uma percepção realista de si. Esse desenvolvimento ocorre a partir da identificação de si mesmo como pessoa dotada de afetividade e

¹⁶⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 33.

¹⁶¹ CNBB, Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, 144.

sexualidade. Os eixos afetivo e sexual constituem o aspecto relacional ou social que geram pessoas maduras e seguras, se bem desenvolvidos.

Aqui, é importantíssimo saber qual a identificação de gênero que o formando faz de si mesmo, se esse se identifica com o sexo masculino, não somente a partir da genitalidade, mas também na personalidade que engloba o fator sexual e afetivo. Na autopercepção, é necessário identificar na memória afetiva tudo que diz respeito ao eixo dos afetos. No eixo sexual, o seminarista deve expressar qual a sua identificação sexual, não apenas a partir do genital, mas da constituição de sua personalidade, na qual encontra-se a própria sexualidade¹⁶². Atualmente, o relativismo moral afeta diretamente o modo com o qual as pessoas percebem a si próprias, e isso incide na constituição da própria personalidade e consequentemente na autopercepção perante Deus e os semelhantes. Nesta medição da sensibilidade, o discernimento vocacional necessita de clareza, pois não pode haver escuta sem a lúcida percepção de si mesmo, da parte de quem ouve e de quem fala, pois o caminho formativo na perspectiva do discernimento é, em última análise, um diálogo¹⁶³.

Na esfera da alteridade, o seminarista deve aprender a conviver bem com as pessoas respeitando suas diferenças individuais, tais como o sexo, condição social e econômica, raça, etnia e religião. Este aprendizado é fundamental para o desenvolvimento daquele que é um dos traços da identidade do presbítero: homem de comunhão. Como aprendizado da autodoação, a apropriação da própria história familiar e a aceitação de seu contexto social são elementos constitutivos da base humana em vista da resposta que traduz na entrega cotidiana de si mesmo a serviço do outro, tão necessário para a vivência do desprendimento evangélico.

Na dimensão espiritual, o seminarista deve, no primeiro ano, aprofundar-se na esfera do encontro com Cristo através da conversão a ele, visualizando a condição da mediação, realidade perene do batismo, do conjunto formativo. Trata-se aqui, de perceber neste conjunto, o seu caráter mediador: aquele que vocaciona,

¹⁶² A este respeito, atesta a Congregação da Doutrina da Fé: É do sexo, efetivamente, que a pessoa humana recebe aqueles caracteres que, no plano biológico, psicológico e espiritual, a fazem homem e mulher, condicionando por isso, em grande escala, a sua conceção da maturidade e a sua inserção na sociedade. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Persona humana*, 1. Ser sexuado é um dom. Evangelizar a sexualidade é uma experiência que enriquece a vida. Formar para a castidade, o pudor e o respeito do corpo é muito mais do que uma atitude; é a expressão concreta de aprofundamento humano, de incalculável valor para a vida e a convivência cotidiana. SOLANO, R., Ideologia de gênero e a crise da identidade sexual.

¹⁶³ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Sexualidade Humana*, 140.

está no irmão de comunidade, nos formadores, nos fiéis leigos em geral e no próprio caminho formativo.

Consequentemente ao dom do encontro, vem o seguimento de um modo próprio de viver o evangelho na prática. Aqui o seminarista deve ser conduzido a assimilação dos atos de Cristo, isto é, o evangelho na própria existência. Na esfera da comunhão, a etapa discipular visa reavivar a consciência e vivência da condição filial recebida no batismo e expressá-la através da vivência espiritual dos sacramentos, na oração pessoal e comunitária. A condição filial é fundamental para que o presbítero nunca perca a sua identidade de discípulo de Jesus Cristo.

A dimensão pastoral transcorre nesta etapa partindo da inquietude diante do sofrimento humano, diante do qual o seminarista deve inquietar-se, reconhecendo a orfandade humana e espiritual com que os homens e mulheres vivem, suas angústias e necessidades humanas, seus dramas sociais, suas dores físicas ou espirituais, pois são essas realidades que afetam o coração de Jesus Bom Pastor, claramente refletidas nos evangelhos. A isso segue-se o desenvolvimento da capacidade do formando reagir de forma solidária diante da realidade. Aqui a atitude enquanto ação concreta e proativa frente à realidade não pode ficar no campo da abstração, por isso, trata-se de um comportamento pastoral. No desenvolvimento das aptidões pastorais, o processo formativo nesta etapa pretende criar no formando a disponibilidade e presença oblativas frente aos dramas humanos do homem e da mulher, sejam quais forem as situações de sofrimento em que se encontram.

Em seu primeiro ano de discipulado, o seminarista deve, na dimensão intelectual do processo de formação, sob a perspectiva do conhecimento acerca da realidade, adquirir senso capaz de analisar o mundo criticamente, levando em conta seus mais variados aspectos, a fim de ter uma impressão integral. Para tanto, é preciso ser capaz de distinguir o objeto do sujeito através da apropriação de um pensamento crítico a ser desenvolvido, a fim de traduzi-lo por meio de um discurso de fé epistêmico e cosmológico.

2. Discipulado 2.

No segundo ano da etapa discipular, o itinerário prevê, na dimensão humano-afetiva, trabalhar no formando a capacidade de expressar de maneira adequada as próprias emoções e sentimentos como parte da autoaceitação. Nessa esfera, no eixo da afetividade, o formando deve ser capaz de conferir sentido às sensações reconhecendo, por meio de um reto juízo moral, se são negativas ou positivas e

quais as razões para senti-las, isto é, se são razoáveis e de que modo devem ser expressas. No eixo da sexualidade, deve aprender a identificar as sensações naturais próprias da genitalidade masculina, a maturidade para não demonizá-las e a clareza para identificar o que pode ser matéria de pecado a fim de reconciliá-la. Na perspectiva da aceitação do outro, o formando deve compreender como se processa a dinâmica das relações interpessoais e os níveis de intimidade que se estabelecem nas relações. Não é raro perceber que nos candidatos há uma espécie de confusão nos níveis de relações, e, uma consequente dependência afetiva nas muitas circunstâncias em que não há o aprendizado para estabelecer níveis de intimidade e de prioridade nos ciclos de relacionamento. Este problema gera pessoas, e futuramente, presbíteros confusos nas relações, afetivamente dependentes e inseguros e facilmente manipuláveis. Em muitos casos, esses problemas podem causar muitas crises que afetam sacerdotes, quando tristemente se envolvem em grandes escândalos morais. No eixo sexual, é de grande importância a distinção que há na intimidade dos homens entre si, das mulheres entre si e dos homens com as mulheres. Aqui, a distinção que há entre os sexos e as personalidades masculinas e femininas influencia diretamente no aspecto psicossocial de cada um dos gêneros e entre si¹⁶⁴.

No segundo ano de discipulado, o formando deve aprender a desenvolver habilidades para efetiva comunicação assertiva, como expressão de autodoação. Nessa esfera é de suma importância trabalhar a empatia como norte da comunicação humana que leva sempre em conta a condição do interlocutor da mensagem e a distinguir agressividade de assertividade.

Nesta etapa de formação, a dimensão espiritual pretende trabalhar no formando a fundamentação da própria vida em Cristo através da vivência da caridade na vida comunitária e no aprofundamento da consciência eclesial da própria vocação. Esses dois aspectos da caridade e da consciência eclesial evidenciam o encontro do formando com Cristo, através de exercícios que corroborem para ajuda mútua, mediante a identificação das necessidades das pessoas no convívio dentro e fora do seminário. Na esfera do seguimento, tendo por referência a vida de Cristo, o formando aprende a reconhecer o amor de Deus como primado e fim último da existência humana e regulador das relações interpessoais. E na permanência, a experiência catecumenal do processo de formação deve

¹⁶⁴ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, Homem e Mulher os criou, 30-57.

encontrar no sacramento da eucaristia, em especial, e nas orações litúrgicas a vivência da comunhão com Deus e com os irmãos.

Na dimensão pastoral, pretende-se trabalhar no formando o conhecimento da realidade urbana com seus dramas sociais, sua religiosidade, expressões culturais. Também deve estar ciente da organização pastoral da arquidiocese. Ao nível humano, deve estar à escuta atenta do clamor, isto é, os anseios, necessidades e esperanças existenciais e transcendentais do homem e da mulher inseridos no contexto urbano em que está inserida a pastoral. Deve estar apto em reconhecer a multiplicidade de respostas que a sociedade e a Igreja dão a esses clamores.

Na dimensão intelectual, trabalha-se a compreensão da realidade a partir da perspectiva antropológica, religiosa e sociológica, através da elaboração de uma síntese crítica do pensamento filosófico e construção de um discurso antropológico sobre o homem, a mulher e a sua realidade¹⁶⁵.

3. Discipulado 3.

No terceiro ano de discipulado, o projeto formativo na dimensão humano-afetiva deve propiciar ao formando, na esfera da autoaceitação o reconhecimento das próprias potencialidades e vulnerabilidades, a fim de desenvolver uma adequada autoestima.

No eixo afetivo, esse aprendizado terá por meta o desenvolvimento do autoconhecimento necessário para superação de formas narcisistas da personalidade que atrapalham as relações interpessoais, em que a pessoa tende a sentir-se o centro do mundo e das relações ou a escória da humanidade. Apresenta-se aqui a oportunidade de superação de uma possível infância tardia presente na vida do formando. Munido de muita sinceridade, é mister que o formando seja capaz de perceber-se dotado de suas qualidades, isto é, de identificar da forma mais pormenorizada possível quais os traços positivos de sua personalidade, os elementos trazidos consigo que são capazes de contribuir para o próprio crescimento e o do outro. Aqui encontra-se o dado importante da autopercepção como pressuposto para edificação da vida comum. Do mesmo modo em que o formando identificou suas potencialidades, faz-se necessário identificar as próprias fragilidades, com muita clareza identificar as próprias carências, defeitos de personalidade, frustrações e fraquezas. Aqui o processo formativo não deve ser pessimista a ponto de esperar formando perfeitos, prontos e ‘bem acabados’, ao

¹⁶⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 122.

contrário, deve apresentar-se como um itinerário de esperança que propicie ao formando o crescimento integral. E neste sentido, o formador deve ser aquele educador que conduz com otimismo presente na intenção do escultor diante do bloco de pedra bruta, em que já vislumbra a escultura acabada após um longo, paciente e laborioso processo de lapidação.

No eixo sexual, a identificação das potencialidades e vulnerabilidades são na maioria das circunstâncias verdadeiros tabus, diante dos quais falta a coragem para tocar e reconhecer. Isto se justifica, no caso da vulnerabilidade, por exemplo, devido aos possíveis traumas ocorridos na vida do formando que gravitam na órbita da própria sexualidade, tais como: situações de repressões morais sofridas acerca de comportamentos sexuais, assédios ou abusos sexuais, insucessos nas investidas de namoro, ofensas sofridas na ordem da identificação sexual, vivência precoce de experiências sexuais, compunção pela masturbação ou ato sexual, consumo de pornografia entre outros. Essas vulnerabilidades, quando não reconhecidas, aprisionam o adolescente, que não pôde crescer com os próprios sucessos e fracassos. A realidade da adolescência tardia é o maior entrave para a vivência sadia da sexualidade humana, cuja fecundidade se traduz na entrega seja a uma outra pessoa, seja ao Reino de Deus. O não amadurecimento, a não superação do estágio da adolescência gera transtornos gravíssimos em pessoas e instituições. A formação do seminário deve oferecer ao formando a segurança necessária para encorajá-lo a tocar nas questões referentes às suas vulnerabilidades afetivas e sexuais, a fim de integrá-las, resultando no estado de maturidade humana que lhe possibilite a vivência coerente de sua opção vocacional. Em relação às potencialidades identificadas pelo formando no eixo sexual, o seu reconhecimento será fundamental para a descoberta e o emprego do vigor na resposta dada ao chamado do Senhor. O formando, quando capaz de reconhecer o potencial de sua sexualidade, tende a traduzir sua resposta às exigências do processo formativo com dinamismo corajoso e apostolado eficaz.

Nesse estágio do processo formativo, o itinerário encontra o limiar da construção de uma resposta ao chamado à vivência do celibato sacerdotal. Não que até este momento o formando esteja dispensado de vivê-lo desde o seu ingresso no processo formativo, mas aquilo que até o presente momento poderia ser entendido como compromisso de fé, através da vivência da castidade como ato de caridade e de esperança devotados a Cristo, torna-se agora um ato de compreensão maturada, a da experiência de vida acerca de um carisma recebido de Deus como expressão

de entrega e de serviço. O celibato é, por certo, um ato ainda mais superior e belo de pureza e, de igual forma, a castidade. Mas porque é dom, o compromisso de castidade vivido até o presente momento da formação, ajuda o formando a identificar em si próprio quais as suas disposições para fazer frutificar com sua resposta o dom do celibato que o Senhor lhe concedeu.

Na esfera da aceitação do outro, o seminarista deve aprender a sustentar suas relações interpessoais a partir da aceitação, prezando pelo respeito e empatia. Não é sem razão que mediante algumas imaturidades presentes em alguns candidatos ao sacerdócio ministerial, decorrentes da falta de coragem no engajamento do autoconhecimento, haja dificuldades no processo formativo em desenvolver o respeito e a empatia.

Em geral, a falta de respeito no comportamento é o motivo que impossibilita a aceitação do outro. Na maioria das vezes, essa deficiência está associada a projeções interiores de lacunas não preenchidas, de uma afetividade desintegrada. Um outro grande desafio é a falta de empatia, que a até bem pouco tempo pôde estar associada a uma dificuldade de aceitação dos próprios sofrimentos e debilidades. O fato das pessoas não serem solícitas em compaixão para com os próprios sofrimento e debilidades, muitas vezes esteve na base da falta de empatia com os sofrimentos e debilidades alheios. Entretanto, o que se percebe hoje é alto grau de autossuficiência que prescinde da falta de conhecimento de si, e que habilita as pessoas a se sentirem tão perfeitas a ponto de estabelecer juízos de valor condenatórios sobre os seus semelhantes. Utilizando a linguagem digital atual para retratar a falta de sensibilidade humana na atual era moderna, as pessoas com grande grau de autossuficiência ‘cancelam’, umas às outras, tornando cada vez mais extinto do âmbito relacional os valores do respeito e da empatia¹⁶⁶.

A expressão do dom de si mesmo nesta fase da formação consiste na compreensão da dinâmica das necessidades e dos desejos humanos.

Na dimensão espiritual, na perspectiva do encontro com Cristo, o formando deve ser conduzido a se fundamentar no Senhor, mediante o compromisso missionário animado pela esperança. Além disso, deve alcançar a compreensão fundamental da identidade vocacional à luz da vocação missionária da Igreja. Já na esfera do seguimento, deve em toda sua história pessoal identificar a ação de Deus que a levará à bom termo. E na permanência, o formando deve ser impelido a

¹⁶⁶ TRASFERETTI, J. A.; COELHO, M. M.; ZACHARIAS, R. (Orgs.), Teologia da prevenção, p. 13-29.

exercer o dom da confirmação do batismo por meio da comunhão com Deus na vida /de oração, na missão pastoral e na prática da devoção mariana e dos santos.

Na dimensão pastoral, o seminarista deve ser levado a aprofundar as diretrizes para a ação evangelizadora e sintonizar-se com as propostas contidas no plano de pastoral da igreja particular, através de encontros de formação que favoreçam a reflexão acerca das necessidades da nova evangelização identificadas no contexto em que está inserido, elaborando propostas de ação evangelizadoras plasmadas no projeto da igreja particular. À luz do discernimento pastoral, o formando deve aprender a dialogar com os diferentes cenários urbanos contidos no território diocesano. Na terceira esfera, o seminarista deve aprender a exercer uma liderança propositiva na comunidade paroquial e diocesana, evitando toda forma de autoritarismo, fechamentos em grupos ou formas de espiritualidade.

O estágio da formação intelectual exige do formando que ele seja capaz de identificar autonomamente as realidades pastorais e necessidades humanas do tempo em chave antropológica, religiosa e sociológica. Academicamente, nesse período, o seminarista produz a sua síntese filosófica, que em geral convém ser uma análise crítica do pensamento filosófico com relevância pastoral e caráter antropológico acerca do próprio ser humano e da realidade que o cerca.

4.4. Configuração

A etapa de configuração consiste na identificação do vocacionado ao sacerdócio ministerial com Cristo, pastor e servo¹⁶⁷. Esta assimilação da identidade se dá através da internalização e desenvolvimento de habilidades humanas e espirituais presentes nas atitudes de Cristo, sua entrega total e radical ao Pai e sua sensibilidade para com as necessidades dos seres humanos, refletidas nos mais variados acontecimentos relatados nos evangelhos, reconhecidamente chamadas de caridade pastoral. A maior delas é a entrega total de si, que se consuma com a sagrada ordem do presbiterato, pois o sacramento da ordem realiza esta impressão de um caráter indelével e que se traduz na vivência cotidiana do ministério. Enquanto na etapa do discipulado propõe-se a estruturação da identidade cristã, nesta etapa desenvolve-se a identidade sacerdotal.

1. Configuração 1.

¹⁶⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 70.

Na dimensão humano-afetiva, o primeiro ano de configuração propõe-se como objetivo geral o aprofundamento da castidade cristã. No eixo afetivo-relacional o formando deve observar o aprendizado da dinâmica das relações humanas, isto é, saber distinguir os comportamentos e as atitudes que estabelecem os níveis de intimidade nas relações interpessoais para integrá-las ao seu projeto de vida vocacional.

No eixo sexual, o projeto formativo do primeiro ano da configuração tem por propósito a consolidação da vivência da castidade cristã como doação de si mesmo a Deus e ao seu semelhante, como parte da consolidação da sua opção livre e consciente pela vivência do celibato sacerdotal¹⁶⁸. Viver a castidade cristã por meio de atitudes de temperança, criatividade e abertura aos demais.

Na dimensão espiritual, o formando no eixo pessoal deve aprofundar as virtudes humanas para assumir com radicalidade a mensagem evangélica na perspectiva do ministério presbiteral, aprofundando-se nas práticas de penitência, para que através da ascese cristã seja capaz de manifestar publicamente a vontade com firmeza de decisão em corresponder à vocação presbiteral com todas as suas exigências¹⁶⁹. Nesta etapa, ou em outra oportuna, o formando após criterioso discernimento pessoal e com os formadores recebe o Rito de Admissão entre os candidatos às Ordens Sacras, através do qual a Igreja atesta os sinais legítimos de vocação para o ministério sacerdotal¹⁷⁰.

No eixo comunitário, como testemunho de sua entrega, o formando deve manifestar a primazia de Deus em sua vida pessoal e social, tendo-o como único tesouro, conservando relações interpessoais livres de quaisquer aprisionamento ou sequestro da subjetividade e administrar com prudência os bens pessoais e comunitários. Neste lugar da dimensão espiritual reside a virtude evangélica da pobreza, que em última análise, consiste na liberdade da pessoa em relação ao ter.

Apropriar-se da realidade interpretando-a a partir dos critérios evangélicos¹⁷¹ é a primeira esfera de aprendizado da dimensão pastoral. Essas atitudes de apropriação, interpretação e conformação, são primordiais para identificação de oportunidades que são encontradas no contexto da pastoral, dentre eles o urbano,

¹⁶⁸ VATICANO II, LG 42; VATICANO II, PO 16.

¹⁶⁹ JOÃO PAULO II, PP., PdV 49.

¹⁷⁰ CNBB, Diretrizes para formação dos Futuros Presbíteros da Igreja no Brasil, 340-343.

¹⁷¹ Os critérios evangélicos aqui, são os ensinamentos de Cristo que ajudam ao cristão a discernir acerca da realidade ao modo dele e agir coerentemente, vivendo com aquela gratuidade com que ele viveu, vivendo na certeza de que nada somos, nem podemos sem ele.

por exemplo, para o anúncio do evangelho¹⁷². Ao mesmo tempo, o formando deve ser conduzido a inserir-se na dinâmica evangelizadora das comunidades paroquiais e estabelecer relações de corresponsabilidade missionária¹⁷³. Nessa direção, no âmbito das casas de formação, a formação de comissões missionárias, tais como o COMISE (Comissão missionaria do seminário), em nível diocesano, como o COMIDI (Comissão missionaria diocesana) e o COMINA (Comissão missionaria nacional), junto aos projetos de formação, devem organizar as atividades de formação e de práticas missionárias que ajudem a forjar e a amadurecer a consciência acerca da identidade missionaria do futuro presbítero.

Na primeira esfera de aprendizado da dimensão intelectual, o processo de formação pretende levar o formando a evoluir a consciência acerca da compreensão e vivência da realidade humana a partir de Jesus Cristo. Na segunda, o formando

¹⁷² A respeito da evangelização em contexto urbano, o Papa Paulo VI afirmou: O mundo, que apesar dos inumeráveis sinais de rejeição de Deus, paradoxalmente o procura, entretanto, por caminhos insuspeitados e que dele sente bem dolorosamente a necessidade, o mundo reclama evangelizadores que lhe falem de um Deus que eles conheçam e lhes seja familiar como se eles vissem o invisível. O mundo reclama e espera de nós simplicidade de vida, espírito de oração, caridade para com todos, especialmente para com os pequeninos e os pobres, obediência e humildade, desapego de nós mesmos e renúncia. Sem esta marca de santidade, dificilmente a nossa palavra fará a sua caminhada até atingir o coração do homem dos nossos tempos; ela corre o risco de permanecer vã e infecunda. PAULO VI, PP., EN 76. FRANCISCO, PP., EG 72-74: Na cidade, o elemento religioso é mediado por diferentes estilos de vida, por costumes ligados a um sentido do tempo, do território e das relações que difere do estilo das populações rurais. Na vida quotidiana, muitas vezes os cidadãos lutam para sobreviver e, nesta luta, esconde-se um sentido profundo da existência que habitualmente comporta também um profundo sentido religioso. Precisamos de o contemplar para conseguirmos um diálogo parecido com o que o Senhor teve com a Samaritana, junto do poço onde ela procurava saciar a sua sede (Jo 4,7-26). Novas culturas continuam a formar-se nestas enormes geografias humanas onde o cristão já não costuma ser promotor ou gerador de sentido, mas recebe delas outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida, muitas vezes em contraste com o Evangelho de Jesus. Uma cultura inédita palpita e está em elaboração na cidade. O Sínodo constatou que as transformações destas grandes áreas e a cultura que exprimem são, hoje, um lugar privilegiado da nova evangelização. Isto requer imaginar espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas para as populações urbanas. Os ambientes rurais, devido à influência dos *massmedia*, não estão imunes destas transformações culturais que também operam mudanças significativas nas suas formas de vida. Torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais. É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das cidades. Não se deve esquecer que a cidade é um âmbito multicultural. Nas grandes cidades, pode observar-se uma trama em que grupos de pessoas compartilham as mesmas formas de sonhar a vida e ilusões semelhantes, constituindo-se em novos sectores humanos, em territórios culturais, em cidades invisíveis. Na realidade, convivem variadas formas culturais, mas exercem muitas vezes práticas de segregação e violência. A Igreja é chamada a ser servidora dum diálogo difícil. Enquanto há cidadãos que conseguem os meios adequados para o desenvolvimento da vida pessoal e familiar, muitíssimos são também os «não-cidadãos», os «meio-cidadãos» ou os «resíduos urbanos». A cidade dá origem a uma espécie de ambivalência permanente, porque, ao mesmo tempo que oferece aos seus habitantes infinitas possibilidades, interpõe também numerosas dificuldades ao pleno desenvolvimento da vida de muitos. Esta contradição provoca sofrimentos lancinantes. Em muitas partes do mundo, as cidades são cenário de protestos em massa, onde milhares de habitantes reclamam liberdade, participação, justiça e várias reivindicações que, se não forem adequadamente interpretadas, nem pela força poderão ser silenciadas.

¹⁷³ CNBB, Diretrizes para formação dos Futuros Presbíteros da Igreja no Brasil, 221.

deve aprender a estabelecer as condições necessárias para o diálogo entre fé e razão, que se faz imprescindível para evitar leituras reducionistas acerca da realidade na vivência da fé crista e do exercício da missão presbiteral. Na terceira, o projeto visa a criar a capacidade de identificar e descrever os lugares teológicos.

2. Configuração 2.

Na dimensão humano-afetiva, na primeira esfera o objetivo é trabalhar no formando a vivência da masculinidade no projeto de vida sacerdotal, a partir da autoconsciência acerca de sua identidade sexual.

Na segunda, enquanto se realiza o exercício da liderança e a capacidade de se relacionar com figuras de autoridade de forma espontânea e sem inibições, deve-se entender a diferença entre a psicologia masculina e feminina para, assim, identificar os diversos tipos de liderança e trabalhá-las à luz dos valores cristãos, confiar nos outros, ser confiável por meio de atitudes de honestidade e transparência e, por fim, compreender os processos comunitários e entender os papéis das instituições.

Na dimensão espiritual, imbuído do exemplo de Cristo Palavra Encarnada em sua disponibilidade em relação à vontade do Pai, o formando deve aprofundar a sua intimidade com a Palavra de Deus, pela qual, em virtude de sua instituição no ministério de leitor, torna-se proclamador, anunciador e catequista. Além disso, deve ser capaz de compreender os ministérios como caminho de identificação gradual com Jesus Cristo, Cabeça, Esposo e Pastor da Igreja¹⁷⁴.

Aqui ele aprende a viver a própria sexualidade de acordo com o plano de Deus e valorizar o celibato como entrega total do coração a Deus e ao serviço do Reino e a celebrar de maneira viva e frutuosa a instituição no ministério de leitor, exercendo-o nas celebrações litúrgicas dentro e fora do seminário.

Na dimensão pastoral, o formando deve propor com clareza os critérios fundamentais da experiência cristã através do testemunho vivo da própria fé, em espírito de diaconia vivido na comunidade eclesial, seja ela o seminário, sua própria casa de formação, e fora, nos ambientes familiar, paroquial e social, promovendo e favorecendo, com isso, as condições do discernimento pastoral no meio da comunidade eclesial. Propõe-se estratégias pastorais que favoreçam a adesão e compromisso com as tarefas missionárias contidas na Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil e o plano arquidiocesano de evangelização¹⁷⁵.

¹⁷⁴ CNBB, Diretrizes para formação dos Futuros Presbíteros da Igreja no Brasil, 344-345.

¹⁷⁵ CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, 206-207.

Na dimensão intelectual, o formando deve exprimir a capacidade de ler a realidade e ser capaz de integrá-la a Jesus Cristo, para identificar e responder aos desafios que os conflitos e tensões históricas da mudança de época projetam ao cristianismo, identificando os elementos fundamentais do mistério de Deus e anunciando-os na era neopagã.

3. Configuração 3.

Nessa etapa da dimensão humano-afetiva, já deve ser possível identificar de maneira equilibrada e íntegra no formando a capacidade e o modo como expressa o próprio senso moral e como ele se expressa no exercício da consciência moral na prática das virtudes¹⁷⁶.

O projeto formativo, nesta etapa do itinerário, deve levar o formando a aprender a viver a solidão de forma positiva de maneira que a consiga distinguir do isolamento afetivo¹⁷⁷ e a abraçar o celibato como estilo de vida.

A solidão vivida positivamente é a chave para vivência autêntica da entrega total a Cristo e no crescimento da amizade com ele partindo do conhecimento de si

¹⁷⁶ No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se impõe a si mesmo, mas à qual deve obedecer; essa voz, que sempre o está a chamar ao amor do bem e fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: faz isto, evita aquilo. O homem tem no coração uma lei escrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela é que será julgado (Rm 2, 14-16). A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser. Graças à consciência, revela-se de modo admirável aquela lei que se realiza no amor de Deus e do próximo (Mt 22, 37-40; Gl 5,14). Pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos demais homens, no dever de buscar a verdade e de nela resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social. Quanto mais, portanto, prevalecer a reta consciência, tanto mais as pessoas e os grupos estarão longe da arbitrariedade cega e procurarão conformar-se com as normas objetivas da moralidade. Não raro, porém, acontece que a consciência erra, por ignorância invencível, sem por isso perder a própria dignidade. Outro tanto não se pode dizer quando o homem se descuida de procurar a verdade e o bem e quando a consciência se vai progressivamente cegando, com o hábito do pecado. VATICANO II, GS 16, CIC, Cân. 1776. A este respeito, afirma ainda o Papa Bento XVI: é a expressão da acessibilidade e da força vinculadora da verdade" e a capacidade da pessoa humana de "reconhecer, precisamente nos âmbitos decisivos da sua existência – *religião* e *moral* –, uma verdade, a *verdade*. E, com isto, a consciência, a capacidade do homem de reconhecer a verdade, impõe-lhe, ao mesmo tempo, o dever de se encaminhar para a verdade, procurá-la e submeter-se a ela onde quer que a encontre. Consciência é capacidade de verdade e obediência à verdade, que se mostra ao homem que procura de coração aberto" a verdade, que foi *revelada por Deus* aos homens". Logo, a concepção católica de consciência entra em oposição com o conceito moderno de consciência: para o pensamento moderno *relativista subjetivista*, a consciência "significa que, em matéria de moral e de religião, a dimensão subjetiva, o indivíduo [com as suas *intuições* e experiências], constitui a última instância de decisão", porque a religião e a moral não conseguem ser quantificadas, calculadas e verificadas por métodos científicos e experimentais objetivos. BENTO XVI, PP., Discurso por ocasião da troca dos votos natalícios com a Cúria Romana em 20 de dezembro de 2010.

¹⁷⁷ A este respeito, DURAN, J. R., afirma em seu artigo intitulado "*O isolamento afetivo do clero*": A solidão vivida na grandeza do encontro, da amizade, da solidariedade nos ajuda a progredir no auto - conhecimento. Hoje nós presbíteros vivemos numa situação exageradamente automatizada que mesmo nas oportunidades que teríamos para enriquecer nosso relacionamento com Deus, preferimos fugir e entrar no ambiente do isolamento. O isolamento se identifica pela participação em inúmeras atividades, exposições reuniões, grupos e ambientes sociais quer externos ou quer no ambiente individualizado do meu quarto ou biblioteca; cujo resultado sempre gera vazio e ansiedade.

mesmo. No *corpus* escriturístico, seja no Antigo ou Novo Testamento, muitos são os eventos em que a teofania divina ocorre no recolhimento do deserto. Tais experiências são sempre decisivas e carregadas de sentido para o ser humano, a ponto de serem experiências capazes de transformação de si, da própria condição, do modo como enxerga a realidade e a própria missão. Por exemplo, no caso da revelação de Deus acerca da própria identidade, muito mais o ser humano descobre sobre si mesmo (Ex 3,1-4; 13-15), na superação de um fracasso humano para perseverar na missão recebida (1Rs 19,4-8), na experiência do amor esponsal de Deus (Os 2, 16), na vivência de uma vocação e preparação para uma missão (Lc 1,80), para o diálogo com Deus (Mt 4,1-11; 14,13; Mc 1,12-13; 6,31; Lc 4,1-13; 9,10 e Jo 6,3). Na hagiografia dos místicos e na sua produção teológica, muitas são as referências do deserto como o lugar da experiência de Deus, identificado com a solidão do ser humano, como prática ascética¹⁷⁸.

O celibato vivido como estilo de vida trata de uma forma de renúncia existencial caracterizada pela dedicação pessoal ao serviço do Reino e pela forma de viver o amor de modo indiviso a Deus e aos semelhantes¹⁷⁹. No caminho formativo, os formandos devem construir o firme propósito de entregar suas vidas, de forma integral, com o coração indiviso e a partir da prática ascética¹⁸⁰. Num contexto de grande apelo da busca do prazer pelo prazer, a realidade sacrificial como livre propósito de entrega constitui um grande desafio, sobretudo no contexto do projeto formativo. Na práxis formativa, os formadores devem estimular os formandos a buscar a resiliência diante das exigências laborais ou disciplinares como meio de firmar o propósito de entrega ao chamado presbiteral. Mediante uma geração que nem sempre está disposta a cobranças, correções e exigências, valer-se da disciplina interna da casa de formação e dos trabalhos cotidianos constitui um bom caminho para consolidar a liberdade de entrega que exige o chamado vocacional e a perseverança em correspondê-lo.

Na dimensão espiritual, o seminarista deve adotar as disposições de Cristo Servo, que em suma resumem-se na caridade pastoral, que na perspectiva da decisão vocacional do formando pelo ministério presbiteral, traduz-se na oferta de si mesmo como dom para a Igreja, tal como o Filho foi dom de si para o Pai e optar de modo

¹⁷⁸ As práticas ascéticas dos monges, a solidão, o silêncio, o despojamento eram um meio para se unirem a Deus, de onde decorre a genuína relação com os homens e não só com os homens, mas com todo o cosmos. CALVÁRIO, P., *Comunhão na solidão*, p. 63-73.

¹⁷⁹ CIC, Cân. 2349.

¹⁸⁰ VATICANO II, SC 70.

definitivo pelo estilo de vida sacerdotal¹⁸¹. Neste estágio da formação, pelo formado devem ser identificados e assumidos os traços com os quais o contexto sociocultural e a história da igreja particular são enriquecidos pela figura dos presbíteros que constituem a sua histórica caminhada pastoral. Neste sentido, o itinerário formativo precisa favorecer o conhecimento da biografia dos presbíteros vivos e falecidos que contribuíram com o desenvolvimento social, cultural e eclesial da cidade e da diocese, não abrindo mão de celebrar de maneira viva e frutuosa a instituição no ministério de acólito e exercê-lo nas celebrações litúrgicas dentro e fora do seminário, bem como junto aos enfermos nas residências de hospitais. A presença dos seminaristas, em especial aqueles instituídos no mistério de acólito, em hospitais, constitui uma realidade sensível da pastoral urbana. O enfrentamento de situações hostis encontradas em instituições públicas, como os hospitais, seja por indiferentismo religioso, seja por perseguição e intolerância religiosa, representa uma grande oportunidade de amadurecimento humano e pastoral para o futuro presbítero¹⁸².

Na dimensão pastoral, o formando é levado a compreender sua missão e serviço dentro da Igreja que está no mundo, a viver a comunhão como condição para o exercício do ministério sacerdotal e a missão eclesial na arquidiocese e a manifestar claramente as características de liderança e serviço na missão, que brotam da configuração com Jesus Cristo Cabeça, Pastor e Esposo.

Na dimensão intelectual, o formando é chamado ao aprofundamento da sua leitura da realidade da igreja local a partir de Jesus Cristo. Também deve ser capaz de oferecer um discurso coerente sobre a transformação individual e social a partir de Jesus Cristo. Deve estar apto para identificar e explicar os elementos fundamentais da eclesiologia.

4.5. Síntese

Esta etapa formativa começa a partir do último ano do processo de formação inicial que pode coincidir ou não com a conclusão dos estudos acadêmicos de conclusão do curso teológico¹⁸³. Três fatores perfazem as dimensões da formação e suas esferas nesta etapa formativa: a inserção e o serviço pastoral em uma

¹⁸¹ JOÃO PAULO II, PP., PdV 23.

¹⁸² CNBB, Diretrizes para formação dos Futuros Presbíteros da Igreja no Brasil, 229.

¹⁸³ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 75.

comunidade, a recepção do sacramento da Ordem, diaconato e presbiterato e o início da formação permanente.

No Documento 110 da CNBB, as diretrizes para Formação dos futuros presbíteros afirmam que o objetivo da etapa formativa da Síntese é: “oferecer ao futuro presbítero uma oportunidade para a síntese vocacional pessoal e um espaço de preparação prática e sistemática no campo da ação evangelizadora e missionária, como expressão de autêntica caridade pastoral”¹⁸⁴. Caracterizada como uma etapa de transição da vida própria ao ritmo da casa de formação, com todos os seus aspectos próprios, para uma fase de imersão pastoral mais definitiva, a RIFIS identifica basicamente três modalidades de desenvolvimento desta etapa do itinerário formativo¹⁸⁵: a saída do seminário após a conclusão do curso teológico e a vivência da etapa na paróquia; a permanência no seminário e desenvolvimento de atividades formativas próprias para síntese (método adotado pelo seminário arquidiocesano); ou a possibilidade de uma condução específica, com local e formador próprios para o desenvolvimento desta etapa. A *ratio nationalis*, indica a etapa da síntese como o ano pastoral em que deve desenvolver-se integralmente a imersão pastoral podendo ser integrada ao último ano de formação inicial no seminário.

Na dimensão humano-afetiva, o formando consolida o manejo de mecanismos adequados ao enfrentamento dos desafios humanos e para a vivência de sadio estilo de vida, em vista do compromisso pessoal com a própria formação permanente, a próxima etapa formativa de sua vida e mistério. No âmbito da alteridade, viver relações afetivas com as pessoas como expressão do amor de Cristo que amou aos homens com coração humano¹⁸⁶. Já na autodoação, deve ser capaz de internalizar os compromissos sacerdotais por intermédio de uma entrega pessoal ao ministério ordenado como dom de si¹⁸⁷. Neste estágio final do processo formativo, o seminarista deve ter consolidada a consciência de pertença e de comunhão da família presbiteral, tento cultivado laços sólidos de fraternidade presbiteral com os demais irmãos de ministério¹⁸⁸.

¹⁸⁴ CNBB, Diretrizes para formação dos Futuros Presbíteros da Igreja no Brasil, 297.

¹⁸⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 75-77.

¹⁸⁶ Porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado. VATICANO II, GS 22.

¹⁸⁷ JOÃO PAULO II, PP., PdV 23.

¹⁸⁸ CNBB, Diretrizes para formação dos Futuros Presbíteros da Igreja no Brasil, 299.

A consolidação e apropriação das disposições de Cristo Cabeça, Esposo e Pastor da Igreja e o compromisso com a própria formação permanente como resposta contínua ao chamado presbiteral integram a primeira esfera de aprendizado da dimensão espiritual. Na segunda esfera, a doação da própria vida em atitude de obediência ao Pai a fim de tornar presente a sua misericórdia constitui um traço vital para a disposição em abraçar o ministério presbiteral. Na terceira, o formando é impelido a celebrar de maneira viva e frutuosa a ordenação diaconal e seu exercício, fazendo da vida de oração o elemento fundamental e unificador da existência presbiteral.

Na dimensão pastoral o formando deve fazer uma contínua reflexão teológica e pastoral da realidade a ser evangelizada, como parte de sua síntese vocacional. Como critério primordial para vivência da caridade pastoral de Cristo, o comprometimento vivo e entusiasmante na missão pastoral deve ser expressão da doação total da própria vida a serviço de Jesus Cristo e sua de Igreja particular. Tal espírito de serviço, está para vivência autêntica do ministério presbiteral como salvaguarda de todas as formas de clericalismo que venham desfigurar a sua real identidade. Por fim, na terceira esfera da dimensão, o comprometimento com a formação presbiteral corrobora para que o futuro presbítero esteja em contínuo compromisso com a conversão pastoral¹⁸⁹.

Na dimensão intelectual o formando é levado a compreender e a transformar a realidade social à luz da fé em Jesus Cristo¹⁹⁰. Na segunda esfera o itinerário visa consolidar a síntese do fazer teológico e os enunciados da fé cristã na perspectiva do ministério presbiteral. Na terceira, o formando deve apresentar as disposições para o exercício missão evangelizadora, nela situando o diálogo ecumênico e inter-religioso¹⁹¹.

¹⁸⁹ CNBB, Diretrizes para formação dos Futuros Presbíteros da Igreja no Brasil, 19.

¹⁹⁰ GARCÍA, R. A, Unidade na pluralidade, p. 586.

¹⁹¹ CNBB, Diretrizes para formação dos Futuros Presbíteros da Igreja no Brasil, 114.

5.

Pressupostos para o desenvolvimento da Antropologia da Vocação Presbiteral

A vocação pode ser definida como ato de chamar, escolha, tendência, pendor, talento e aptidão. No âmbito da igreja, é compreendida como um dom, um presente àqueles que se colocam a serviço, ou seja, mais do que algo que se recebe por mérito, é um presente aos convocados por Deus para o cumprimento de seu chamado divino. Neste sentido, Balthasar especifica a vocação sacerdotal como uma “função eclesial, um ministério objetivo, um modo de vida pessoal”¹⁹².

No que se refere à vocação presbiteral, duas são as esferas que a constroem: a esfera pessoal e a institucional. Assim sendo, a fim de fortalecer e elucidar as questões acerca do âmbito da vocação presbiteral, a RIFIS traz como proposta um modelo de processo de formação eficaz, baseado na compreensão e reprodução de tais princípios, para a formação do sacerdote ideal¹⁹³.

É necessária atenção e sensibilidade para a compreensão de que fará parte de uma determinada instituição de formação sacerdotal, ainda que regida pelos importantes princípios que hão de lapidar o detentor do dom divino. Esse aspecto implica também nas questões subjetivas de cada indivíduo. A formação presbiteral está relacionada diretamente a um modelo institucional que forma as subjetividades dos indivíduos seminaristas. Tal fato reflete diretamente em suas vidas psíquicas, ou seja, se trata de uma experiência singular que, por sua vez, constitui “a experiência interna da formação presbiteral a partir do seminarista”¹⁹⁴.

5.1.

Traços da antropologia da vocação cristã e suas implicações na formação sacerdotal em Luigi M. Rulla

Partindo do dado antropológico da pessoa que recebe o chamado vocacional e teológico, bem como também do emitente do chamado, isto é, de Deus, o autor de toda vocação, talvez seja possível pensar o itinerário formativo como o lugar em que o antropológico é integrado e tornado pleno pelo dado teológico, entendido como a reflexão acerca da ação de Deus que chama, além disso, a resposta do

¹⁹² BALTHASAR, H. U. V., Los estados de vida del Cristiano, p. 200.

¹⁹³ PEREIRA, L. A. T., “Creio firmemente que desde sempre o Senhor me criou para ser sacerdote”, p. 25.

¹⁹⁴ PAULA, R. A.; NASCIMENTO, A. M., Os significados da experiência interna da formação presbiteral, p. 24-34.

homem¹⁹⁵. Desta integração depreende-se o conceito de antropologia da vocação cristã, já refletido por Luigi M. Rulla. Nesta pesquisa, tal reflexão serve de base para a proposta de uma antropologia da vocação presbiteral.

Segundo Rulla, os processos que compõem a experiência interna do sacerdote são fundamentos para a composição de uma teoria de consistência auto transcendente que se articula por meio de cinco proposições fundamentais. Essa teoria deve possibilitar a interferência direta nas potencialidades e nas condições para uma vida vocacional conduzida com perseverança¹⁹⁶. Chamada de “psicologia do profundo”, articulada por meio de três proposições, o autor desenvolve tal teoria que deve ter como objetivo principal a busca constante do “eu ideal” através da internalização dos valores da transcendência, cujo resultado será a superação do “eu atual”.

A primeira proposição sugere que o chamado de Deus, ao ser sentido pelo futuro sacerdote, é a força motriz que leva ao autoconhecimento como um processo de realização da sua vocação. Diferentemente de alguém que escolhe sua profissão, por motivos como o bem-estar social e financeiro ou qualquer outro motivo, o sacerdote não escolhe, ele é escolhido por meio de um chamamento. A partir disto, ele tende a idealizar uma imagem própria correspondente a esse chamado. Tal conceito exprime justamente o significado de autotranscendência.

A segunda proposição dá continuidade ao conceito de autotranscendência e adiciona uma nova perspectiva em relação à teologia, que passa de uma antropologia na teologia, onde a visão de Deus sobre o homem é evidenciada, à uma antropologia teológica, que designa uma dimensão da teologia como um todo, a partir da visão da história da salvação do homem¹⁹⁷. Aqui, a fé é tratada como uma ciência e, assim sendo, sua estrutura de pesquisa teológica deve seguir o padrão das demais ciências que partem do homem e o têm como peça fundamental e ponto de partida para a criação de qualquer teoria. A partir desse pressuposto, onde a vocação do sacerdote parte de Deus, se tem, necessariamente, o diálogo entre Deus e o homem, centrado em Cristo. É a figura de Jesus que possibilita a revelação do mistério de Deus ao homem e nele manifesta sua mais alta vocação, fazendo com que esse homem, o sacerdote, transcenda.

¹⁹⁵ “...a vocação supõe o encontro de duas liberdades: a liberdade absoluta de Deus, que chama, e a liberdade humana que responde este chamado”. BENTO XVI, PP., Discurso do Santo Padre durante a visita ao Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau.

¹⁹⁶ RULLA, L. M., *Psicologia do profundo e vocação*, p. 5.

¹⁹⁷ RULLA, L. M., *Antropologia da vocação cristã*, p. 21.

São os valores instrumentais, compreendidos como os meios utilizados para se chegar aos valores terminais, e os próprios valores terminais, que se relacionam com a trajetória comportamental moldada a partir da ideia dos fins últimos que, por sua vez, constituem o “eu ideal” e a relação que existe entre esse “eu” e a escolha vocacional do sacerdote. Como exemplo dado por Rulla para definir o que são valores terminais, se utiliza a imitação de Cristo e a união com Deus¹⁹⁸ e como exemplo de valores instrumentais, o autor utiliza os votos de castidade, a obediência e a pobreza.

A terceira proposição apresenta três elementos fundamentais para a análise a respeito da vocação do sacerdote, sendo eles: 1) o eu ideal, formado por valores transcendentais instrumentais e terminais; 2) conhecimento profundo de tais valores com embasamento histórico; 3) referência normativa construída a partir de valores transcendentais tais que não viabilizem qualquer simulação consciente por parte do sacerdote. São esses os elementos que definem a teoria da autotranscendência. Porém, mais do que uma teoria estática, a auto transcendência deve levar em consideração a consciência do sacerdote, elemento de suma importância para que ele possa ter plena convicção, ao longo de sua jornada, dos processos internos de seu “eu ideal” e o “eu atual”, conseguir enxergá-los e perceber se há ou não uma consistência entre valores e personalidade. Essa consistência permite ao sacerdote vislumbrar os caminhos que o farão realizar seus ideais vocacionais e transcender através da reestruturação de sua personalidade, de forma autêntica, sem máscaras¹⁹⁹.

5.2.

Fundamentos para uma antropologia teológica do processo formativo

Ao propor a abordagem do tema *a mística do processo formativo*, convém identificar alguns aspectos teológicos que corroboram para a compreensão da formação para além de um conceito de extrema relevância. Tais aspectos teológicos devem servir como fundamento entender a formação como um lugar de experiência no autoconhecimento a partir de um encontro vivo com Deus, autor do chamado, de onde surge o dom da fé²⁰⁰ pela descoberta do seu amor. À luz deste chamado, o

¹⁹⁸ RULLA, L. M., Antropologia da vocação cristã, p. 65.

¹⁹⁹ RULLA, L. M., Psicologia do profundo e vocação, p. 8.

²⁰⁰ "Assim, se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. As coisas velhas passaram, eis que se tornaram novas' (2Cor 5,17). 'Fé' não indica, por isso, nada de psicológico, nem uma forma de consciência, mas sim um real estar em relação e em conexão. Crer, ser renovados e 'marcados' com

vocacionado deve compreender a própria vida como um dom de Deus que não se retém, mas que dá de si a Ele próprio e aos semelhantes.

A *teologia da formação como conceito-experiência*, está fundamentada aprioristicamente a partir da sua identificação como *lugar teológico*²⁰¹, cuja definição, em última análise é o lugar em que são identificados sinais da manifestação de Deus. A correspondência dos integrantes do processo de formação ao plano de Deus, seus efeitos de integração humana e amadurecimento espiritual da vida cristã, constituem-se como sinais visíveis da atuação da graça divina. Por isso a formação do vocacionado e sua história pode ser compreendido como um possível lugar teológico, onde existe a integração antropológica e teológica.

A compreensão da própria formação em chave existencial é entendida como uma exigência intrínseca ao dom recebido de Deus. Esta realidade vale tanto para a vocação cristã *lato sensu*, quanto para vocação presbiteral *stricto sensu*. Em relação a vocação presbiteral a formação começa a partir da opção fundamental, livre e consciente por atender ao chamado vocacional e que se desdobra ao longo de todo o processo formativo através de sua adesão pessoal. No cerne do chamado vocacional está o objeto da caridade pastoral do Bom Pastor e a sensibilidade em relação às ovelhas sem pastor (Mt 9,36; Mc 6,34; Lc 10,2; Jo 4, 35-38). A correspondência ao chamado reflete a fidelidade do vocacionado em tudo empregar na doação de si mesmo em prol do cuidado pastoral do rebanho. Outrossim, o

o batismo indica um acontecimento mediante o qual o homem entra com o Redentor na reciprocidade do pneumático 'existir em'; figura, obra, paixão, morte e ressurreição do Redentor se tornam para ele forma e conteúdo de uma nova existência". GUARDINI, R., *L'essenza del cristianesimo*, p. 191.

²⁰¹ “O termo lugar teológico, do “*De Locis*”, foi formulado por Melchior Cano OP no Concílio de Trento, em resposta a Reforma Protestante. Cano chama de lugares todos os elementos utilizados na argumentação teológica e estende para outros domicílios que chama de “anexos” das moradas principais da evidencia teológica os argumentos da razão natural, as opiniões dos filósofos e as lições da história humana. Por fim, identifica como amplitude própria do *auditus fidei*, o crente como *locus*. Partindo da tradução pessoal do trecho do artigo intitulado “la historia como “lugar teológico” en la teología latinoamericana de la liberación”, o termo ‘lugar teológico’ é referido com as seguintes palavras: “o termo lugar teológico aparece uma primeira vez no documento da Conferência Latino Americana de Medelim. Entretanto, sua presença na Teologia da Libertação é comum para indicar a presença e a voz de Deus na história”. COSTADOAT, J., *History as a “Theological Place” in Latin American Liberation Theology*, p. 179-202. BOFF, C., ao explorar o tema do pluralismo teológico, apresenta uma grande contribuição para teologia, ao tratar do tema do pluralismo em sua obra “Teoria do método teológico”, no capítulo 15, estabelecendo bases de legitimação para aplicação do conceito. BOFF, C., *Teoria do método teológico*, p. 493-521. Recentemente, Papa Francisco referindo-se às fragilidades humanas como um lugar teológico, disse: “Não deixem as fragilidades de lado: elas são um lugar teológico. A minha fragilidade, de cada um de nós é um lugar teológico de encontro com o Senhor. Os sacerdotes super-homens terminam mal, todos eles. O sacerdote frágil, que conhece suas fraquezas e fala delas com o Senhor, esse irá bem”. Analogamente, propõe-se nesta pesquisa atribuição do conceito à formação como o lugar ordinário em que podem ser identificados os sinais da presença e a ação de Deus na história pessoal e vocacional do formando. FRANCISCO, PP. Apud JAGURABA, M., O papa: as fragilidades são um lugar teológico.

comprometimento com a formação é uma exigência fundamental para que aquele que recebeu a vocação presbiteral reflita o seu amor a Cristo e à Igreja bem como a coerência consigo mesmo²⁰².

A fé é esta realidade propulsora que deve mover o vocacionado, identificado no processo formativo como discípulo de Jesus Cristo. Também é ela que o faz crescer e amadurecer na própria formação seja ela inicial, ou permanente, na condição de presbítero que já “recebeu o dom de Deus por imposição das mãos” (2Tm 1,6; 1Tm 4,14-16; Jo 21,17-19; Ef 3,14; Hb 4,15; 1Cor 16,14; 2Pd 3,15).

A maturação do assentimento através de um constante percurso do itinerário e a mental adesão afetivo-volitiva, que só ocorrem após longo processo, compõem a dupla estrutura da vida cristã, progressiva-dinâmica e histórico experiencial. A vocação presbiteral é abarcada pela vocação cristã e nela tem sua razão de ser. A adesão definitiva dada na ordenação se prolonga e se consoma na história pessoal do presbítero. A maturação do sim do presbítero aperfeiçoa a sua própria identidade cristã em plenitude de realização. Nesta perspectiva, o processo formativo e a própria vivência do ministério presbiteral tornam-se um progressivo processo de assimilação dos sentimentos de Cristo Bom Pastor²⁰³.

Um outro elemento concernente ao conceito de formação presbiteral a ser lido em chave teológica é o da pedagogia como instrumento do processo formativo. O cuidado em adotar uma pedagogia dinâmica e atenta aos processos evolutivos e às necessidades da pessoa, hoje cada vez mais desafiadores e complexos, exigem a aplicação de um projeto formativo cada vez mais sólido e integrador²⁰⁴.

Neste sentido, Cencini apresenta em sua obra *Os sentimentos do Filho*, três dinamismos fundamentais que integram a pedagogia da formação presbiteral. Neles se encontram, harmonicamente integrados, os personagens do processo formativo

²⁰² “Objetivo central do caminho de formação é a preparação da pessoa para a consagração total de si mesma a Deus no seguimento de Cristo, ao serviço da missão. Responder « sim » ao chamamento de Deus, assumindo pessoalmente o dinamismo do crescimento vocacional, é responsabilidade inalienável de cada chamado, que deve abrir o espaço da própria vida à ação do Espírito Santo; é percorrer com generosidade o caminho de formação, acolhendo com fé as mediações que o Senhor e a Igreja lhe oferecem.” Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, Orientações sobre a formação nos institutos religiosos, 29: AAS 82 (1990), 493; JOÃO PAULO II, PP., PdV 70.

²⁰³ “Toda a ação educativa tende a criar no jovem aquela mesma disponibilidade ou aquele sentimento de amor imenso que levou o Filho a se tornar homem, a se converter num servo, humilde e obediente, livre para dar a vida por amor”. CENCINI, A., *Os sentimentos do Filho*, p. 64.

²⁰⁴ A pedagogia como ferramenta: CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 50; 68; 122 e 163. Nas diretrizes para formação, os dispositivos da pedagogia na formação presbiteral CNBB, Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, 138; como forma, n. 156; como estrutura de dimensões formativas, n. 208 e 311; como disciplina acadêmica, n. 260.

e suas finalidades próprias: a Trindade como autora do chamado, o formador como mediador e o formando como sujeito. Os dinamismos são: educar, formar e acompanhar. Ao apresentar o formador como mediador, o referido autor usando a imagem bíblica do agricultor da vinha do Senhor (Mt 21,33-34; Mc 12, 1-2; Lc 20,9), enfatiza que para além de um ato didático escolar, a pedagogia da formação é um múnus sagrado, um ministério, no sentido mais básico do termo, isto é, um serviço prestado ao Deus Uno e Trino e ao formando, simbolizado como a sua vinha. Educar, formar e acompanhar, são aspectos que tornam tipicamente transcendente a pedagogia da formação e os seus dinamismos, fazendo-a ultrapassar de um recurso puramente letivo.

Educar significa mediar a ação criadora de Deus imediatamente sobre o eu atual do indivíduo (Dt 1,31; 6,21; 9,26), através das operações do autoconhecimento, do discernimento, da descoberta e solução das inconsistências.

Formar significa propor um modelo preciso, uma nova identidade chamada “eu ideal”, lançar a semente da vida nova que dá fruto se cai morta na terra (Jo 12,24), através de duas esferas, a da objetivação – da pessoa de Cristo na captação de sua verdade e beleza – e da subjetivação – no reconhecimento e assimilação da identidade de Cristo.

Acompanhar significa estar próximo, fazer o caminho junto, cujo foco de atenção é o eu relacional (Lc 21,13-35), através da presença real, da escuta empática, da capacidade de integrar o espiritual e o psicológico no enfrentamento e solução dos problemas identificados na pessoa em formação. Na partilha do eu no itinerário, bem como a partilha do pão da fé, da memória de Deus na história pessoal. Todos esses aspectos estão no bojo da mediação formativa que o formador deve desempenhar no processo²⁰⁵.

Cencini apresenta, ainda, os três dinamismos pedagógicos fundamentais, atribuindo-os as três divinas pessoas e sua economia na pedagogia da formação:

²⁰⁵ CENCINI, A., Os sentimentos do Filho, p. 55-106.

Tabela 2: Modelos teológicos e antropológicos da formação

	EDUCAR	FORMAR	ACOMPANHAR
SUJEITO TRINITÁRIO	O PAI	O FILHO	O ESPÍRITO
ATIVIDADE PEDAGÓGICA ESPECÍFICA	E-vocar a verdade do eu para que se realize ao máximo em suas potencialidades.	Pro-vocar para a realização de um projeto transcendente como norma e forma de vida.	“Com-vocar” coração-mente-vontade, o homem “todo”, conduzir por um caminho cognitivo—experencial-sapiencial.
NÍVEL DO EU	<i>Eu Atual</i>	<i>Eu Ideal</i>	<i>Eu Relacional</i>
ÍCONE BÍBLICO	Deus-Pai-Criador que e-voca do nada fazendo existir; e-duz Israel do Egito, educando-o no deserto.	A Kénosis do Filho; ou o Filho que molda, como o oleiro, no coração do consagrado, os seus sentimentos.	O Espírito, guia e amigo, que ajuda a reconhecer Jesus, o qual explica as Escrituras e parte o pão.
PERCURSO PEDAGÓGICO	<i>Da sinceridade à verdade</i>	<i>Da verdade à liberdade</i>	<i>Da liberdade à entrega de si</i>
MODALIDADE EDUCATIVA	Conhecimento e superação, pelo guia, das próprias inconsistências para conduzir o jovem ao longo do mesmo caminho de libertação.	Proposta de Cristo e de sua verdade-beleza-bondade objetivas; para suscitar no coração-mente-vontade uma adesão subjetiva.	Compartilhar um trecho do caminho e de vida com o jovem, para partilhar sobretudo a fé e os dons do Espírito, com sua competência.

206

²⁰⁶ CENCINI, A., A história pessoal, p. 72.

Para além de um conteúdo programático – pois não se trata apenas de um processo unicamente didático –, os elementos do itinerário formativo se situam na relevância teológica do conceito de formação, cujo foco é a formação inicial presbiteral.

5.2.1.

A autoaceitação no processo de identidade cristã

A procedência diversa dos primeiros discípulos de Jesus atesta quão diversificado eram os perfis dos seus vocacionados e quão longe está a comunidade cristã de ser um grupo fechado, sectário e com perfil preestabelecido para o ingresso. Isso é atestado por exemplo no modo como Jesus alcança Zaqueu (Lc 19,1-10) e o ladrão perdoado ao seu lado na cruz (Mt 27,38; Mc 15,27; Jo 19,18). Essa riqueza encontrada ao longo de toda Sagrada Escritura representa um dos traços característicos da benignidade e magnanimidade do coração de Deus, que deseja que todos sejam salvos, de igual forma, seu discipulado é um convite feito a todos: tanto a pescadores (Mt 4, 18-22; Mc 1,16-20; Lc 5,1-11), ao cobrador de impostos (Mt 9,10-12; Mc 2,13-14; Lc 5,27-28) quanto ao que o traiu.

Ademais, se não há de fato restrições para o ingresso, este dado concreto, por certo revelador, indica que o discipulado de Jesus não é um lugar para pessoas “prontas”, inteiramente “acabadas”, como uma bela escultura de que não se conhece o seu estado original de pedra bruta, nem o processo a que foi submetida.

Por outro lado, revela que a experiência discipular é performática, transforma a vida inteira do ser humano até formar nele os traços de Cristo, homem novo²⁰⁷. Se o discipulado de Cristo é um convite destinado a todos, já sua permanência, só é possível àqueles que têm fé e nela deixam-se transformar pela graça divina²⁰⁸.

Em João capítulo 6, no conhecido “*Discurso do pão da vida*”, quase ao término, precisamente no versículo 67, Jesus indaga aos seus discípulos ali

²⁰⁷ “Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e lhe revela a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas (homem em si mesmo e sua vocação) tenham n'Ele a sua fonte e n'Ele atinjam a plenitude de Cristo: «Imagem de Deus invisível» (Cl 1,15; 2Cor 4,4)”. VATICANO II, GS 22.

²⁰⁸ BENTO XVI afirma: “Jesus sabia que também entre os doze Apóstolos havia um que não acreditava: Judas. Também Judas teria podido ir-se embora, como fizeram muitos discípulos; aliás, talvez devesse ir-se embora, se tivesse sido honesto. Ao contrário, ficou com Jesus. Não ficou por fé, nem por amor, mas com o propósito secreto de se vingar do Mestre. Por quê? Porque Judas se sentia traído por Jesus, e decidiu que por sua vez o teria traído. Judas era um zelote, e queria um Messias vencedor, que guiasse uma revolta contra os Romanos. Jesus desiludiu estas expectativas. O problema é que Judas não se foi embora, e a sua culpa mais grave foi a falsidade, que é a marca do diabo. Por isso, Jesus disse aos Doze: «Um de vós é um demônio!» (Jo 6, 70).” BENTO XVI, PP., Angelus de 26 de agosto de 2012.

presentes: “*não quereis também vós partir?*”. Esta pergunta de Jesus demarca o momento decisivo do discipulado que é a resposta de uma adesão definitiva à permanência. No ingresso do processo formativo, a exemplo do que é encontrado nos Evangelhos, no discipulado de Jesus, os discípulos fazem a experiência do autoconhecimento a partir do aprofundamento da intimidade com ele. Quanto mais íntimos do mestre, mas os discípulos conhecem de si mesmos, descobrindo o sentido de suas vidas. Com isso, melhor fundamentam suas escolhas e conseqüentemente saciam aquela sede interior de felicidade e realização²⁰⁹. Acerca do processo de formação, valendo-se da compreensão inaciana sobre o autoconhecimento baseado no exame de si mesmo, A. A. Santos define este conceito como recurso fundamental para o amadurecimento humano e tomada de decisões consistentes²¹⁰.

As capacidades a serem desenvolvidas durante os três anos de discipulado correspondem a um conteúdo vasto a ser assimilado em termos de aprendizagem de sucessiva progressão. A cada fase é destinada uma série de elementos imprescindíveis para o progresso do formando em todas as suas dimensões.

O ponto de partida do discipulado é a percepção realista de si mesmo, que consiste na descoberta e no reconhecimento da própria identidade, da história de vida, com seus avanços e seus limites, bem como o sentido da sua existência, como um permanente ato de transcendência. Cencini diz que nessa fase o jovem é convidado a realizar uma autobiografia para entender que a sua história pessoal é morada do mistério. Cada jovem encontra um personagem bíblico com quem se identifica para o resto da vida.

O progresso realizado na fase intermediária do discipulado é determinado pela capacidade recebida em expressar de maneira adequada suas emoções e

²⁰⁹ “Conhecer-se a si mesmo é uma necessidade e um dever do qual ninguém pode subtrair-se. O homem tem necessidade de saber quem é. Não pode viver se não descobre que sentido tem sua vida. Arrisca-se a ser infeliz se não reconhecer sua dignidade”. CENCINI. A., *Amarás o Senhor teu Deus*, p. 8.

²¹⁰ Para a formação à vida religiosa e presbiteral, cremos que a experiência de Inácio nos ensina que o exercício do exame pode ajudar enormemente no processo de amadurecimento humano e espiritual dos novos religiosos e ministros ordenados, partindo daquela intuição inaciana de que, por meio dele, a pessoa pode chegar a ter uma consciência mais atenta de si mesmo, tornando-se também mais consciente das próprias ações e motivações, para assim chegar a compreender com maior profundidade o princípio e o fundamento do seu viver. Diante de um mundo massificado e fragmentado como o nosso, redescobrir na formação o valor desses tipos de exercícios que ajudam o educando a aprimorar em si o dom da autoavaliação torna-se fundamental, para que ele venha a crescer no processo de constituição da identidade adulta, caracterizada pela capacidade da pessoa em ser íntima a si própria, tornando-se consciente das suas potencialidades e também das suas inconsistências, a fim de melhor responder ao chamado pessoal que Deus lhe faz. SANTOS. A. A., *O exame de si mesmo*, p. 223.

sentimentos. Muitos podem ter chegado feridos e decepcionados e, por isso, se sentem incapazes de serem acolhidos ou compreendidos em seus sentimentos e emoções. Nesse momento, tanto a timidez, como bandeira de uma auto repressão, quanto aquele comportamento exageradamente expansivo podem estar caracterizando a superficialidade acerca da própria subjetividade e dos sentimentos. Talvez aqui, também seja difícil encontrar uma linguagem adequada para decifrar o próprio interior, porém, o discípulo está recebendo do mestre tudo o que precisa para conhecer a si mesmo (onde moras? vinde e vede).

O auge do discipulado se concretiza com o reconhecimento das potencialidades e vulnerabilidades pessoais para assumir uma adequada autoestima²¹¹. O Calvinismo não consegue enxergar as graças de Deus operando na humanidade, desmerecendo a natureza humana no que o pecado original não foi capaz de corromper: a vida do homem, o sentido de felicidade, a busca por Deus e os seus favores. Em três anos de convivência no seminário, já é possível identificar os talentos de cada um. Ao mesmo tempo, o próprio formando já deve ter compreendido em que se tornou mais útil para o serviço da Igreja.

Os aprendizados espirituais concorrem para a conversão verdadeira, para integração eclesial e para o compromisso missionário. Na vida dos seminaristas, esses aprendizados ocorrem pela presença das mediações do conjunto do projeto formativo. Enquanto instrumento pedagógico, o próprio projeto é mediador. Do mesmo modo, será compreendida a presença das outras pessoas envolvidas no processo formativo: em primeiro lugar, está o formando como protagonista da própria formação, seguido dos companheiros de turma, da comunidade eclesial e dos formadores. Todos desempenham um papel fundamental neste complexo sistema formativo.

A conversão a Cristo não é um acontecimento independente, por isso, ela é vivida em concordância com as mediações do projeto formativo. No primeiro ano do discipulado, o seminarista é introduzido num mundo novo, que se apresenta por meio de uma série de experiências na sua rotina, como o horário para levantar-se e dormir, o modo de alimentar-se, as orações que devem ser rezadas. Tudo isso compreende um conjunto de princípios e valores que pretendem enriquecer a sua vocação. A partir daqui, tais elementos favorecem a sua conversão. Com o objetivo

²¹¹ FRANCISCO, PP. Apud JAGURABA, M., O papa: as fragilidades são um lugar teológico.

de ter em vós os mesmos sentimentos de Cristo (Fl 2,1-5). Isso resulta na verdadeira conversão a Jesus Cristo.

Não deve tardar para que o formando encontre aqueles poderosos frutos do amor recolhidos no meio da comunidade eclesial para que lhe seja indicado como e onde está sendo consolidada a própria vocação eclesial. Através da prática da caridade se desenvolve o senso de comunhão e de participação.

5.2.2. Os valores antropológicos da alteridade

Na segunda esfera do aprendizado, especificamente na etapa do discipulado, encontra-se a aceitação do outro como um dos pressupostos antropológicos fundamentais da formação sacerdotal, tendo em vista que em última análise, a vocação cristã e consequentemente a sacerdotal são eminentemente dom de serviço ao outro. Pensar na vida cristã em seu caráter existencial e espiritual como expressão de abertura ao outro implica tocar os valores da alteridade²¹² na perspectiva do processo formativo.

No primeiro ano de discipulado, o formado deve desenvolver o convívio com os demais seminaristas, e nisto se desenvolver com os formadores e os demais fiéis leigos, respeitando as diferenças individuais. Este desenvolvimento é de fundamental importância para a convivência comunitária e para a vivência da comunhão em sentido humano e cristão, pois comunhão é a expressão da convivência discipular que se atesta na diversidade de carismas e de identidades²¹³. Neste aspecto, a capacidade dos formandos em relacionar-se com os demais deve ser acompanhada com bastante proximidade. As dificuldades de socialização e de respeito às especificidades individuais deve ser objeto de árduo trabalho empenhado pelos envolvidos no processo de formação.

A multiplicidade de origens dos formandos, seja de ordem familiar, social e eclesial, bem como a realidade pastoral e cultural multifacetada, corroboram para a evidente diversidade de perfis dos candidatos ao presbiterato constatada hodiernamente. Por isso, no segundo ano de discipulado deve ser aperfeiçoado o aprendizado na convivência entre os diferentes perfis de pessoas que compartilham do convívio no ambiente formativo.

²¹² PEIXOTO, C. H., O valor antropológico da direção espiritual, p. 88-89.

²¹³ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 52.

Sendo encaminhado para a conclusão da etapa de formação do discipulado, no terceiro ano, o formando deve apresentar as capacidades necessárias para manter relações interpessoais consistentes que priorizam a aceitação do outro, o respeito e a empatia.

5.2.3.

A endopatia na autodoação

Endopatia é a função de entrega mais básica que serve de sinal para o desenvolvimento da autodoação. Trata-se de um neologismo proposto neste trabalho. Tal característica pretende identificar no interior do ser humano a sublime capacidade de dar-se como resposta a Deus que tudo dá de si mesmo na criação e redenção. A endopatia é movimento de saída do ser humano ao encontro do Outro, indicado nas palavras do mestre para designar aqueles que deixariam pai, mãe etc. para segui-lo (Mt 19,29). É exercício de abertura da natureza, impresso por Deus, que, ao mesmo tempo, quer ser aquele movimento de autotranscedência, traduzindo-se em abertura a Deus e ao próximo. Assim, a endopatia é a maneira como o formando se apresenta, quando chega na casa de formação. É de crucial importância que os formadores estejam atentos para identificar os diversos estágios de compromisso cristão, de consciência moral e de amadurecimento afetivo na vida de cada formando, traçando de forma personalizada um projeto em que cada qual possa se adaptar e crescer no discernimento vocacional.

Desde o primeiro ano de discipulado²¹⁴, o formando é conduzido a continuar aquele percurso iniciado no propedêutico, em que através de sua autobiografia, é levado a apropriar-se de sua história familiar, aceitar as experiências vividas sejam ela positivas ou não, a fim de conferir novos significados. É fato que no âmbito das experiências vividas existem algumas situações negativas que podem ser chamadas de traumas e que precisam de atenção e cura. Mas para que haja cura, que neste trabalho pode-se entender no contexto do processo formativo por ressignificação ou subjetivação, é preciso que sejam admitidos e identificados os fatos. As situações positivas ou negativas vividas em família, naturalmente repercutirão no processo de formação, através dos movimentos de projeção. E isso não ocorre somente no âmbito das relações humanas, mas também na vida espiritual, no modo em que concebe a figura de Deus e seu papel na própria vida.

²¹⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 61-67.

Na perspectiva da formação integral, que não está reduzida somente à intercomunicação das dimensões formativas e a interdisciplinaridade, este processo de cura não está restrito ao acompanhamento psicoterapêutico e espiritual, mas também aos cuidados dos formadores que lidam com o foro externo, pois não se deve esconder uma realidade que demanda ajuda compartilhada para que o crescimento pessoal do formando alcance êxito. Daí a importância do projeto formativo ser completo e personalizado.

Além das questões referentes ao convívio familiar, é preciso que seja identificado o grau de aceitação de seu contexto social, a começar por aquele em que esteve inserido junto aos seus familiares, pois só será capaz de desenvolver sensibilidade pastoral aos mais pobres e vulneráveis²¹⁵, se aceita o contexto social em que se encontram. Os formandos ao presbiterado, só serão capazes de desenvolver aptidões pastorais consistentes, cuja mística está na entrega da própria vida pela salvação do gênero humano, se for capaz de fazer-se dom de si para os outros, tal como Cristo Bom Pastor.

A entrega de si em prol do amadurecimento humano e espiritual para oferta de uma resposta generosa ao chamado presbiteral, se dá através do desenvolvimento na forma de comunicar-se. Aqui, o formando deve ser auxiliado no processo a estabelecer comunicação assertiva nas relações interpessoais, sem criar barreiras que lhe fechem ao diálogo com os outros. O formador deve ajudar o formando no desenvolvimento da escuta endopática, tão necessária nos dias de hoje para que o anúncio credível, por sua própria força, do Evangelho seja acolhido nos corações de quem escuta sua mensagem, ainda que haja sinais de hostilidade nesta recepção. A maneira mais eficaz de comunicá-la certamente é capaz de abrir ou fechar portas, como no exemplo de Paulo na interlocução com os pagãos no areópago²¹⁶.

O propósito formativo enquanto objetivo pessoal do formando pode ser classificado como objetivo interno ou inato. Na base do objetivo inato está o que Amedeo Cencini define como eu real²¹⁷. O eu real diz respeito a tudo o que o vocacionado traz consigo enquanto expectativa pessoal, baseada no que entende ser o chamado de Deus ou a experiência do primeiro chamado, ou ainda, o que é

²¹⁵ “O amor de Cristo é o amor pelos pobres, pelas pessoas que sofrem. Sabemos muito bem, como os nossos Papas se comprometeram vigorosamente contra a injustiça, em prol dos direitos dos oprimidos, das pessoas sem poder: o amor de Cristo não é algo individualista, exclusivamente espiritual, mas refere-se também à carne, diz respeito ao mundo e deve transformar o mundo”. RATZINGER, J., *Ser cristão na era neopagã*, p. 114-115.

²¹⁶ CELAM, DAp, 509-519.

²¹⁷ CENCINI, A., *Arvore da Vida*, p. 167; *Os sentimentos do filho*, p. 119.

possível chamar de experiência vocacional fundante. Nesse contexto do eu real, estão incluídos todos os aspectos da personalidade da pessoa, sua condição religiosa e também social, como por exemplo: origem familiar e situação econômica. Tais aspectos influenciarão a visão eclesial do vocacionado e o ideal de sacerdócio ministerial preconcebido. Do ponto de vista da existência pessoal, o formando traz consigo uma bagagem de experiências de fé e de experiências humanas, sejam elas positivas ou negativas. As experiências de fé próprias do formando consistem naquilo que se estende ao longo de toda sua vida. Nesse contexto estão presentes toda experiência religiosa da pessoa em formação²¹⁸.

O recente Sínodo sobre a juventude e o Discernimento vocacional aponta para o delineamento de algumas dinâmicas sociais e culturais do mundo em que os jovens crescem e tomam suas decisões, para de forma propositiva apresentar uma leitura de fé que seja capaz de integrar todas as realidades da vida do jovem, além daquelas ligadas a vida cristã²¹⁹.

Na perspectiva do binômio realidade e expectativa os objetivos inatos estarão sempre gravitando no entorno do fato interno da pessoa, do que ela é e do que pode vir a ser.

O projeto formativo do seminário deve oferecer ao formando os elementos necessários para integração de suas dimensões, assim como o amadurecimento vocacional, tudo isso para dar uma livre e consciente resposta ao chamado vocacional. Nisso consiste o propósito externo, em que o seminário através do itinerário formativo compõe para cada etapa de formação os objetivos das dimensões formativas uma a uma.

Em suma, todo projeto formativo, isto é, o seminário enquanto tempo e espaço de formação, com todos os personagens que compõe este cenário de formação, seja o formando como protagonista da formação, seja o formador (bispo e padres formadores), na condição de educador, têm por objetivo fazer o vocacionado entender o sacerdócio ministerial como um dom da graça de divina, e que pela sagrada ordenação é configurado a Cristo Bom Pastor, não sem um gradual amadurecimento humano e espiritual que lhe permita exercer no mundo a sua caridade pastoral.

²¹⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 149.

²¹⁹ SINODO DOS BISPOS, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, p. 13-20.

O seminário ou casa de formação, como é chamado em alguns lugares, constitui assim, o lugar por excelência da formação sacerdotal²²⁰. Nele, à semelhança do recolhimento que Cristo invitou aos doze, o seminarista cresce na intimidade com o Senhor Jesus (discipulado), em fraternidade, através das relações interpessoais e desenvolvimento de pertença (identidade e comunhão eclesial, para a ele se configurarem como bom pastor (configuração).

A formação compreendida como um processo em sentido prático, pode ser um instrumento pedagógico de extrema importância, visto que se trata de um caminho educativo que se trilha. O processo formativo como plano pedagógico já seria por si só rico, se este fosse em última análise a sua única concepção. No entanto, visto como um caminho de crescimento na fé, de amadurecimento da própria identidade como pessoa amada por Deus e chamada a um serviço, é entendido como um caminho de continuidade na inserção no mistério de Cristo, de seu serviço à humanidade, e que, portanto, requer um introdutor. Nesse sentido, a relação do seminarista com o formador deve ser aquela de quem está sendo conduzido tal como os discípulos foram conduzidos pelo mestre no conhecimento de sua divindade (natureza) e de sua missão. O seminarista deve crescer no conhecimento de Cristo, autor do chamado, de seu convite e da resposta que lhe deve ser dada. Em vista disso, o formador na condição de condutor não cumpre seu papel ao orientar para si a adesão do vocacionado. Seria alienante uma formação cujo aquele que recebe a tarefa de formar, incorre no perigo da auto referencialidade²²¹ no serviço, que por mandato missionário da Igreja, deve ajudar a ler os sinais e configurar-se a um outro ao qual supõe que ele próprio também esteja identificado. A tarefa missionária da qual é investido o formador é educar e ajudar na identificação do chamado vocacional e na sua livre e consciente resposta.

Nos tempos atuais, muitas são as crises de identidade que afetam as instituições e seus papéis. A família é um exemplo. E neste sentido, a carência de referenciais paternos que os vocacionados trazem consigo atesta a escassez dessa presença. É sabido que em outros contextos, fora do ambiente eclesial, como no escolar, diante de uma realidade dramaticamente escassa de educação basilar, os professores assumem um papel muito além do que o de quem leciona e transmite conhecimento, tendo assim que suprir a ausência ou até mesmo substituir os pais,

²²⁰ VATICANO II, OT 4.

²²¹ FRANCISCO, PP., EG 95.

função irrenunciável e inalienável a eles imputada. É o que o Santo Padre Francisco chama de autoexílio²²² dos pais da tarefa de educar os próprios filhos.

No processo formativo, o formador desempenha um papel importante de paternidade espiritual, realidade perene ao sacerdócio ministerial que não somente forma os futuros presbíteros para o seu exercício na vida dos fiéis, mas que também os socorre. Portanto, o formador exerce na vida do formando um papel de pai, pastor e mistagogo²²³.

O seminário é uma comunidade eclesial que prefigura a comunidade presbiteral ou o presbitério. Os seminaristas ao ingressarem já estão antecipadamente imersos nesta realidade de comunhão entre os colegas, radicada sobre a peculiaridade de cada um com sua origem familiar e paroquial, condição social, formação escolar, bagagem cultural, profissão etc. Nele, se desenvolvem muitas habilidades sociais, por eles antes impensadas e que no contexto comunitário lhes favorecem o amadurecimento da própria identidade como homem e cristão.

Outro fator de importante descoberta e aprofundamento é a participação dos leigos (homens e mulheres), de consagrados e consagradas na formação dos vocacionados, como fator preponderante para a vivência autêntica do ministério presbiteral como homem de comunhão²²⁴. A participação dos leigos constitui um forte contributo para superação do clericalismo. A respeito do clericalismo o Papa Francisco afirma: “E o clericalismo, que não é só dos clérigos, é um comportamento que diz respeito a todos nós: o clericalismo é uma perversão da Igreja”²²⁵.

O senso de pertença diocesana é criado e aprofundado dentro da casa de formação, pois é no seminário que pulsa o vigor de uma Igreja Particular. É nele que se formam os futuros presbíteros discípulos para a missão. Esta imersão na vida eclesial da igreja particular com todos os seus desafios e riquezas se dá no âmbito das formações, na experiência pastoral adquirida, quer em nível diocesano, quer em nível paroquial.

Por fim, ao ingressar no seminário, pode-se dizer que o vocacionado faz experiência de catolicidade também no âmbito das suas relações interpessoais que acabam por ser ampliadas dada a abrangência de situações que tocam a vida do seminário.

²²² FRANCISCO, PP., Audiência Geral em 20 de maio de 2015.

²²³ RAMIREZ, J. R. P., Psicologia e formação, p. 276-277.

²²⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, O presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial, 16.

²²⁵ FRANCISCO, PP. Apud ERPEN, J., Papa: clericalismo é uma perversão da Igreja.

Por graduação formativa, entende-se os estágios ou anos sucessivos do processo de formação. Ela é progressiva e ao mesmo tempo cumulativa, pois não prescinde das evoluções já alcançadas. A graduação formativa produz uma sucessão de gerações escalonadas que denota, por um lado, o caráter genérico do Seminário, como instituição, formando simultaneamente a cada ano em grupo de ingressos e de egressos, mas, por outro lado, é assumida na condição própria de cada seminarista, de maneira particular e subjetiva. Os grupos são formados por seminaristas que iniciam e terminam juntos todo o processo. Não significa que todos aqueles que começaram juntos, serão os mesmos a concluir. No entanto, os que eventualmente concluírem, majoritariamente iniciaram juntos o processo formativo. No mesmo ano, há sempre o debut da geração mais nova e a despedida da geração mais avançada.

No primeiro ano do discipulado, o formando é introduzido em um ambiente comunitário a fim de que possa aprender a viver em comunidade com os irmãos das diversas etapas formativas. Uma aproximação bíblica da incorporação do seminarista pode ser percebida a partir da figura de Josué, tendo diante dos seus olhos a terra prometida (Js 1,4). A distância que existe entre Josué e os frutos benditos daquela terra, onde nascem leite e mel, é a mesma que agora surge entre a entrada no seminário de uma pessoa e da sua saída como sacerdote. Algo que se repetiu a partir daquele encontro que, logo no início, Jesus promoveu com os discípulos, isto é, com André e Simão, depois com Felipe e Bartolomeu (Jo 1,35-51).

Já neste primeiro momento no seminário, é remetido àquela teologia pela qual a sucessão dos apóstolos, dos discípulos, dos líderes e das gerações em geral corresponde à dinâmica ininterrupta da graça que Deus derrama sobre a sua Igreja²²⁶. Tendo cumprido a sua missão, Moisés abençoou Josué para que introduza o povo na terra prometida (Dt 31,1-8); Vendo os seus dias terminarem debaixo da ação poderosa de Deus, Elias levanta o seu manto para abençoar o destino do povo de Deus por meio de Eliseu. Ao subir aos céus, Jesus envia o Espírito Santo sobre a Igreja, a fim de essa continue na terra a missão de levar a salvação para todos os povos, de geração em geração.

Segundo a PdV 42, o seminário é uma comunidade formativa em que o formando se recolhe para crescer na intimidade com Cristo, a exemplo do que

ocorreu com os Apóstolos, ao receberem o convite do mestre. É nesta experiência de discipulado que o formando cresce através do aprendizado com o Mestre e com a vida comunitária. Muitos são, atualmente, os desafios que marcam a vida do vocacionado e tende a fechá-los em si mesmos.

Os reflexos deste tempo são o individualismo, auto referencialidade, o subjetivismo, que coloca a manifestação da própria consciência como critério último da verdade, sem se importar com os valores universais, a superficialidade ou liquidez das relações humanas, o forte apelo ao consumismo, a busca desenfreada pelo prazer, o materialismo, que torna rasa e escassa a capacidade do ser humano de transcender a genitalização das relações humanas, a provisoriedade dos compromissos além da perda do senso de respeito ao outro. Todos esses desafios são notas características de uma época que muda aceleradamente e que tem carência de um sentido, e aqui situa a necessidade de relacionar-se com o Mestre, tal como a carência da vivência comunitária. Seguramente, os apóstolos só aprenderam o que é a caridade pastoral de Cristo e a ele se configuraram depois de tê-la experimentado na própria vida na relação com ele e com os demais.

A vocação dos Apóstolos é compreendida por Ratzinger como uma resposta do Pai à oração de Jesus Cristo, quando depois de subir ao monte para orar, vocaciona os doze apóstolos, criando assim a primeira comunidade formativa²²⁷.

Dentre tantas notas de caráter antropológico, na GS é encontrada a definição da índole comunitária da vocação humana, que parte de uma concepção da humanidade como família universal que parte de Deus e tende para ele. Esta índole parte da revelação natural, em que a humanidade causada por uma origem comum, que é o querer benevolente de Deus Pai, de que o ser humano tenha em sua própria existência o primeiro chamado vocacional, isto é, o chamado à vida, e como filho de Deus, forma com os demais semelhantes uma única realidade, a família humana. Essa realidade comum é sustentada e aperfeiçoada pelo vínculo da caridade expresso pela alteridade, a abertura ao outro numa perspectiva de mútua correspondência das necessidades. Transcendente à esta realidade palpável da correspondência às necessidades mútuas encontra-se a unidade das três divinas pessoas, Pai e Filho e Espírito Santo, expressão máxima da unidade, da perfeita comunhão, da caridade máxima com que se doam o Filho e o Espírito Santo ao Pai. A exemplo do que é conhecido a partir da economia salvífica, a autodoação é a

²²⁷ RATZINGER, J., Puntos de referencia cristológicos, p. 17-18.

forma por excelência de os seres humanos configurarem a caridade humana à divina²²⁸.

O discípulo forma o primeiro grande laço de amizade com o mestre, capaz de desfazer as aparentes diferenças entre os dois. A identificação das suas vontades e dos seus desejos com os do mestre começam a perfazer as suas atitudes. Na Antiguidade, geralmente, não se acreditava na relação de amizade entre pessoas de classes sociais diferentes. É impossível conceber que um escravo possa ser amigo do seu senhor ou que o seu senhor possa construir qualquer sentimento de confiança que não seja permeado pela dependência do servo. Para que isso possa acontecer, Platão e Agostinho concordam que a *ágape* é tarefa imediata daquele que se encontra no patamar mais elevado da relação de amizade. Cumpre-se, portando, o dever, por parte daquele que está na parte mais favorecida, de trazer o subalterno para o mesmo nível sociocultural, a fim de que a relação de amizade conheça o sentido da *ágape*. Para Agostinho, a Encarnação de Cristo é o motivo de a humanidade ser considerada amiga de Deus, pois, em Cristo, ela foi transportada para aquele nível “compatível” à nobreza e à plenitude divina, onde o amor não era condicionado pela obrigação subalterna, mas vivido pela liberdade conquistada para que a humanidade receba o que não pode dar em troca.

No segundo ano de discipulado, o seminarista deve identificar amizades sadias com pessoas que compartilham dos mesmos objetivos, seja no que tange à ordenação sacerdotal, seja no que diz respeito à realidade de vida que está construindo. Esta saúde se reflete por meio de atitudes responsavelmente livres, capazes de gerar vínculos estáveis de lealdade, respeito mútuo, solicitude e honestidade. A saúde das relações é algo que depende da liberdade afetiva entre as pessoas, desde antes de receber a sagrada ordem ou professar solenemente os votos de castidade, pobreza e obediência. Segundo Amedeo Cencini, a liberdade afetiva do virgem consiste no fato de se identificar e viver como um peregrino nas relações. Para ele, virgindade é relacional por sua própria natureza, porque nasce do intercâmbio de amor com Deus Uno e Trino e coloca no centro da vida o outro renunciando à relação com um único tu, mas que se estende a todos os outros como expressão do *Ágape*. Nesse estágio, o formando vislumbra aquela realidade futura presente no seu itinerário formativo da educação para o celibato²²⁹ como uma das formas ordinárias de configuração a Cristo.

²²⁸ VATICANO II, GS 23-32.

²²⁹ CENCINI, A., Virgindade e celibato hoje, p. 183-185.

A dinâmica da afetividade humana se concretiza na troca de emoções e experiências. A compreensão de tal mecanismo se torna útil para aquele que agora não precisa mais passar por um processo de adaptação e reconhecimento do contexto institucional do seminário, mas ao invés, já deveria se encontrar bem inserido num ambiente interpessoal favorável. Dentro deste contexto, além da adaptação institucional e da identificação dos fundamentos antropológicos e teológicos da vida comum e de seu aspecto perenemente relacional, é mister que o formando busque na raiz de suas emoções qual identificação ele faz de sua afetividade e sexualidade, pois o modo de comunicar as emoções é capaz de denotar o grau de maturidade humana e cristã da pessoa.

Para o terceiro e último ano do discipulado, o propósito formativo visa ser estabelecido a partir de adequadas relações interpessoais, ou seja, o seminarista usufrui de tempo suficiente para adquirir o equilíbrio necessário para a estruturação de sua afetividade, num processo de revisão sobre aquelas experiências que coadunam ou não com a sua opção de vida. Trata-se de um amadurecimento na resposta que perpassa o testemunho de pertença ao discipulado de Cristo e na vivência de relações interpessoais estáveis com homens ou mulheres²³⁰, mesmo diante dos desafios deste tempo marcados pela diversidade de identidade.

Estes desafios são mormente constatados na vida pastoral de cada seminarista, frente às múltiplas hermenêuticas sobre a orientação sexual de cada pessoa, o que, infelizmente, acaba criando um cenário bastante subjetivo e relativista sobre o assunto. O convívio fraterno, a psicoterapia e as formações específicas garantem a aquisição das habilidades necessárias para se estabelecer adequadas relações interpessoais sem que isso fique condicionado exclusivamente às iniciativas pessoais.

Os três anos de discipulado devem acumular propósitos espirituais que se fundamentam sobre as virtudes teologais, isto é, a fé, a esperança e a caridade. Na vida do discípulo, como na vida de todo cristão, são as virtudes que fortalecem os hábitos para que o homem possa em tudo buscar fazer a vontade de Deus, que é sempre boa, perfeita e agradável.

O formando é convidado a aderir a Jesus Cristo pela fé, o que comporta consciência da iniciação cristã, a experiência do testemunho e a vivência do mistério sacramental. A PdV identifica que a formação não pode prescindir do fato

²³⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, RIFIS 95.

de que os seminaristas tenham sido catequisados de modo deficitário. Nesse sentido, o itinerário formativo, como disposto na nova RIFIS, é, por assim dizer, um caminho catecumenal, onde o formando vive a experiência de reiniciar a fé por meio das etapas do discipulado e da configuração. Como reitera o Papa Francisco na EG ao referir-se a necessidade de uma experiência querigmática. O formando está construindo os primeiros laços da sua relação com o seu formador e com os seus superiores. Cabe o exemplo daquela relação entre o Pai e Filho, na Santíssima Trindade, pela qual o Pai sempre oferece tudo que tem para o Filho, enquanto o Filho, não retendo nada para si, entrega ao Pai tudo o que recebeu, em ação de graças (Tudo que é teu, ó Pai, é meu). Entrega e ação de graças são úteis para nutrir a confiança e a devoção, que mutuamente formando e formador precisam para construir um caminho integral de fé e vida cristã.

Em segundo lugar, aquele rapaz que estiver no discipulado será convidado a fundamentar-se em Jesus, mediante a vivência da caridade, que, por um lado, transforma-se em oração a Deus, a quem o amor deve ser entregue acima de qualquer coisa, e, por outro lado, traduz-se em cuidado pelo próximo.

Enfim, o seminarista destina-se para o compromisso missionário, animado pela virtude da esperança, em vista daquelas bem-aventuranças que Cristo indicou como meio para conquistar o Reino de Deus e a salvação para todos.

Embora não haja um ministério próprio que seja recebido para o exercício pastoral do seminarista durante aqueles três anos de discipulado, torna-se útil e fundamental que o formando acolha esses primeiros passos na pastoral para assumir propósitos de reconhecimento do outro, de entrega-serviço e de escuta-diálogo. A dimensão pastoral da formação abarca sempre o propósito de superação do egoísmo, fazendo com que o ser humano saia de si mesmo e possa ir ao encontro do outro (bom samaritano). Ao mesmo tempo, afasta-nos daquele sentimento de autossatisfação e de isolamento.

5.3. Elementos Antropológicos da Vocação Presbiteral

Conforme descrito anteriormente, antes de ser consagrado, o sacerdote passa por algumas etapas em sua formação, com o propósito de inserção, de maneira integrativa, na vida com Jesus Cristo. Tal conjunto de formações contempla as áreas da saúde física, psicológica e das relações humanas, acadêmica e racional, do zelo

apostólico, da vida em comunidade, da dimensão espiritual, sendo essa última de fundamental importância no caminho rumo ao sacerdócio ministerial²³¹.

Ao longo dos séculos, a formação dos sacerdotes passou por diferentes modelos, até o utilizado atualmente. Tal modelo é apresentado por Amedeo Cencini, que melhor responde às exigências do Evangelho no contexto universal atual. Como apresenta a tabela abaixo.

Tabela 3 – Modelos de Formação (da perfeição à integração)

MODELO	OBJETIVO	FORMA	ASPECTOS POSITIVOS	ASPECTOS DUVIDOSOS
1a Perfeição	Esforço pessoal pela santidade e perfeição	Eliminação ao que é contrário à perfeição	Clareza de métodos e de propósitos. Certa severidade.	Pouco realismo. Risco de empobrecimento psíquico. Individualismo
1b Observância regular	Perfeição de grupo	Uniformidade do comportamento	Uniformidade na perspectiva e na ajuda mútua	Exagerada conformidade e formalismo
2ª Auto realização	Autoestima e autoafirmação	Aquisição da habilidade e qualidades pessoais	Sentido do próprio eu, da própria unicidade e dignidade	Narcisismo e possíveis frustração / depressão
2b Autoaceitação	Aceitação da própria realidade integral	Conhecimento de si e esforços para eliminar os aspectos negativos	Diminuição do estresse e aceitação realista das próprias limitações	Mediocridade geral e falta de motivação para a mudança
3ª Módulo único	Proposta do que é vital na vida de cada um	Indicação de uma unidade de método	Coerência e precisão	Visão estreita, subjetiva e parcial
3b Integração	Recapitulação da vida de cada um ao redor da cruz	Aceitação na fé da própria realidade	Integração pessoal e mudança de atitudes negativas	Dificuldade para integrar faltas e feridas da vida passada

232

²³¹ RAMÍREZ, J., Psicologia e formação, p. 67-70.

²³² RAMÍREZ, J., Psicologia e formação, p. 73.

No final de década de 1980, em Madrid, a equipe do Instituto Vocacional Maestro Ávila apresentou um trabalho no Congresso de Espiritualidade Sacerdotal, onde foi apresentada uma nova perspectiva acerca da formação sacerdotal: a da necessidade de se ter a maturidade como disciplina inclusiva na formação dos sacerdotes desde os primórdios da experiência de seminário.

Essa inovadora teoria ganhou corpo também através do conceito disseminado pelo próprio diretor do Secretariado da Comissão Episcopal espanhola, quando declarou, no início da mesma década, que “se previra na educação sacerdotal a pedagogia para a solidão talvez mais que para a amizade”²³³.

Entende-se, portanto, que se faz fundamental ao perfil do sacerdote o desenvolvimento de um sadio senso de identidade, um fervoroso senso de pertença e fraternidade com seus semelhantes, além de forte senso de missão como sentido da própria existência. A essas características denomina-se maturidade.

Porém, para além dos estudos e imersões de formação que irão oferecer grandes ensinamentos, no sacerdote, deve haver a busca pelo sentido. Esse conceito de “sentido”, para Frankl (1973) é a própria força primária de sua vida, a chama interna e intrínseca do ser, transcendendo os conceitos da psicanálise de Freud no que se refere ao “princípio do prazer” e da psicologia de Adler no que se refere ao “princípio do poder”²³⁴. Em sua visão a partir da psicologia humanista, Frankl percebe o ser humano composto por corpo, alma e espírito, concentrando seus estudos na dimensão espiritual. Portanto, em consonância com o que deve ser o perfil do sacerdote, o autor acrescenta que “a busca de sentido no homem é a força primária em sua vida, e não uma racionalização secundária de seus impulsos instintivos”²³⁵.

O itinerário formativo da nova RIFIS reúne, a partir das dimensões da formação, uma série de valores humanos e espirituais que qualificam os formandos com as aptidões necessárias para serem considerados aptos para ordenação presbiteral. Esses valores, do ponto de vista antropológico, são determinantes para identificação do desenvolvimento de um perfil do presbítero da Igreja.

Com a abertura humana do vocacionado à ação da graça, pode-se encontrar na humanidade do presbítero, sinais de uma antropologia integral capaz de corroborar para o delineamento da vocação.

²³³ MARTÍN, J., Aproximación a la situación actual de los sacerdotes, 1980 p. 44-46.

²³⁴ MÉZERVILLE, G., Maturidade sacerdotal e religiosa, p. 29.

²³⁵ FRANKL, V., Man's searching for meaning, p. 154.

Em suma, propõe-se neste estudo que há, na vocação presbiteral, elementos antropológicos próprios desta realidade sagrada do próprio ministério notadamente específicos. Isto quer dizer que ao propor uma antropologia da vocação presbiteral, pretende-se aprofundar o dado de que nesta vocação há elementos que apontam para aquela realidade salvífica esperada para o dia da *parousia*, mas que já nesta realidade manifesta-se como o sinal da economia de Deus no meio de seu povo.

Os aspectos humanos do padre, integrados pela obra da graça que ele pessoalmente aderiu e deixou-se transformar, torna cada vez mais visível a presença de Cristo, o Bom Pastor.

Os elementos qualitativamente humanos do padre, que pode se chamar de corolários da antropologia da vocação presbiteral são:

1) Subjetivação e objetivação da vida ministerial

O presbítero é o administrador dos mistérios de Deus (1Cor 4,1-2). Está na identidade do ministério presbiteral o caráter mediador da aliança de entre Deus e os homens. O sacerdote é o administrador dos bens que Cristo lhe confiou por meio do mistério que foi instituído pela Igreja. Ele é, portanto, o instrumento, a ponte que conduz a humanidade para Deus.

O dom da vocação presbiteral é uma existência superior à própria existência do homem que o recebe. Pois o homem chamado para ser padre, encontra no sacerdócio ministerial a finalidade de sua existência: existir para Cristo viver, servir, amar e salvar por mim. A configuração do homem pela sagrada ordem do presbiterado é o sentido novo conferido a sua própria existência, cuja finalidade é ser vítima do holocausto de Cristo para salvação da humanidade. O presbítero é, pode-se dizer assim: a vítima do sacrifício nas mãos de Cristo sumo e eterno sacerdote. Nele Cristo vive: seu ser todo inteiro, integralmente, é tomado pela sagrada unção pelo ser Cristo, apesar de suas fraquezas.

No presbítero, Cristo vive e, pela sua existência (pelo seu corpo age de forma redentora), Cristo serve. A adesão ao chamado de Deus faz com que a existência do homem ordenado seja inteiramente tomada por Cristo para continuar servindo ao Pai, no amor e na dor. Pois o serviço de Cristo começado no mistério da encanação perpassa toda obra salvífica de culminar na cruz; Cristo ama, a existência humana do padre se plasma de tal amor pela sagrada unção, que se torna um homem de um coração dilatado disposto a ser tudo para todos; Cristo salva. As mãos, a voz, a cabeça, a força corporal, o intelecto, o espírito do padre são todas realidades

moldadas pela unção crismal para ser ele a vítima pacífica e obediente, capaz de reconstruir o novo de Deus na vida das pessoas.

A pessoa humana é por natureza um ser relacional e por consequência social, por sua comunicação natural com os demais. O desenvolvimento das pessoas ocorre a partir da constituição de uma sociedade.

5.4.

Os desafios antropológicos para formação presbiteral hoje

Algumas reflexões acerca dos desafios da formação presbiteral serão desenvolvidas com o objetivo de encontrar uma resposta propositiva para um itinerário formativo capaz de atender ao objetivo final de integração da pessoa do vocacionado e a sua correspondência ao chamado vocacional. A obra de Donald B. Cozzens, *A face mutante do sacerdócio: reflexão sobre a crise de alma do sacerdote* será a fonte adotado para enumerar alguns desses desafios, bem como o tema e reflexão que o referido autor chama em sua obra de “crise da vocação”, “crise do homossexualismo”²³⁶, “crise intelectual” e que podem ser identificados como os do novo milênio²³⁷.

a. O desafio da crise da vocação²³⁸

Ao abordar o desafio da crise de vocações, Donald Cozzens identifica como algumas de suas possíveis causas a baixa taxa de natalidade entre os católicos, o sucesso econômico e social e os escândalos de abuso sexual de menores pelo clero. A baixa demográfica de católicos provocada pela cultura contraceptiva, de fato tem diminuído bastante o contingente das famílias cristãs católicas e consequentemente o número de novos cristãos. Devido a essa escassez é comum que as famílias

²³⁶ Embora o autor Donald B. Cozzens utilize em sua obra o termo, hoje não aplicável, “homossexualismo”, nesta pesquisa optamos pelo termo tendência homossexual adotado pela Igreja no documento *Amoris Laetitia* (AL 250). FRANCISCO, PP. *Amoris Laetitia*. Exortação Apostólica pós-sinodal sobre o amor na família. São Paulo: Paulus, 2016. p. 153.

A Sagrada Doutrina da Fé na obra *Documenta*, aplica o termo homossexualidade para referir-se à tendência homossexual. CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. *Documenta: Documentos publicados desde o Concílio Vaticano II até os nossos dias (1965-2010)*. Brasília: Edições CNBB. 2011. Alguns teólogos morais, tais como Marciano Vidal entre outros, também utilizam o conceito em suas obras. MARCIANO VIDAL. *Sexualidad y condición homosexual en la moral cristiana*- 1 ed.-Buenos Aires: San Pablo, 2010, p. 143-152.

²³⁷ COZZENS, D. B., *A face mutante do sacerdócio*, p. 163.

²³⁸ COZZENS, D. B., *A face mutante do sacerdócio*, p. 170-174.

católicas gerem até dois filhos. Devido a essa opção, cresce a preocupação dos pais em perpetuar a família, levando-lhes a priorizar na criação dos filhos a opção por um estado de vida que lhes possibilite procriar. O que parece ser bastante contraditório. Não é raro que nas famílias católicas, quando o jovem ver despertar em seu coração o desejo de discernir a vocação cuja vivência se dá através do celibato, seja sacerdotal ou consagrado, o primeiro questionamento é: “e os netos que você daria”.

Outro dado apresentado pelo autor é o crescente do número de divórcios ocorridos nas famílias católicas, cuja fragmentação contribui para uma crise de identificação da realização vocacional que se reflete na frustração da vocação matrimonial dos próprios pais, enfraquecendo a institucionalidade do matrimônio.

Outra causa identificada é o sucesso econômico e a busca desenfreada pelo enriquecimento, refletida na opção que o jovem faz de manter como secundário um projeto divino que lhe exija o altruísmo, a renúncia radical de bens terrenos em prol de um projeto de vida que requer a entrega radical da própria vida. Neste sentido, a busca pelo enriquecimento é estimulada pelos próprios pais. É comum encontrar pais que se queixem de seus filhos, frustrados por terem feito uma escolha vocacional: “investimos tanto na sua formação para que escolhesse uma carreira financeiramente estável, e você escolhe ser padre ou religioso”.

Os escândalos de abuso sexual de menores cometido pelos clérigos refletem uma grave crise moral que atinge integralmente a identidade dos presbíteros e o lugar em que esse grande desgaste da reputação do ministro ordenado ocorre é no seio das famílias. Os escândalos geram uma crise identitária institucional nas famílias em relação a Igreja, de modo a criar certo constrangimento em supor que a reputação dos filhos possa ser associada a essa perda de credibilidade, tornando-lhes passíveis de desconfiança na sociedade, através de um julgamento generalizado que a mídia impõe sobre a instituição e seus membros. É comum um jovem que decide iniciar o discernimento vocacional ouvir de seus familiares ou pessoas mais intimas o questionamento: você vai ser pedófilo? O autor chega a mencionar que as mulheres, majoritariamente engajadas na comunidade eclesial, que são as primeiras promotoras vocacionais, tendem a dissuadir seus filhos da ideia de deixar de lado o discernimento vocacional.

b. O desafio da tendência homossexual²³⁹

A realidade da homossexualidade nos seminários é identificada por Donald D. Cozzens como uma crise. Ela se reflete na crise de identificação gerada em alguns formandos, mediante a constatação de comportamentos e formação de grupos (*lobbys*), muito bem estruturados de promoção da cultura gay nas casas de formação que acabam por dissuadir vocacionados a deixarem o processo de formação. O problema da falta de identificação com a vida presbiteral e com a instituição seminário e presbitério constitui uma chaga no processo de formação inicial.

Em um ambiente no qual os formandos que possuem a tendência homossexual sentem-se isentos de uma sincera experiência de confronto de si mesmos, deixando de buscar a integração e amadurecimento da própria sexualidade à luz da experiência de intimidade com Deus na oração, do acompanhamento com o diretor espiritual, formador e da psicoterapia²⁴⁰, são destinados a formar como diz Cozzens uma significativa população sexual, pautada pela busca da satisfação sexual facilitada.

O grupo é formado, de modo instintivo, pela identificação e reconhecimento de gostos e costumes e se mantém através de relações pautadas pelos *coleguismos* e *camaradagens* facilitadoras e protetivas. A existência de relações exclusivas de dependência afetiva, geralmente levadas às últimas consequências no ato sexual são capazes de gerar uniões ditas pelo autor, românticas, que são altamente destrutivas para a dimensão comunitária da formação em razão de murmurações, ciúmes, intrigas e litígios. Quando esse contexto é instalado na instituição de formação, causa grande perturbação ao ambiente, nociva desconfiança em relação aos formadores, que em um estágio como este, tornam-se verdadeiras ameaças ao alcance da meta que é a aprovação para a ordenação.

Ao referir-se a esta crise, é possível vislumbrar que grupos formados pela vivência ambígua da própria sexualidade são capazes de formar uma espécie de subcultura, a ponto de se admitir dentro da instituição o discurso da promoção daquilo que deveria ser visto e vivido como um drama associado à cruz de Cristo. A tendência homossexual que afeta homens e mulheres cristãos, quando entendida

²³⁹ COZZENS, D. B., A face mutante do sacerdócio, p. 174-175.

²⁴⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO CRISTÃO, RIFIS 101.

como causa de grande santificação, através de um ato de profundo amor oblatoivo que vê no sacrifício da vontade proveniente das paixões humanas, além de purificar ajuda a viver a sexualidade na sua mais profunda essência: um dom de Deus, que permite ao ser humano ser um de si mesmo para o outro.

c. O desafio da crise de autoridade

A crise de autoridade aparece como um efeito da degradação moral da figura dos sacerdotes, provocada, seja em função das transformações culturais ao longo do tempo e consequente perda do protagonismo da instituição na sociedade, seja em razão dos escândalos sexuais e morais cometidos por clérigos. Tal realidade representa uma significativa perda da autoridade moral que subjaz à institucionalidade eclesial e consequentemente ministerial²⁴¹.

d. O desafio da crise intelectual²⁴²

O processo de evidenciação das emoções e as experiências sensitivas, identificadas como experiências espirituais, enfraquecem o interesse pelo estudo, o considerando como um obstáculo à ação de Deus e a sua inspiração, gerando em muitos, o círculo vicioso do imprevisto daquilo que há de mais vital em sua missão sacerdotal: santificar, governar e ensinar.

Tal realidade reflete-se na falta de compreensão de que o processo de formação presbiteral é integral e, portanto, requer especial atenção à etapa de formação permanente, que ocorre após a ordenação.

Por fim, todas contribuições para identificação da crise que afeta a identidade do presbítero hoje e configuram verdadeiros desafios humanos, podem ser resumidas em uma única crise: a crise da resposta. É por certo o modo como se tem respondido ao chamado vocacional, a maneira com que se corresponde aos deveres inerentes à escolha fundamental pela adesão ao chamado de Deus que está em cris

²⁴¹ COZZENS, D. B., A face mutante do sacerdócio, p. 176-179.

²⁴² COZZENS, D. B., A face mutante do sacerdócio, p. 179-182.

6. CONCLUSÃO

O tema do sacerdócio ministerial sempre me foi caro, razão pela qual pude dedicar-me ao trabalho de conclusão da graduação sobre este tema. Ao longo de doze anos de serviço à formação dos futuros presbíteros, pude aprofundar cada vez mais o interesse em buscar experiências consistentes que pudessem favorecer o aprimoramento da minha missão de formador.

Penso que o interesse pelo tema da formação presbiteral desenvolvido nessa pesquisa é fruto do meu amor a vocação sacerdotal somado a paixão pelo projeto de formação (as pessoas do formando e do formador, o seminário enquanto *locus* e o processo enquanto caminho que se percorre). A experiência desafiante de começar a missão, e ao mesmo tempo se preparar para desempenhá-la, realidade comum a grande parte dos formadores sobretudo os mais jovens, o contato com os formandos, com o bispo e o clero, com os irmãos formadores de outras dioceses, suscitavam em meu coração o anseio da investigação. Era um *íter* que percorria em busca de um *íter* a ser proposto como projeto de formação. A observação ao longo de todos esses anos e a experiência adquirida visa encontrar nas fontes pesquisadas a valoração teórica de pessoas que de igual modo estudaram e puderam receber e agregar suas colaborações para esta realidade tão cara a Igreja.

Nessa investigação, a constatação de algumas situações evidentes e outras tantas que até hoje carecem de respostas que satisfaçam de forma ponderada e capazes de propor integração, tornou cada vez mais insaciável o desejo de aprofundar o conhecimento. É daí que nasceu essa árdua pesquisa, que não é hermeticamente fechada, mas totalmente aberta a ser um contributo. Um trajeto que, de igual forma, está ávido por receber mais contribuições, para o engrandecimento deste grave e importante serviço de formar pessoas disponíveis a se estruturarem como discípulos de Jesus Cristo e com seu pastoreio identificarem-se por toda a vida.

Estruturar e identificar-se, são duas atitudes que dizem respeito a um processo de formação que também pode ser chamado de itinerário. São dois verbos que sintetizam as etapas de um, momento formativo, que chamamos inicial, e são definidos pela Nova *Ratio* de Discipulado e Configuração, respectivamente. Obviamente existem duas fases precedentes, a do seminário menor para as vocações juvenis e a do propedêutico para as vocações adultas. Posteriormente, ao concluir o

processo de formação, a etapa da síntese vocacional. Este processo é orgânico, e portanto, integral e integrador, graças as conexão entre as fases e as dimensões formativas. Propor esse projeto formador é objeto de um desejo pessoal de oferecer às pessoas envolvidas na promoção vocacional e na formação dos futuros presbíteros da Igreja.

A processo de formação sacerdotal deve promover a harmonia e o equilíbrio entre a *ortodoxia* (uma doutrina sã), a *ortopraxis* (ação correta) e a *ortopatia* (afetividade integrada). Sendo assim, através da edificação desses pilares o vocacionado pode apresentar-se humanamente maduro para ser dom de si para Deus e para os seus semelhantes.

A dimensão espiritual perfaz a humanidade do formando, sem despersonalizá-lo, mas imprimindo-lhe aquele caráter essencial para a vivência discipular: a sua relação pessoal com Cristo que lhe propõe uma experiência unitiva, purgativa e luminosa, a da conversão constante. Mas que também encontra na missão pastoral o seu amadurecimento na fé: ser sinal de sua caridade pastoral na realização da obra da salvação.

A missão de testemunhar a fé, esperança e caridade cristã se concretiza no olhar atento da realidade à luz do mistério de Cristo, caminho, verdade e vida, intercâmbio da igreja com o mundo, a exemplo do que Deus fez ao encarnar-se para nos trazer o dom da redenção. Tudo isso deve perpassar a aquisição do conhecimento e o desenvolvimento intelectual do formado.

A experiência milenar da Igreja de formar seus pastores, instituída e iniciada por Jesus Cristo com os doze primeiros discípulos, vai evoluindo ao longo da história desenvolvendo métodos que lhe permitam dar uma resposta adequada a cada tempo. O Concílio Vaticano II desempenha este papel nesta árdua caminhada eclesial. São Paulo VI, juntamente com os padres conciliares, intuem que é preciso encontrar meios que favoreçam a descoberta e a redescoberta dos meios que aprimorem a formação dos presbíteros. Essa experiência conciliar reúne os três elementos que constituem o ministério sacerdotal, identificando-os nos testemunhos dos santos padres, a *tria munera* que estão presentes na missão messiânica de Jesus: ensinar, santificar e governar.

A Sagrada Escritura, a Tradição e o Magistério nos oferecem o belo testemunho de que o zelo pela pessoa em formação e pelo processo estão no foco da Igreja deste a sua cabeça (Cristo) e seu corpo (a comunidade eclesial). Os elementos antropológicos presentes na escolha que Jesus faz por cada um dos doze,

passando pela formação a eles transmitida, por palavras e atos, atestam sua continuidade nos valores formados, desenvolvidos e requeridos pela Igreja, mediadora dele em todo este processo. Os elementos antropológicos do projeto formativo, confirmam a preocupação da Igreja em testemunhar o Evangelho da salvação que perfaz as realidades autenticamente humanas. O grande legado deixado pelo Concílio de integrar as realidades cindidas faz-se cada vez mais necessário nos tempos de hoje, de muita fragmentação e depreciação do outro, das instituições, da moral, da fraternidade dentro e fora do contexto eclesial.

Na experiência como formador, e após esta pesquisa, sinto-me cada vez mais desafiado a compreender que entre a *teoria* e a *práxis* existem pessoas (o formando, o formador, os fiéis leigos, os presbíteros e o bispo), com todas as suas objeções, e que se lhes for proposto o caminho da integração, podem fazer uma bela experiência de subjetivação, isto é, conscientes do que são diante de Deus, encorajam-se cada vez mais a tornarem-se o que ele quer.

7.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA BRASIL. **Analfabetismo cai, mas Brasil ainda tem 11 milhões sem ler e escrever.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020/-07/taxa-cai-levemente-mas-brasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos>. Acesso em: 01/09/2021.

AMADO, J. P. Mudança de época e conversão pastoral: Uma leitura das conclusões de Aparecida. **Atualidade Teológica**, v.12, n.30, p. 301-316, set./dez. 2018.

AMADO, J. P. **Presbíteros: comunhão e missão.** Brasília: Edições CNBB, 2021.

ARAGONÉS, S. **Os estragos causados pela pornografia na mente de quem a consome.** Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2017/07/23/os-estragos-da-pornografia-na-mente-de-quem-a-consume/>. Acesso em: 06/09/2021.

BALTHASAE, H. U. V. **Los estados de vida del Cristiano.** Madrid: Encuentro, 1994.

BASTAIRE, J. **Eros redento.** Magnano: Qiqajon, 1991.

BENTO XVI, PP. **Angelus 26 de Agosto de 2012.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/be/nedictxvi/it/angelus/2012/documents/hf_benxvi_ang_20120826.html. Acesso: 08/09/2021.

BENTO XVI, PP. **Discurso do Santo Padre durante a visita ao Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau.** Disponível em: BENTO XVI, PP., Discurso do Santo Padre durante a visita ao Campo de Concentração de Auschwitz-Birkenau. Acesso em: 09/09/2021.

BENTO XVI, PP. **Discurso por ocasião da troca dos votos natalícios com a Cúria Romana em 20 de dezembro de 2010.** Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2010/december/document/s/hf_ben-xvi_spe_20101220_curia-auguri.html. Acesso em: 01/09/2021.

BERTHOLD, A.; STUIBER, A. **Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 1988.

BIFET, J. E. **La misión al estilo de los apóstoles: Itinerario para la formación inicial y permanente.** Madrid: BAC, 2004.

BINGEMER, M. C. L. **Santidade: chamado à humanidade: reflexões sobre a exortação apostólica: Gaudete et Exsultate.** São Paulo: Paulinas, 2019.

BOFF, C. **Teoria do método teológico.** Petrópolis: Vozes, 2015.

CALVÁRIO, P. Comunhão na solidão: A via do deserto no oriente cristão. **Thaumazein**, v. 7, n. 13, p. 63-73, jul, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/thaumazein/article/view/63>. Acesso em 01/09/2021.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Brasília/São Paulo: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2008.

CENCINI, A. **A árvore da vida**. São Paulo: Paulinas, 2012.

CENCINI, A. **A história pessoal**, morada do mistério. São Paulo: Paulinas, 2009.

CENCINI, A. **Amarás o Senhor teu Deus**. São Paulo: Paulinas, 1998.

CENCINI, A. **¿Ha cambiado algo en la Iglesia después de los escándalos sexuales?**: Análisis y propuestas pra la formación. Salamanca: Sígueme, 2016.

CENCINI, A. **Os sentimentos do Filho**: caminho formativo na vida consagrada. São Paulo: Paulinas, 2009.

CENCINI, A. **Virgindade e celibato hoje**. Para uma sexualidade pascal. São Paulo: Paulinas, 2012.

CLEMENTE DE ROMA. Primeira Carta de Clemente aos Coríntios. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 19-47.

CNBB. **Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil**. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2001.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Gaudium et Spes*. Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Documentos**. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 199-332.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Lumen Gentium*. Constituição Dogmática sobre a Igreja. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Documentos**. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 75-174.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Optatam Totius*. Decreto sobre a formação sacerdotal. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Documentos**. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 455-480.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Presbyterorum Ordinis*. Decreto sobre o ministério e a vida dos Presbíteros. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Documentos**. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 589-638.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*. Constituição conciliar sobre a sagrada liturgia. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Documentos**. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 21-74.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Persona Humana**. Declaração sobre alguns pontos da ética sexual. São Paulo: Paulinas, 1976.

CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. **Documenta: Documentos publicados desde o Concílio Vaticano II até os nossos dias (1965-2010)**. Brasília: Edições CNBB. 2011.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Homem e Mulher os criou:** para uma via de diálogo sobre a questão do *GENDER* na educação. Cidade do Vaticano: LEV, 2019.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministério e para a vida dos presbíteros.** Brasília: Edições CNBB, 2013.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial.** Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20020804_istruzione-presbitero_po.html. Acesso em: 08/09/2021.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. **Sexualidade Humana:** Verdade e Significado. São Paulo: Paulinas, 1987.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. O dom da vocação presbiterial. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICAS. **Instrução sobre a formação nos institutos religiosos.** Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_02021990_directives-on-formation_po.html. Acesso em: 08/09/2021.

Congregazione Per L'educazione Cattolica (Dei Seminari E Degli Istituti Di Studi). **Direttive Sulla Preparazione Degli Educatori Nei Seminari.** Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20040803_direttive_sem-93_it.html. Acesso em: 08/09/2021.

COSTADOAT, J. History as a “Theological Place” in Latin American Liberation Theology. *Perspectica Teológica*, Belo Horizonte, v.47, n.132, p. 179-202, Mai./Ago. 2015.

CUADRADO, J. A. G. **Antropología filosófica.** Una introducción a la filosofía del hombre. Navarra: Ediciones Universidad de Navarra, 2010.

CUCCI, G.; ZOLLNER. H. **Iglesia y pedofilia:** uma herida aberta. Una aproximación teológico-pastoral. Madrid: Salterae: 2011.

VVAA. **Diccionario del Sacerdocio.** Madrid: BAC, 2005.

DIDAQUÉ. In: **Padres Apostólicos.** São Paulo: Paulus, 2014, p. 198-210.

ÉBANO, C. **Seminaristas participam do encontro de formação missionária.** Disponível em: <http://arqrio.org/noticias/detalhes/8072/seminaristas-participam-do-encontro-de-formacao-missionaria>. Acesso em 24 de agosto de 2021.

ERPEN, J., **Papa: clericalismo é uma perversão da Igreja.** Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/201808/papafranciscoigrejaclericalismojovenssinodo.html>. Acesso em: 08/09/2021.

FERREIRA, R. F. Papa Francisco, e o método? Considerações sobre método ver-julgar-agir utilizado pelo Papa Francisco. **Pensar Revista Eletrônica da FAJE**, v.7, n.2, p. 215-228, 2016. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/download/3649/3750/12245>. Acesso em: 01/09/2021.

FORTE, B. A vida espiritual do padre. In COMISSÃO EPISCOPAL DO CLERO SEMINÁRIOS E VOCAÇÕES. **Padres para este tempo: III Simpósio do Clero**. Porto: Comissão Episcopal do Clero Seminários e Vocações, 1994, p. 117-128.

FRANCISCO, PP. **Amoris Laetitia**. Exortação Apostólica pós-sinodal sobre o amor na família. São Paulo: Paulus, 2016.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral em 20 de maio de 2015**. Disponível em: vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papafrancesco_20150520_udienza-generale.html. Acesso em: 08/09/2021.

FRANCISCO, PP. **Come uma madre amorevole**. Lettera Apostólica in forma de Motu Proprio. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/it/motu_proprio/documents/papafrancesco-motu-proprio_20160604_come-una-madre-amorevole.html. Acesso em: 06/09/2021.

FRANCISCO, PP. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2014.

FRANCISCO, PP. **Homilia do Santo Padre Francisco em 28 de março de 2013**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papafrancesco_20130328_messa-crismale.html. Acesso em: 01/09/2021.

FRANGIOTTI, R. **Padres apostólicos**: Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hernas, Carta de Barnabé, Pápias, Didaqué. São Paulo: Paulus, 1995.

FRANKL, V. **Man's searching for meaning**: An introduction to logotherapy. Boston: Beacon Press, 1973.

GAMARRA, S. **Manual de espiritualidad sacerdotal**. Burgos: Monte Carmelo, 2008.

GARCÍA, A, R. **Unidade na Pluralidade**: O Ser Humano à Luz da Fé e da Reflexão Cristã. São Paulo: Paulus, 2014.

GREGÓRIO MAGNO. **Regra Pastoral**. São Paulo: Paulus, 2010.

GUARDINI, R. **L'essenza del cristianesimo**. Brescia: Morcelliana, 1993.

GUARINELLI, S. **El sacerdote inmaturo**: un itinerario espiritual. Salamanca: Sígueme, 2014.

HERMAS. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 96-166.

IMODA, F.; KIELY, B. (Orgs.). **Buscando Jesus**: Caminho e acompanhamento Vocacional. São Paulo: Paulinas, 2002.

IMODA, F. (Org.). **Olhou para ele com amor**. Psicologia da vocação na fase da juventude. Vol. 2. São Paulo: Paulinas, 2002.

IMODA, F. **Psicologia e ministério**: o desenvolvimento humano. São Paulo: Paulinas, 2016.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. Coletânea de epístolas. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 52-78.

IRINEU DE LIÃO. **Contra as Heresias**. São Paulo: Paulus, 2010.

JAGURABA, M. **O Papa: as fragilidades são um lugar teológico**. Os sacerdotes super-homens terminam mal. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-06/papa-francisco-sacerdotes-franceses-fragilidades-lugar-teologico.html>. Acesso em: 08/09/2021.

JOÃO PAULO II, PP. **Pastores Dabo Vobis**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a formação dos sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 1992.

JOÃO PAULO II, PP. **Redemptor Hominis**. Carta encíclica sobre o Redentor do Homem. São Paulo: Paulinas, 1990.

JUSTINO DE ROMA. Apologia I. São Paulo: Paulus, 2010, p. 20-60.

KASPER, W. **El sacerdote, servidor de la alegría**. Salamanca: Sígueme, 2009.

MÉZERVILLE, G. **Maturidade sacerdotal e religiosa**: um enfoque integrado entre psicologia e magistério. São Paulo: Paulus, 2000.

MIRANDA, M. F. **A Igreja Somos nós**. São Paulo: Paulinas, 2013.

MORO, C. **A formação presbiterial**. Em comunhão para a comunhão. Perspectivas para as casas de formação sacerdotal. Aparecida: Santuário, 2005.

MUCI, S. **El sacerdocio según San Juan Crisóstomo**. Disponível em: https://nanopdf.com/download/el-sacerdocio-segun-san-juan-crisostomo_pdf. Acesso em: 08/01/2022.

ORÍGENES. **Homilias sobre o Evangelho de São Lucas**. São Paulo: Paulus, 2016.

PAULA, R. A.; NASCIMENTO, A. M., Os significados da experiência interna da formação presbiterial. Uma análise temática fenomenal. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v.24, n.1, p. 24-34, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v24n1/v24n1a04.pdf>. Acesso em: 08/09/2018.

PAULO VI, PP. **Evangelii Nuntiandi**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Loyola, 1976.

PEIXOTO, C. H. **O valor antropológico da direção espiritual**. Petrópolis: Vozes, 2021.

PEREIRA, L. A. T. **“Creio firmemente que desde sempre o Senhor me criou para ser sacerdote”**: a vocação sacerdotal à luz da análise de narrativa. Rio de Janeiro, 2018, 149p. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

POLICARPO DE ESMIRNA. In: **Padres Apostólicos**. Policarpo de Esmirna. São Paulo: Paulus, 2010, p. 79-95.

PRADO, A. C. **Considerações Sobre a Liturgia Segundo São Justino**. São Paulo, 2011, 121p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo.

RAMIREZ, J. R. P. **Psicologia e formação**: princípios psicológicos utilizados na formação para o sacerdócio e a vida consagrada. Aparecida: Santuário, 2013.

RATZINGER, J. Pontos de referencia cristológicos. In: **Miremos al Traspasado**. Rafaela: Fundación San Juan, 2007, p. 11-58.

RATZINGER, J. **Ser cristão na era neopagã**: Discursos e Homilias. V. 2. Campinas: Ecclesiae, 2015.

RULLA, L. M. **Antropologia da vocação cristã**. São Paulo: Paulinas, 1987.

RULLA, L. M. **Psicologia do profundo e da vocação**. As instituições. São Paulo: Paulinas, 1977.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Pontifical Romano**. São Paulo: Paulus, 2001.

SANTOS. A. A. **O exame de si mesmo**. São Paulo: Loyola, 2017.

SANTOS, W. A. M. Educação para o amor na escola católica a partir da teologia do corpo de João Paulo II. **Dialogando**, v.4, n.6, p. 32-46, jan./dez. 2019.

SCICLUNA, C. J. La búsqueda de la verdad en casos de abuso sexual: un deber moral y jurídico. Verso la Guarigione e il Rinnovamento. In: **Simposio 2012 della Pontificia Università Gregoriana**. Roma: LEV, 2012, p. 73-83.

SIQUEIRA, J. C. **Laudato Si**: Um presente para o planeta. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

SINODO DOS BISPOS. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**. XV Assembleia geral ordinária. Brasília: Edições CNBB, 2019.

SOLANO, R. **Ideologia de gênero ea crise da identidade sexual**. Cachoeira Paulista: Edições Canção Nova, 2016.

SOUZA. A. Os “padres novos” no Brasil. Aspectos históricos e formação identitária. **Revista Pistis e Praxis**, Teol. Pastor., Curitiba, v. 13, n. 3, p.1207-1224,

set./dez.2021.<https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/viewFile/28673/25363>
. Acesso em: 12 jan. 2022.

TRANSFERETTI, J. A.; MILLEN, M. I. D. C.; ZACHARIAS, R. (Orgs.).
Formação: desafios morais. Vol. 2. São Paulo: Paulus, 2020.

TRASFERETTI, J. A.; COELHO, M. M.; ZACHARIAS, R. (Orgs.). **Teologia da prevenção: por um caminho de humanização**. São Paulo: Paulus 2021.

TUTAS, M. R. São João Crisóstomo e São Gregório Magno: uma fonte de inspiração para a vida pastoral. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 51, p. 500-528, set./dez.2015.

URIARTE, J. M. **O Celibato: apontamentos antropológicos, espirituais e pedagógicos**. São Paulo: Paulinas, 2015.

VIDAL, M. **Sexualidad y condición homosexual en la moral cristiana**. Buenos Aires: San Pablo, 2010.

